

EX-LIBRIS

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

Le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

A

INDEPENDENCIA

DO BRASIL.

A INDEPENDENCIA DO BRASIL

POEMA EPICO EM XII CANTOS

DEDICADO, OFFERECIDO E CONSAGRADO

A Sua Magestade Imperial

O SENHOR

D. PEDRO II

E OFFERECIDO

ÀS AUGUSTAS, VIUVA E FILHAS

DO HEROE DO POEMA

POR SEU AUCTOR

Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa.

TOMO SEGUNDO.



RIO DE JANEIRO

EMP. TYP. DOUS DE DEZEMBRO DE P. BRITO

IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL.

1855.

POEMA EPICO.

DOZE CANTOS.

Como Segundo,

CANTO SETIMO.

CANTO VII.

ARGUMENTO.

E' dia. Continuum os viandantes a viagem. Ata D. Pedro a narração. Episodio de Marina e seus filhos, familia portugueza. Amores do portuguez Leonido, e da joven brasileira Aurea. Duello infausto de dous irmãos, sem se-conhecerem ; morte de ambos. Morte de Marina sua mãe. Voto de Aurea. Duello do Braguez e de Nunes: morte de ambos. Atrevimento de d'Avilez. D. Pedro resolve o assedio do Castello. D'Avilez capitula. Sob condição acceita D. Pedro a capitulação. A bahia de Nitherohy. A Praia-Grande. Passa a tropa lusa para a Praia-Grande. A Princeza real D. Carolina esposa de D. Pedro: sua viagem para Santa-Cruz: sonho que teve. Doença de D. João, Principe da Beira. Preces. Morte do Principe. Lagrimas da Princeza. Consolação.

A

INDEPENDENCIA DO BRASIL



CANTO VII.

—

I.

 **OTEMOS** como é grata a Natureza
Neste ditoso, e placido terreno!
Que naturaes encantos! Que riqueza!
Que tão suave céo! Que ar tão sereno!
Que graças, que delicias, que belleza
Esparge a aurora neste clima ameno!
Em cada bello sol, que se-renova,
Parece a Natureza ser mais nova!

II.

Assim dizia alegre um estrangeiro,
 E para o grande Pedro se-voltando:
 « — Agora vós, discreto Brasileiro,
 Enquanto vamos juntos caminhando,
 Dae-nos esse prazer tão lisongeiro:
 Continuae, que iremos escutando.— »
 Tal a lingoagem foi sua expressiva;
 E Pedro ata dest'arte a narrativa:

III.

« Entre esses europêos recém-chegados
 Havia uma familia esclarecida;
 Era de dous mancebos esforçados,
 E uma honrada mãe, de santa vida;
 Á luz ambos n'um parto foram dados,
 Que alliança os-ligava tão querida!
 Eram da mãe os filhos doce affecto,
 A mãe era dos filhos doce objecto!

IV.

« Era um dos jovens portuguez soldado
 Valente, corajoso, e destimido;
 O outro, bem que ás letras todo dado,
 Pelas armas tambem era temido;
 Tinha o primeiro o nome de Belgrado,
 Chamava-se o segundo Leonido;
 E a mãe, que os dous gêmeos tanto amava,
 É fama que Marina se-chamava.

V.

« Amava ternamente Leonido
 Á gentil Aurea, candida donzella;
 E era em doce amor correspondido
 Por essa joven sem-egual tão bella!
 Por seus paes, com prazer, já consentido
 Ia um doce hymeneu ligal-o á ella;
 Filha de uma familia brasileira,
 Era de ricos paes ditosa herdeira.

VI.

« Ou fosse convicção do intimo peito,
 Ou fosse o seu amor que o-inclinava,
 Via o brasilio esforço satisfeito,
 E certo é que ao Brasil sincero amava :
 Nutrindo seu irmão negro despoito,
 O brasilico empenho detestava :
 Mas este era das lettras tributario,
 E aquelle um soldado, um mercenario.

VII.

« Ia todas as noutes Leonido
 Passar em doce, e amena companhia
 Algumas breves horas entretido
 No seio da innocencia, e da alegria;
 Era nos lares d'Aurea recebido
 Com a mais suave, e doce sympathia:
 Para nessa visita, tão prezada,
 Pender em doce amor da bocca amada.

VIII.

« Alli, n'uma innocente sociedade,
 Se-ouvia um caso então jocoso, ou serio,
 Ou das lettras com sabia gravidade
 Fallava Leonido com criterio ;
 Ou Aurea já com doce suavidade ;
 Juntava a doce voz ao seu psalterio ;
 E Leonido, gozando um bello ensejo,
 Furtava á nivea mão modesto bejo.

IX.

« Voltando desta doce companhia
 O terno Leonido apaixonado,
 Buscando a doce mãe se-recolhia ;
 De amor, e de futuros vem pejado :
 E como vinha cheio de alegria,
 De repente por dous vê-se affrontado :
 O corpo um tanto atraz furta ligeiro,
 E leva a espada em mão de cavalleiro.

X.

« Atacavam dest'arte arrebatados
 Os Lusos ás pessoas, que passavam ;
 Por isso todos sem cessar armados,
 Prevenidos assás em tudo andavam :
 Os dous, que accommettiam confiados,
 Ambos com Leonido se-travavam :
 Eram de uma patrulha dispersada,
 Por Belgrado em pessoa commandada.

XI.

« De curta duração foi tal debate,
 Que dardejando prompto golpes varios
 Leonido pôe fim quasi ao combate
 Atirando por terra os dous contrarios ;
 Mas quando se-crê livre deste embate,
 Dos dous, sobre elle, veem dous partidarios ;
 E quando já cansado quasi almeja,
 Trava com elles desigual peleja.

XII.

« Suster não pôde o esforço Leonido
 Dos dous ; e assim do bote de uma espada
 Cahe por terra, de morte já ferido,
 Tornando-a com seu sangue purpurada.
 Ao cahir traspassado, n'um gemido... »
 Exclama — Oh minha mãe!... desventurada!...—
 Dice : e o outro exclamou amargurado :
 — Oh meu irmão !... Que fiz? Oh desgraçado! —

XIII.

« Da mão saltou-lhe o ferro fraticida,
 E cahiu sobre o irmão desconsolado !
 — Que fiz? Oh dor! oh scena denegrida !
 Oh desastroso caso ! oh duro fado !
 Oh ! quem tivera mais do que uma vida
 Para tornar-te á vida, ó desgraçado !
 Que farás, minha mãe, nesta amargura ?
 Tu não verás teus filhos sem ventura !

XIV.

« Tu me não lançarás, chorando, em rosto
A morte de teu filho sem ventura,
A tua extrema dor, o teu desgosto,
Tuas iras, talvez, tua amargura !
Nem tu ver-me-has, ó Aurea, descomposto
Perante o teu pezar, tua tristura !
Tu me não chamarás endurecido,
Cruento matador do teu querido !

XV.

« Sobre mim cáhia toda desabrida
A maldição do céo , e com presteza
Abra-se a terra, trague um fraticida,
E vingue desta sorte a natureza!...—
Leonido com voz quasi sumida,
Lhe-diz : — Consola, irmão, essa tristeza;
Sómente uma alma n'uma vida temos,
E cedo, ou tarde a-entregar devemos.

XVI.

« Meu matador não és ; vae descansado,
Pois que salvar-te tu, nem eu podia
D'aquillo que tem Deos determinado
Em a sua eternal sabedoria !
Volta p'ra nossa mãe, irmão amado,
Consola sua dor, sua agonia,
E não lhe-digas de nem-uma sorte
Que foi o braço teu quem deu-me a morte !

XVII.

« Vae para nossa mãe; fica a seu lado;
 Vê que ella pela edade se-consome !
 E junto della sempre, filho amado,
 Faze que a sua dor, e a pena dome :
 Ah! dize á Aurea, esse anjo.... idolatrado....
 Que eu... antes de morrer... chamei seu nome...
 Consola-a tu... e dize á joven bella...
 Que eu morri... adorando... a patria .. del. la...—

XVIII.

« Assim dice; expirou. Então Belgrado
 Toma de novo o ferro, que largára.
 —O' meu Deos (assim grita angustiado)
 Eu nuncio não serei da nova amára !
 Ah ! saiba nossa mãe, irmão prezado,
 Que a minha morte á tua se-ligára.. —
 Dice: e contra 'seu peito o ferro vira,
 Fere-se, geme, cahe, arqueja, expira !

XIX.

« Marina neste instante miseranda
 O rosto tendo para o céo voltado,
 'Stava então ao Senhor se-encommendo;
 Pois repousar seu corpo ia cançado.
 De repente Marina ouviu piando
 Coruja funeral sobre o telhado :
 Insectos dous por toda a casa voam;
 Sobre a porta pancadas tres retroam !

XX.

« Cala-lhe o corpo horrivel calafrio,
 Terrivel susto o coração lhe-escala,
 Ergue os cabellos rapido arrepio,
 Quasi alma angustiada a triste exhala !
 Assim no meio deste horror sombrio
 Quer gritar, mas em vão, foge-lhe a falla !
 Assim teve o espirito neste enredo,
 Té que em fim á razão cedeu o medo.

XXI.

« Encaminha-se á porta, e ahi: — Quem bate? —
 Ella então perguntou, mais socegada;
 Muito espera a resposta, e p'ra remate
 Ouve uma afflicta voz mais que assustada :
 Era o mesmo soldado que o combate
 Viu, e essa tragedia desastrada:
 A casa de Marina receiosa
 Entra o nuncio da nova dolorosa.

XXII.

« Entra o triste na sala pranteando,
 E confuso á infeliz Marina encára;
 Traspassado de dor, e soluçando
 Tres vezes quer fallar, tres vezes pára !
 — Ah fallae, por pio lade, receiando,
 (Marina já tres vezes lhe-bradára)
 Fallae : que succedeu ? que triste sorte ?
 Tive horriveis signaes, signaes de morte !—

XXIII.

« Narrou o triste então dos desditosos
 O que entre elles combate ha pouco houvera...
 Ponderae, estrangeiros piedosos,
 O coração de mãe quanto soffrêra!
 Mas quando entre soluços lamentosos
 Affirma que um, e outro alli morrêra...
 Convulsiva com as mãos ao rosto acóde,
 E—Basta—quer dizer, dizer não póde!

XXIV.

« Apôs de reflexão assás ligeira:
 De repente serena o seu aspecto;
 Parece até um tanto prazenteira,
 Ou que a mais leve dor não tem seu peito!
 Ou é que assim fingindo-se fagueira:
 Occulta o coração lethal despeito!
 Porem si a dor o coração lhe-opprime,
 Quanto sabe soffrer! quanto é sublime!

XXV.

« Sahe a triste de casa em tal desdita,
 Em desalinho, a trança desgrenhada!
 Tal de Armoni, e Mifibqseth, afflicta:
 Sahe da cidade, a mãe desventurada,
 P'ra no monte do fero Gaboanita
 Chorar a sua dor desconsoada;
 Orphã de ambos os filhos desgraçados,
 Diante do Senhor crucificados!

XXVI.

« Ao logar da tragedia é conduzida
A mãe dos dous mancebos malfadados:
Chega, e vê a infeliz. .. estão sem vida
Seus filhos sobre a terra macerados !
Dubia recúa pela dôr tranzida ;
De novo busca os corpos tão amados....
Geme, cahe.... e aos corpos n'um transporte
Abraça... e neste abraço abraça a morte !

XXVII.

« De sua extrema dor toda linguagem
Foi apenas um ai, e um ai de morte !
Deste modo uma extrema, alta homenagem
Ao maternal amor pagou tão forte !
Oh! possa um dia tão funesta imagem
Aos homens recordar tão triste sorte !
Para um exemplo tal purgar da terra
Os negros males d'intestina guerra!

XXVIII.

« Sabendo a triste nova Aurea, a mui bella
Chorou muito, e gemeu no seu tormento;
E ao depois desejo foi só d'ella
P'ra sempre emparedar-se n'um convento:
O terno pae da candida donzella
Não se-mostrou contrario ao santo intento;
E foi, para esquecer tantos pezares,
Tomar divino esposo ante os altares !

XXIX.

« No entanto ardendo Nunes na vontade
De haver-se co o Braguez, valente, e forte,
Volvia pelas ruas da cidade
Procurando encontrar vingança, ou morte.
Depois da de Gonzaga infelicidade
Passaram-se tres dias desta sorte;
Sem que os dous inimigos se-encontrassèm,
Com quanto mutuamente se-buscassem.

XXX.

« Que á frente de vinte homens quiz o fado
Achasse-se o Braguez: de petulante;
Com este corpo então, um tanto ousado
Vagava em alguns pontos arrogante!
Nunes, isto sabendo, arrebatado
A buscal-o partiu no mesmo instante;
E quando o seu contrario procurava
Ápenas só dez homens commandava!

XXXI.

« Assim que frente á frente se-encontraram
Os corpos, inimigos furiosos,
As senhas entre si logo trocaram,
E se-lançam insultos horrorosos!
Entre estas contumelias se-atacaram
Com funesto valor impetuosos!
Os arcabuzes rapidos atroam,
Sibilam balas, pelos ares voam.

XXXII.

« Pouco estrago causou tanta descarga!
 Mas logo em grita horrenda ás mãos vieram!
 Os homens do Braguez pesando em carga
 Sobre os de Nunes de repente deram:
 Travou-se a ensanguentada scena amarga;
 Nem-um morrer, matar todos esperam!
 Busca o Braguez então seu adversario,
 E Nunes encontrar quer seu contrario!

XXXIII.

« Vendo Nunes que o tempo se-perdia
 Sem que provasse com o inimigo ousado
 Seu valor, sua nobre valentia,
 E visse o caro amigo seu vingado;
 Um Luso, que fugir-lhe pertendia,
 A quem tinha ligeiro desarmado,
 O-prendendo ameaça-o desta sorte:
 — Ou mostra-me o Braguez, ou dou-te a morte

XXXIV.

« —Vês aquelle que traz pendente ao lado
 Todo tinto de sangue um talabarte?
 É o Braguez; ganhou-o esse soldado,
 Que a Gonzaga matou sem manha, ou arte.—
 Dice. Quando o Braguez arrebatado
 Parecia com a espada um novo Marte!
 Crecicis nelle ver Turno arrogante,
 Trazendo ao lado o cinto de Palante!

XXXV.

« Per entre os combatentes furioso,
 Caminho abrindo com a tremenda espada,
 Parte Nunes correndo impetuoso,
 Como quem tem em fogo alma abrasada!
 Parando ante o Braguez, medonho, iroso,
 Com uma voz de trovão assim lhe-brada:
 —Eia, Braguez! agora a nossa sorte....
 Ou Nunes, ou Braguez! ou vida, ou morte!—

XXXVI.

BRAGUEZ.

« (Responde-lhe o Braguez)... — bem vindo sejas!
 Legou-te o teu amigo alta vingança,
 Cara te-custará, si hoje a-desejas;
 Vingado elle vae ser.... Nunes, descança.. —
 — A ironia (Diz Nunes) que dardejas,
 Castigada será sem mais tardança.... —
 Os outros combatentes recuaram,
 E aos dous campeões campo deixaram!

XXXVII.

« Travou-se memoranda em valentia,
 Entre os dous bravos, sanguinosa guerra!
 Qual mais o braço com mais força erguia;
 Este golpe resvala, e aquelle erra:
 Gemendo a tanto esforço parecia
 Que em baixo de seus pés tremia a terra!
 E quando os duros ferros se-encontravam
 Vivas centelhas em redor brilhavam!

XXXVIII.

Quando o tigre, e o bufalo furioso
Batem-se em campo, com egual braveza,
Este mugindo tumido, horroroso,
Não ostenta mais força, e mais fereza!
Rugindo aquelle, horrendo, e pavoroso,
Não tem maior furor, nem mais destreza!
Ambos só a figura teem de humanos,
Pois combatendo são tigres hyrcanos!

XXXIX.

« Cem golpes com presteza são lançados,
Zunem no ar as rapidas espadas!
Cem golpes com presteza são frustrados,
Tê quasi á terra as armas vão pesadas!
Ao cabo de dez golpes desprezados
Vão retinindo as armas encontradas!
E deste horrido encontro memorando
Vão os echos das armas retonando!

XL.

« Havia meia hora que o debate
Tinha entre os dous leões principiado:
E nem se-assimilhava que o combate
Fosse inda em huma hora terminado!
Bem que fosse terrivel tanto embate,
Nem-um, nem levemente, era lesado!
Tão bem um golpe alli se-prevenia!
Tão bem qualquer dos dous se-defendia!

XLI.

« Vendo assim o Braguez, que era perdido
 O tempo em que co'a espada combatia,
 Usou de manha; mas, mui bem havido,
 A manha disfarçou com a cortezia;
 Foi-se chegando a Nunes atrevido,
 Que tambem se-chegando o-accommetia;
 E tanto um para o outro se-chégaram
 Que inuteis as espadas se-tornaram.

XLII.

« Porem Nunes prudente, e cauteloso
 Previsto tinha do Braguez o invento;
 Fingiu o luso rapido, e manhoso
 A espada lhe-cahir neste momento,
 E com seu braço intrepido, e forçoso
 Travar do braço opposto é seu intento:
 Larga Nunes a espada, e se-entravaram
 Seus braços, e uma lueta começaram.

XLIII.

« Crierieis dous Athletas n'outra edade
 Nos Olympicos jogos disputando !
 Em tanta força, em tanta anxiedade
 Parece irem seus membros se-estalando !
 Empenha um toda força, e actividade,
 Vae o outro impellido recuando ;
 Este depois empenha a força sua,
 Por sua vez o outro então recúa !

XLIV.

« Torcem com força os musculosos braços,
 Tornam-se as mãos depois entrelaçadas,
 E ligando-se em seus ferreos abraços
 Columnas quatro á terra estão pregadas!
 Param, sem destravar tão feros laços,
 Como que tendo as forças esgotadas;
 E parecem então em seus furores
 As estatuas de dous gladiadores!

XLV.

« Tomava cada qual dos dous partidos
 Uma parte moral em tanto p'riço,
 E lançavam, em gritos desabridos,
 Mil injurias, mil dictos ao imigo;
 Ou d'outra arte em medonhos alaridos
 Exclamando exhortava-se ao amigo,
 E nesta lucta pavorosa, e forte
 Entre os guerreiros dous pairava a morte.

XLVI.

« Oh combate immortal digno da historia,
 E dos encomios da futura gente!
 Ante tanto heroismo, e tanta gloria
 Quem negará louvor, louvor ingente?!
 Desceu enfim o anjo da victoria
 Ao esforço c'roar de um combatente!
 De Nunes a um esforço arrebatado
 Cabe por terra o Braguez de atordoado!

XLVII.

« Murmúrios então soam de um lado,
E o outro o triumpho festejava !
Eis co'um joelho Nunes mais que irado
O peito do contrario magoava:
Tira um punhal, e erguendo o braço armado
Exclamando — Gonzaga !!! — o ferro crava !
Abre no coração mortal ferida,
E arranca o ferro lhe-arrancando a vida !

XLVIII.

« De sangue involta em borbotão fervente
Pela enorme ferida escancarada
Entre furias bramindo sahe vehemente,
Terrivel aquella alma angustiada !
Repete Nunes com furor ardente
Os golpes na ferida dilatada !
E dentro da ferida o ferro move,
Qual se-teme que a vida se-renove !

XLIX.

« Ergue-se logo Nunes victorioso,
E de novo tomou a illustre espada:
O portuguez partido furioso
O-avançando então — Vingança — brada:
Oh negro sentimento vergonhoso !
Oh gente tão sem fé, quanto malvada !
Mas ah ! não eram estes na verdade
Os nobres lusitanos d'outra idade !

L.

« De novo veem ás mãos estes guerreiros
 Espargindo entre fúrias negros damnos ;
 Que fariam tão poucos Brasileiros
 Contra um num'ro maior de lusitanos ?
 Correm de sangue tepidos ribeiros,
 Retumbam tantos golpes deshumanos !
 Nunes, o bravo Nunes, tão cançado,
 Vê-se em novo combate inda empenhado.

LI.

« Os poucos Brasileiros preferiram
 Antes mortos cahirem, que rendidos ;
 D'effeito, os corajosos não fugiram,
 Cahindo todos mortos, ou feridos !
 Os portuguezes todos affluiram
 Contra Nunes sósinho, enfurecidos,
 Que junto a uma parede então se-estaca,
 E d'alli se-defende, e horrendo ataca.

LII.

« Sobre elle toda turba em chusma vinha,
 Mas nem-um se-lhe-atreve, e nem o-alcança ;
 Sobre a cabeça a espada remoinha,
 E toda chusma para longe lança !
 Tanta força e valor ninguem sostinha,
 E desta sorte aos inimigos cança !
 Dirieis que era Cocles pelejando,
 Todo o valor Etrurio sustentando !

LIII.

« Chegar-lhe não podia um lusitano,
 E aquelle que mais se-lhe-atrevia,
 Punindo logo seu arrojo insano
 Sobre a terra sem vida o-estendia !
 Desta sorte causando a todos damno
 Inda o bravo matava, inda feria !
 Conheceram então que era impossivel
 Com a espada vencer um invencivel !

LIV.

« Lembrou-se um lusitano combatente
 Que de polv'ra um cartuxo inda em si tinha.
 Deixa os outros, carrega de repente
 O flammivomo ferro. . . Alma daminha !
 Carregado, veloz, com a morte em frente,
 Para perto de Nunes se-encaminha :
 Dispara. . . e a chamma lampejando exhala
 Com forte atrôo a sibilante bala. . . »

LV.

Aqui os estrangeiros indignados,
 Expressiva tomando uma attitude,
 Exclamaram de horror arripiados :
 —Oh ! que horrivel traição ! Oh gente rude !
 Estes termos do peito despejados
 Não eram mais que esforços da virtude !
 Passada nelles a impressão tão viva,
 De novo tornou Pedro á narrativa.

LVI.

« Atravessou-lhe o peito a horrenda bala,
 E ferido cahiu queda de morte...
 No chão já quasi extincto sóta a falla,
 Ultimo esforço de seu peito forte :
 —Só á traição !!!— Dizendo o esp'rito exhala ;
 Soffreu a vida o derradeiro corte !
 Os lusos isto ouvindo envergonhados
 Ante tanto valor ficam pasmados !

LVII.

« E pois em suas veias murmurava
 Inda um resto de sangue lusitano;
 Este resto, que nelles circulava,
 Tornou-lhes negro o caso deshumano !
 Aquelle, que uma affronta tal causava,
 Foi reputado como um monstro insano !
 O corpo do Braguez então tomaram
 E o de Nunes, e ao quartel levaram.

LVIII.

« Chegados ao quartel, contam qual sorte
 Teve o illustre Braguez, tão esforçado ;
 Todos sentiram dôr sincera, e forte
 De seu mesquinho, desastroso fado !
 De todos foi chorada a sua morte,
 Sem o seu matador ser detestado ;
 Ninguem um peito nobre desconhece,
 Honra subida, que o valor merece !

LIX.

« Assim á patria pois sacrificados
Tão moços acabaram dous amigos !
Acabaram, porém, mui bem vingados
Tendo immolado tantos inimigos !
Estes são desses poucos invejados,
Que ao fado vencem, calcam mil perigos,
E trocam esta vida c'lamitosa
Por sempiterna vida gloriosa !

LX.

« Exulta, ó feliz patria ! Esta memoria
Ha de ao tempo fazer ruidosa affronta !
Tu, ó Italia, templo da Victoria,
Cuja fama inda aos astros se-remonta,
Olha deste Brasil a excelsa gloria,
Pois nobre em seus annaes já hoje conta,
Em despeito de insanos prêjuizos,
Euryalos tambem, tambem seus Nisos !

LXI.

« Sepultados ficae na terra dura,
Claros, valentes, Brasileiros peitos !
Mas não tão funda é vossa sepultura
Que nos-roube a lembrança de taes feitos !
Será vossa memoria eterna, e pura
Da patria nos clarissimos conceitos ;
Pois em quanto existir a patria amada
Será vossa memoria celebrada !

LXII.

« Em quanto derem culto os illustrados
Às famosas acções de valentia;
Em quanto aquelles forem respeitados
Que obraram tanto em plena galhardia ;
Vós, amigos fieis, puros, e honrados,
A quem agora cobre a terra fria,
Por vossa sem-egual heroicidade
No templo vivereis da Eternidade !

LXIII.

« Não pôde d'Avilez saber sem pena
Do infausto Nunes a mesquinha sorte ;
E d'infame, e cobarde elle condemna
O scelerato, que lhe-dera a morte ;
Ao depois funeraes, honras ordena
A ambos, dignas de valor tão forte !
Um dia no quartel foram guardados
De mil admiradores rodeados !

LXIV.

« Já muito dos soldados lusitanos
Tinham subido a audacia, e seus furores ;
Involto todo o povo em tantos damnos
Era em meio de sustos, e terrores :
Castigar pois arrojos mais que insanos
Julgou Pedro dever com mil rigores :
Decidir a questão devem as armas,
E retumbam então geraes alarmas !

LXV.

« Mas d'Avilez, que altiyo os céos atroa
 Com feros, e ameaças orgulhoso;
 Levar, por força, o Principe á Lisboa
 Promettia minaz, jactancioso !
 Mal que esta audacia nos ouvidos soa
 Do povo do Janeiro valeroso,
 Jura este, em todo horror de crua guerra,
 Negar-lhe a agua, o ar, o fogo, a terra !

LXVI.

« Contra os lusos então d'enfurecido
 Principiou do povo o odio, o tedio;
 Tinha o perigo já muito crescido,
 E convinha lhe-dar prompto remedio:
 Foi logo por Dom Pedro resolvido
 O Castello cercar com duro assedio,
 Pois que tinha seguro em seu juizo
 Rendel-os pela falta do preciso.

LXVII.

« Viu então d'Avilez muito imminente
 O mal ; e p'ra que todos se-salvassem
 Capitulou humilde incontinente;
 Mas supplicou que as armas lhes-deixassem:
 Pedro lh'-as-concedeu de boamente;
 Porém quiz que a cidade evacuassem;
 Que além de seus suburbios assistissem,
 Até que p'ra Lisboa se-partissem.

LXVIII.

« Rolando o mar per entre ampla abertura,
 Rompe a barra entre montes ao Janeiro !
 Com que graças a pródiga Natura
 Tornou este logar tão prazenteiro !
 É a entrada extensissima, e segura
 Deste tão amplo porto hospitaleiro:
 De ledices, encantos, e belleza,
 Se-empenhou de adornal-o a natureza.

LXIX.

« Sobre a esquerda da barra alevantada
 A pyramide está de rocha dura;
 Com a fronte aguda, para os céos lançada,
 Cêrca de braças cem mostra n'altura;
 Por todos—Pão d'Assucar—é chamada;
 Veiu-lhe um nome tal de tal figura;
 Sentinella fiel, mostra constante
 Caro repouso ao lasso navegante.

LXX.

« Esta eminente penha granitosa
 Tem entre os naturaes da terra fama;
 Pois della tradição miraculosa
 Inda de paes a filhos se-derrama;
 E esta pedra entre elles tão famosa
 Ainda agora Itá-Paié se-chama;
 Este nome entretanto não é vago,
 Pois elle quer dizer :— Pedra do Mago.--

LXXI.

« Defronte desta roca, d'outro lado,
 Um forte existe, que muita arte indica ;
 Este sobre uma ponta collocado
 A barra dominando á entrada fica :
 Da Senhora da Guia lhe-foi dado
 O nome, e tal razão se não explica :
 Mendo, seu fundador, nobre guerreiro,
 Foi quem um nome tal deu-lhe primeiro.

LXXII.

« Hoje por Santa-Cruz é conhecido,
 Elevado por grossa cantaria ;
 Varia em calibres seus é defendido
 Por terrivel, pesada artilharia ;
 Á vista se-apresenta guarnecido,
 Ouriçado de crespa bateria !
 Crieréis, vendo a fortaleza bella,
 Uma antiga, invencivel cidadella !

LXXIII.

« Estão dentro da barra, ao opposto lado,
 Mais duas baterias collocadas,
 N'um ameno logar, bem assentado,
 De S. Theodosio, e S. José chamadas ;
 Constituem hoje um forte bem armado,
 Sendo por S. João appellidadas.
 Com estas fortalezas, que fundára,
 Mendo de Sá a barra assim trancára.

LXXIV.

« Ha no meio da barra, guarnecido
 Das ondas, um lagedo, e a parte em duas :
 Com arte ha nelle um forte construido,
 Expondo aos mares as muralhas suas :
 Quando o mar o-combate enfurecido
 O-cobrem quasi inteiro as ondas cruas :
 E este forte acolá tão perigoso
 É o forte da Lagem tão famoso †

LXXV.

« D'ahi vae para o norte destendida
 Essa, que ao estrangeiro deixa absorto,
 De Nicterohy bahia, conhecida
 Talvez pelo do mundo o melhor porto !
 Seu nome quer dizer — Agua-escondida —
 Porém outros suppõem seja — Mar-morto —
 Assim pois Nictheroy, ou Guanabára,
 Destes climas o íncola a-chamára.

LXXVI.

« Cobrindo um largo espaço, e extensissimo
 Um grande valle sem-medida inunda
 O mar, que aqui se-vê dilatadissimo,
 Que de formosas ilhas todo abunda !
 Abrigado, seguro, e profundissimo,
 Vasta bahia fórma, e sem-segunda !
 Encontra então aqui quanta belleza
 O grave indagador da natureza !

LXXVII.

« Orlam por varias partes a bahia
 A branquejar as praias engraçadas ;
 Aonde a natural, maga alegria
 Tem myriades graças empenhadas !
 É tal destes encantos a magia
 Que vos-crierieis n'um paiz de fadas !
 Não se-afigram pois prazeres tantos,
 Graças, que crescem, produzindo encantos !

LXXVIII.

« Soberbos edificios elegantes
 Sobre a borda do mar no mar se-miram !
 Magos jardins, pomares abundantes,
 A ternura, a poesia almos inspiram !
 Meigas, suaves brisas, susurrantes
 Per entre as flores magicas suspiram !
 Mil flores com seu cheiro aqui recream,
 Formosas bellas por aqui passeam !

LXXIX.

« São estas bellas aguas semeadas
 De grandes, e pequenas, bellas illas ;
 Cobertas de culturas, povoadas
 Estão estas do mar formosas filhas ;
 De galas naturaes apavonadas,
 São deste mar jucundas maravilhas !
 Mais p'ra barra, de todas destacada,
 A Urussumiri está collocada.

LXXX.

« Aqui neste logar, altivo, e ousado
 Foi por Villegagnon, lá n'outra edade
 De Coligni o Forte collocado,
 Que distante bem pouco é da cidade.
 Logo depois seu nome foi mudado
 Por outro de menor celebridade:
 E hoje o Forte alli bem construido
 Só por Villegagnon é conhecido !

LXXXI.

« Circumdã a bahia graciosos
 Soberbos batalhões d'erguidos montes,
 De cujos bellos cumes orgulhosos
 Snaves correm crystallinas fontes !
 Uns mais humildes, outros soberbosos,
 Tornam-se deseguacs as bellas fontes.
 Formando sobre o céo, mais que engraçado,
 Um vistoso horizonte arrecortado.

LXXXII.

« Ao doce alvorecer do claro dia
 Aureas bordam aos céos nuvens formosas,
 E nesse azul tão cheio de alegria
 Tachonam d'ouro variadas rosas :
 N'imo horizonte o verde então porfia
 Com essas tantas cores graciosas:
 E das montanhas são as verdes cores
 Franjas dessas sanefas multicores.

LXXXIII.

« Erguem-se ao longe em densa immensidade
 Serras mais que soberbas elevadas;
 Foram dos Aymorés lá n'outra idade,
 Hoje serras dos Orgãos são chamadas:
 Nascem dessa suprema sumidade
 Conicas rochas para os céos lançadas;
 Tão juntas alli pois podem notar-se,
 Que fez a penhas taes orgãos chamar-se.

LXXXIV.

« Sobre seus crespos pincaros ingentes
 Rolam eternas nuvens procellosas !
 Se-emmaranham lampejos refulgentes,
 Retumbam trovoadas horrorosas !
 Poucas vezes seus picos eminentes
 Livres estão de nuvens tempest'osas !
 Dir-se-á que ante os umbraes da eternidade
 Impera o Genio aqui da Tempestade !

LXXXV.

« Mui poucas vezes vendaval terrivel
 Açoutando este mar em furias arde!
 Zephyro da manhã, doce, aprazivel,
 Aqui de seus suspiros faz alarde;
 Depois em magico ondular flexivel
 Vem suave oscilar briza da tarde!
 E saudosos deixando estes logares
 Aura quasi insensivel beija os mares!

LXXXVI.

« Destes dous tão fieis enamorados
Durante o meigo suspirar de amores.
Balouçam-se estes mares encantados
Em suaves balanços ninadores:
E correm para as ribas matizados
De murmurossas, e nevadas flores:
E cad'onda na praia, em doce ensejo.
No soltar de um sorriso entorna um beijo!

LXXXVII.

« Esta belleza então de ponto cresce
Vendo tanta agua de baixeis coalhada!
De navios tão grandes se-ennobrece,
Em quantidade alli tão avultada:
Que aos olhos uma selva se-parece
Das folhas pelas chammas despojada!
E brincam entre as auras lisonjeiras
De diversas nações varias bandeiras!

LXXXVIII.

« Martim Affonso consta que primeiro
Entrara neste porto, e impropriamente
Lhe-dera o nome — Rio de Janeiro —
Si porém outra fama nos não mente
Passa por antes deste, vir Faleyro
Com o famigero Magalhães ardente:
Que a bahia, por elles decantada
Foi de Santa Luzia então chamada.

LXXXIX.

« Mas dizem que d'Europa o aventureiro,
 Que neste porto bello, e afamado
 Com animo constante entrou primeiro,
 Fôra tambem Vespucio celebrado ;
 Mas fique o pesquisar o verdadeiro
 Aos historiadores reservado :
 Como quer que estes casos conte a fama,
 O Rio-de-Janeiro hoje se-chama.

XC.

« Depois de um largo espaço de passagem,
 Defronte do Janeiro está assentada
 Pittoresca, bellissima paragem ;
 Esta que destas aguas é banhada
 Espelhando no mar a linda imagem,
 Villa da Praia-Grande hoje é chamada :
 Logar de mil prazeres, e passeios,
 De mil gozos, encantos, e recreios !

XCI.

« Disposto tudo com maior presteza,
 P'ra Praia-Grande, pois, no mesmo dia
 Embarcou toda a tropa portugueza,
 Que perturbado a paz do povo havia :
 Livre o povo de tão brutal fereza
 Já respira em socego, em alegria :
 Preparava-se a frota neste ensejo,
 Que transportar devia-os para o Tejo.

XCII.

« Após, logo n'um ponto da bahia
São bellicosas naves collocadas,
Servindo alli aos lusos de vigia,
Eram para contel-os destinadas :
Resultava tambem desta energia
Que as communicações fossem cortadas :
Mil providencias pois deu de repente
O cauteloso Principe prudente.

XCIII.

« Emquanto tinha a gente lusitana
O Forte do Castello possuido,
Temia o povo ver em guerra insana
Despedaçar-se um, e outro partido !
Da familia real, nesta semana,
Receiavam um rapto commettido :
Resolvem então pôr, sem mais tardança,
A real Leopoldina em segurança.

XCIV.

« Esta de Pedro mui fiel consorte
Veiu, calcando um mar tão dilatado,
Das lbnjes, frias regiões do norte
Entre os homens fazel-o afortunado!
Leopoldina ligou contente a sorte
Ao de seu Pedro venturoso fado ,
E juntos os prazeres seus repartem,
Ou entre si as afflicções compartem !

XCV.

« É a Princeza amavel, instruida,
A Deos muito temente, e mui piedosa ,
Discreta, de candura, revestida,
Nobre em suas acções, assás virtuosa ;
Dos males, das desgraças condoida,
E para com os pobres caridosa :
Veiu com genio assim tão nobre, e santo,
Ser o bem do Brasil, do esposo o encanto !

XCVI.

« Era já mãe a candida Princeza
E outra vez p'ra o ser de novo estava ;
Trazia o tempo proprio a natureza,
Pois apenas um mez só lhe-faltava :
Pedia sem-egual delicadeza
O melindroso estado em que se-achava ;
E força foi em tal necessidade
Separal-a do centro da cidade.

XCVII.

« A mãe, dous caros filhos, e o esposo,
Eis a familia, que o amor unia
N'um laço puro, e santo, e virtuoso,
Em que o amor sublime se-revia !
O innocente João tão melindroso,
A innocente, candida Maria,
Eis os filhos, ternissimos penhores,
Queridos fructos de fieis amores !

XCVIII.

« Difficil foi do Principe aos amigos
Resvel-a a deixar o esposo amado,
Porqu'ella partilhar os seus perigos
Extremosa, e fiel quer a seu lado ;
Guardal-o, si puder, dos inimigos,
Velar por elle cheia de cuidado ;
A vida emfim viver, que elle vivesse,
Ou a morte morrer, que elle morresse !

XCIX.

« Não mui longa a distancia era em verdade,
Mas sem limites para uma alma terna ;
Pois para o sentimento da saudade
A ausencia, inda pequena, é sempiterna !
Quem ama de quem ama em soledade
Acha uma curta ausencia quasi eterna,
Que o prazer de dous peitos, que suspiram,
Só existe em o ar, que ambos respiram !

C.

« Sete, e mais sete legoas da cidade
Separam, para o oeste collocada,
Risonha de verdor, de amenidade,
E de recreação regia morada :
Dos Padres de Jesus foi n'outra idade ;
Era por elles Santa Cruz chamada :
Para este logar pois neste dia
De Pedro a esposa se-partir devia.

CI.

« Ia partir em lagrimas banhada
A santa, a virtuosa Leopoldina,
Sem poder simular, de angustiada,
Certo susto que o peito lhe-domina ;
Antes, em devoção toda abrazada,
Se-dirijiu do Verbo á Mãe divina.
Lhe-encommendando do Brasil a sorte,
Dos caros filhos, do fiel Consorte !

CII.

« — Não te-deslizes, Pedro, um só instante
Do mui sincero amor dos Brasileiros ;
Sê pois á frente delles tão constante,
Como elles teus amigos verdadeiros !
Contempla este paiz vasto, e brilhante,
E prevê que futuros lisonjeiros !
Um reino esperançoso, inda nascente,
Grandes recursos, c'roa florescente !

CIII.

« — Á face deste povo generoso
Foram os votos teus ha muito ouvidos !
Neste bello paiz tão grandioso
Nossos fados estão compromettidos !
Entre este povo docil, amoroso,
Nossos queridos filhos são nascidos,
E nem-um povo, ó Pedro, eu te-assevero,
Hade, como este, te-querer sincero ! — »

CIV.

« Assim pois suspirando, e lacrimosa,
Nos braços de seu Pedro entrelaçada,
Entre-alegre, entre-triste, e carinhosa,
Dizia Leopoldina angustiada :
Mas quando chega a hora luctuosa
De se-ver de seu Pedro separada,
Não pôde aquelle peito tão sublime
Furtar-se á aguda dor, que o-rasga, e opprime.

CV.

« Vae partir. . . . mas em fios corre o pranto !
A pena ninguem pôde consolar-lhe !
Receia mas de que ? não sabé tanto !
O coração do peito quer saltar-lhe !
Que parta manda-lhe um preceito santo,
Porém razão a alma não quer dar-lhe !
Présago o coração falla, ameaça
Com que?... não sabe o que é ; mas é desgraça !

CVI.

« Humano coração, quem poderia
Penetrar, comprehender os teus arcanos ?
Que espectro em Sardes Bruto então viria,
Seu máo genio, esse nuncio de seus damnos ?
Não ; espectro não foi, que o-afflijia,
Não foi ; porque os espectros dos humanos
É dos presentimentos certa norma,
Aos quaes o coração dá vulto, e fórma !

CVII.

« Partiu-se em tanta dôr, tanta agonia,
Para viver em tanta soledade;
Foi p'ra real familia aquelle dia
Dia de dôr, de pena, e d'anxiedade!
Da terna Leopoldina almação pia
Vae ser agora o pasto da saudade!
Leva os filhos nos braços. . . . terno gozo!
E no seu coração leva o Esposo!

CVIII.

« Sem incidente algum, sem novidade
Viajou a tristissima Princeza:
Longe do esposo em tanta soledade
Soffre d'ausencia atroz toda crueza!
Faz-se no campo a timida saudade
De mais cruel, e afflicta natureza!
De dia, o esposo n'alma está constante,
E de noute, é seu sonho a todo instante!

CIX.

« As noutes desta sorte assim passava,
Desta sorte passava os tristes dias,
Padezia constante, não gozava,
Entre angustias crueis, entre agonias:
Não tinha neste estado em que se-achava
Nem si quer as menores alegrias!
E distribue assim ternos carinhos
Aos seus mimosos, candidos filhinhos.

CX.

« Era uma noite, e a triste dormitava
Das fadigas do dia repousando ;
E como desta sorte descansava,
Sua alma terna se-agitou sonhando :
Que entre celeste luz então sonhava
La jucunda ás nuvens se-elevando ;
E quando para os céos assim caminha
Ambos os filhos entre os braços tinha.

CXI.

« Era um dia formoso, e mui sereno,
Que sua alma gozava docemente ;
O ar de odor celeste estava pleno,
E se-mirava o céu no mar dormente ;
Era tudo risonho, e doce, e ameno,
O puro azul dos céos era luzente :
E amplo via um arco sobre a frente,
Qual o Iris da tarde no horizonte !

CXII.

« Em turbilhões, e vortices ferventes
Nuvens de ouro, e de purpura brilhavam ;
Anjos mil, e mais mil alvi-nitentes
Por sobre o arco nitido galgavam ;
Ou vingando estas nuvens transparentes
Amplios adejos rapidos grimpavam ;
E quando a turba d'uns p'ra os céos subia,
Outra turba gentil dos céos descia !

CXIII.

« Mil sons suavicadentes resoavam,
 De vozes, de instrumentos mil divinos ;
 Anjos sem-conto alegres modulavam
 Trinando dulcios, sonorosos hymnos !
 A' porfia d'est'arte então louvavam
 O Senhor sempiterno dos destinos ;
 Festejavam-se assim de varios modos.
 E — Louvae o Senhor — cantavam todos !

CXIV.

« Quando n'um sonho tal tudo isto via,
 Viu que um Anjo dos outros se-~~ap~~artava ;
 Sorrindo, até seu seio descendia,
 E d'elle o caro ~~filho~~ ~~lhe~~ levava !
 Ella então, entre susto, entre alegria,
 Pede o filhinho, e grita, e em vão gritava ;
 Ante os Anjos, e o filho o céu abriu-se.
 E a turba angelical no eó sumiu-se.

CXV.

« Se-accorda ; ergue-se então, toda assustada ;
 Seus olhos nada mais do sonho acharam ;
 Corre do filho á camara apressada,
 Credo que o caro filho ~~lhe~~-roubaram :
 Acha o filho, e de vel-o extasiada
 Os seus olhos alli se-não fartaram :
 Busca o leito outra vez, só acha abrolhos ;
 Porque o somno abandona então seus olhos !

CXVI.

« Volve a aurora, desponta o claro dia,
Orna-se o céo da matinal belleza ;
Toda a pompa do sol, toda a harmonia
Da Brasileira, grata natureza,
Não dá-lhe um leve toque d'alegria,
Não minoram-lhe a força da tristeza !
Uma revelação seu sonho pensa,
E tal pensar lhe-augmenta a dôr intensa !

CXVII.

« Não tinha ainda se-volvido o dia
Quando o da Beira Príncipe innocente
De um ataque febril mortal cahia,
Que sem demora indomito, e vehemente,
Da vida o debil fio lhe-roía,
Tirando as esperanças de repente !
Já tudo affronta a terna Leopoldina ;
Arma-se contra a Morte a Medicina !

CXVIII.

« Moveu-se tudo com empenho forte
Em prol da vida do real menino ;
P'ra victima salvar ás mãos da Morte
Empenhou-se o poder esculapino ;
Mas 'stava decidida a sua sorte,
E devia cumprir-se o seu destino ;
Pois que quando é chegada a hora dura,
A Medicina não descobre a cura !

CXIX.

« Essa viagem feita, e de repente,
Os soes ardentes da estação calmosa,
N'aquella vida fraca, e innocente,
Foram de tanto mal causa damnosa !
Enche-se de cuidados toda a gente
No perigo da vida preciosa !
E nestas afflicções, nesta agonia,
Não ha menor descanso noute, e dia.

CXX.

« Fazem-se aos Céos promessas preciosas,
Dirijem-se tambem votos ardentes,
Sobem aos céos as preces fervorosas,
Enternecidas supplicas vehementes :
Mas tantas rogativas piedosas
Não puderam achar os Céos clementes ;
Pois quando o justo Deos tem destinado
Todo o esforço dos homens é baldado !

CXXI.

« Finalmente morreu ! Quem poderia
Contar da desolada Leopoldina
A magoa, as afflicções, pena, agonia,
Os suspiros, os ais, a dôr ferina !
Em pranto delirante se-afflijia,
Chorando de seu filho a crua sina ;
Tinha as tranças nos hombros espalhadas,
E as faces de lagrymas banhadas !

CXXII.

« — Meu filho ! oh minha dôr ! minha alegria !
Porque de mim tão cedo te-partiste ?
Teus olhos, tão brilhantes, como o dia,
Fechaste logo, mal que á luz abriste ! .
Em ti do céo um anjo se-sorria,
E como um anjo para o céo fugiste !
Mas ai ! porque tão cedo desta sorte
Levas meu filho, de meu scio, ó Morte ?

CXXIII.

« — Tu eras nesta feia tempestade
O luminoso Iris da bonança !
E da Morte a cruel voracidade
Na sua horrivel noute hoje te-lança !
Oh filho ! oh minha dôr ! minha saudade !
Filho de meu amor, minha esperança !
Da minha vida perfumadas flores,
Querido fructo de fieis amores !

CXXIV.

« — Eras um lirio do risonho prado,
E o sol te-murchou tanta brancura !
Eras a rosa do jardim plantado,
E derrotou-te o vento a formosura !
Eras brando regato delicado,
E consumiu-te a secco essa frescura !
Eras o orvalho da manhã nas flores,
E te-elevaste nos subtis vapores !

CXXV.

« — Filho, de tanto amor doces primicias !
 Luz de meus olhos, fonte de meu pranto !
 Thesouro inexhaurível de caricias !
 Affecto divinal ! enlevo santo !
 Meu bem ! delirios meus ! minhas delicias !
 Magia angelical ! celeste encanto !
 Do maternal amor supremo gozo !
 Oh filho, anjo do céo ! dom precioso !

CXXVI.

« — Não ha de um dia tua dextra ufana
 Erguer o sceptro d'ouro magestoso !
 Nem circular-te a fronte pura, e lhana,
 O real diadema poderoso !
 A regia, avíta purpura sob'rana
 Não cingirá um dia venturoso !
 Oh ! quantas esperanças se-sumiram !
 Que brilhantes futuros se-esvairam !

CXXVII.

« — Era de ouro o teu cabello liso !
 Eram teus olhos como o céo sereno !
 Era como de um anjo o teu sorriso !
 De candura o teu rosto estava pleno !
 E tanta graça candida diviso,
 Da Morte a um só bafejo, a um só aceno,
 Melancholica, fria, desmaiada,
 Como a lua entre nuvens abafada !

CXXVIII.

« — Tu não sentes, meu filho, e eu choro, eu gemo
 Em tanta dôr, em tanta soledade !
 Porque a dôr de ser mãe, no lance extremo,
 Só de um filho pagar pôde a amizade !
 E quando o filial amor supremo
 Vem derrotar da Morte a crueldade. . .
 Oh ! antes não ser mãe, que ver, qual conto,
 Tanta dôr, e prazer murchar n'um ponto !

CXXIX.

« — Onde, meu filho, em tanta soledade
 Aonde te-acharei, triste, e queixosa ?
 Onde irei consolar tanta saudade
 Que deixas a uma mãe tão amorosa ?
 Meu Deos, restitui. . . . ah ! por piedade
 O pranteado filho á mãe saudosa !
 Restitui, meu Deos, iinda um instante,
 O suspirado filho á mãe amante !

CXXX.

« — Ah ! vae. . D'aqui, a mui pequeno espaço,
 Tu levarás meu sangue á sepultura !
 E ligados a ti, n'um forte laço,
 Irão pois meu amor, minha ternura !
 Levarás de minha alma esse pedaço ! . . .
 E do meu coração fibra a mais pura ! . .
 Deixas-me em tal tormenta, e vás em calma,
 Filho do coração ! luz da minha alma !

CXXXI.

« — Qual o botão de flôr, que abrira o seio
E fôra pelos ventos derrotado ;
Assim murcho, sem côr, tristonho e feio
Te-veja pela Morte, ó filho amado !
Qual lirio, que do valle era recreio,
Já murcho sobre a terra debruçado ;
Assim, ó meu amor, minha ternura,
Veja murchar a tua formosura !— »

CXXXII.

« Entre mil, pavorosos desatinos
Do feroz Galiléu, la cahem sem vida
Mil innocentes, candidos meninos !
Nessa hora temerosa e denegrida,
Que de prantos de peitos femininos !
Mas, como esta Princeza enternecida,
Aos filhos dando copioso pranto,
Nem as mães de Ramá choraram tanto !

CXXXIII.

« Dice ; e em tanta afflicção, tanta agonia
Do rosto perde a côr, a côr tão pura ;
E n'um triste desmaio parecia
Querer seguir seu filho á sepultura !
Cada qual por mil modos concorria,
Procurando adoçar tanta amargura,
E quando volta do deliquio forte,
Acha-se em braços do fiel consorte !

CXXXIV.

« Falla-lhe então terníssimo o-esposo,
 Que em seu peito sentido a dôr esconde :
 — Basta, esposa ... Este excesso doloroso
 De tua alma levar queres té onde ?—
 Ella volta-lhe o rosto lacrimoso,
 E entre mil soluços lhe-responde ;
 E quando de seu peito um ai resoa
 Lhe-diz —tu não és mãe.... não és ; perdôa ..—

CXXXV.

«— Mas sou paç (lhe-responde enternecido
 Entre um surdo suspiro o triste esposo):
 P'ra que tornar com prantos offendido
 O Céu, que nos-dá tanto, e tão piedoso ?
 Antes com coração agradecido
 Louvemos o Senhor tão poderoso ;
 Por nós velando um anjo no céu temos :
 Deos nos-deu, Deos tirou ; graças lhe-demos.

CXXXVI.

« Qual, si de um raio da Eternal Bondade
 Fosse sua alma terna esclarecida;
 Em sua dôr, em sua soledade
 Ante o Senhor arroja-se abatida,
 Exclamando : — Oh Suprema Magestade,
 Perdoa a minha dôr enternecida!
 Meu pranto te-offendeu, não desconheço. . .
 Mas, Senhor, eu sou mãe, perdão mereço ! —

CXXXVII.

« Dice. — E n'aquella dôr mais resignada
Tomava um novo aspecto menos rude,
E parecia um tanto consolada
Deixando de seu filho o ataúde.
Oh Religião ! oh fonte immaculada
De amor, de piedade, e de virtude !
N'um puro coração, que a dôr opprime
És mais louçã, mais bella, és mais sublime !

CXXXVIII.

« Com pompa nunca vista, e sublimada,
Digna do throno, e do altar sagrado,
Se-viu a cerimonia celebrada
Levando ao seu jazigo o corpo amado ;
De quantos a real familia amada
Era, foi o seu corpo acompanhado !
De Antonio no convento hoje descança
Este neto dà casa de Bragança !

FIM DO CANTO VII.



CANTO OCTAVO.

CANTO VIII.

ARGUMENTO.

Esquadra para levar a tropa lusa a Lisboa: ella recusa embarcar. Ameaças de D. Pedro. Supplicas da tropa. Concessão com prazo; findo elle, embarca a tropa. José Bonifacio ministro. Tracta D. Pedro de reunir as provincias do Brasil. Só quatro se reuñem. Esquadra lusa á barra do Rio-de-Janeiro; entra sob condição. Dissenções civis em Minas, para onde parte D. Pedro. Finda a narrativa. Sabem os mineiros da ida do Principe, e sahem a recebel-o. Admiração dos estrangeiros. Tranquillidade em Minas. Volta D. Pedro; entre os que o-acompanham, na volta, vem o velho Thomé, Capitão-Mór indigena. Pede-lhe D. Pedro que conte algum caso antigo do Brasil: conta Thomé a historia de Ramalho, e Antonio Rodrigues. Episodio de Tebyreçá, Piquenrobin, Çoboacú, Itabira, e seus filhos. Turbas, que descem a estrada a ver D. Pedro. Thomé suspende sua historia: torna a continual-a: fim do dito Episodio.

CANTO VIII.

—

I.

AFROTA, que no emtanto se-aprestava
P'ra conduzir a tropa lusitana,
Nas ondas do Janeiro já se-achava
Prompta, e de verga d'alto toda ufana.
Pedro, que vel-a prestes esperava,
Lhes-dá do embarque a ordem soberana ;
Estes porém soldados destimidos,
Presumpçosos reluctam de atrevidos.

II.

A sua alma de joven corajoso
De gloria amiga, de renome ardente,
Inda do mais audaz, mais valeroso
Não soffria um insulto impunemente.
Deu signal o rebate estrepitoso,
Corre ás armas o povo incontinente ;
E Pedro, á frente deste povo amado,
É general, é Principe, é soldado!

III.

Cobre-se o littoral do grão Janeiro
De immenso povo para a guerra armado ;
Nada receia o povo brasileiro,
Tanto no joven Pedro vae fiado !
Qual deseja entre todos ser primeiro,
Que chegue ao inimigo mais que ousado !
Pende de um fio a guerra tão maldita
Sobre a de Santa-Cruz terra bemdita !

IV.

Deixa o Principe então ligeiro a terra
De tropas rodeado, e n'um instante
Em um vaso alli surto, armado em guerra,
Ameaça em furor belligerante !
Sobre o bronze, que a morte, o estrago encerra
Ergue a chamma sulphurea, e sintilante.
E no meio da bellica cohorte
Já entre as suas mãos chammeja a morte !

V.

Com voz medonha, fera, e desabrida
Envia um mensageiro a taes soldados :
« Dize que nesta hora ennegrecida
'Stão entre a vida, e a morte collocados ;
Que si querem partir, terão a vida,
Que si ficam vão ser aniquilados !
Si tenaces não partem logo, e logo,
O primeiro sou eu, que rompo o fogo ! »

VI.

— Partiu-se o mensageiro a bom recado
 Para a tal commissão dar cumprimento ;
 Cumpriu fiel, e após, sendo voltado,
 Coube a todos equal contentamento ;
 Representar mandaram seu estado,
 Faltos de tudo em tanto abatimento !
 Tres mezes de demora são pedidos.
 E tres mezes de soldo, não vencidos.

VII.

— Nao pôde então o Principe piedoso
 Resistir ao seu rogo endurecido ,
 E depondo a vingança, prestimoso
 Concede tudo, e tudo foi cumprido!
 O prazo decorreu, não assombroso,
 Gozando delle o luso agradecido :
 E após se-embarcando a lusa tropa
 Em paz, e alegre se-volveu á Europa.

VIII.

— Era então no Janeiro o mais edoso
 Dos Andradas, familia paulistana.
 Pedro, que caminhar quer cauteloso,
 Lhe-deu de seu ministro a lida insana :
 Des de então este cargo tão custoso
 Coube áquella alma, de saber ufana ;
 Para que o rei do povo seja amado
 Depende de um ministro illustre, e honrado.

IX.

— Nos publicos negocios, noute, e dia
O ministro, e o principe cuidavam ;
Os males, que o Congresso então fazia
Do Brasil accurados desviavam :
Com politica cheia de energia
A um so centro o Brasil todo chamavam ;
Pois que a sua união, com intento infido,
Tinha o Congresso injusto destruido.

X.

— Mandar deviam seus procuradores
As provincias á Côrte, á uma Assembléa,
Que convocada foi com mil louvores.
Para se-realisar tão grande idéa :
A males tão crucis em seus rigores
So era esta a heroica panacéa :
E desta reunião sabia, e prudente,
Devia ser Dom Pedro o presidente.

XI.

— Da união do Brasil tornou-se amarga
A tão grande tarefa embaraçosa,
Como si um genio malfazejo embarga
Ser esta terra um dia venturosa !
Incomportavel soffre horrivel carga
Quem quer uma nação tornar ditosa !
Quatro provincias so tal voz ouviram,
E nesta grande idéa se-reuniram.

XII.

— Minas, que o santo amor da liberdade
 Lá n'outro tempo em si sentiu primeiró,
 Cheia de ardor, de força, e actividade
 Se-reuniu ao povo do Janeiro.
 Tambem São-Paulo, obja heroicidade
 Um esplendor lhe-dá mui verdadeiro;
 E São-Pedro do Sul : eis com effeito
 As quatro, que reunira um laço estreito.

XIII.

— Em dissensões civis ora se-achava
 O infeliz Pernambuco dividido ;
 E tinha a lusa tropa, que alli 'stava,
 Contra Luiz do Rego se-insurgido :
 Ja com armas na mão se-pelejava,
 Ja tinha o sangue por alli corrido :
 De Camarão, e Henrique a linda terra
 Era theatro de intestina guerra !

XIV.

— Mais empenhada, e horrenda em tyrania
 De um modo atroz, que a tudo espanta, e aterra,
 Esparge pelo solo da Bahia
 A Discordia feroz cruenta guerra !
 Vaguêa o negro esp'rito d'anarchia
 Nessa tão desolada, e afflicta terra ;
 Um chefe brasileiro, e um lusitano
 São o motivo de tamanho damno !

XV.

— Neste tempo na barra do Janeiro
Velejava uma esquadra portugueza;
Para á corte levar do reino o herdeiro ;
Mandou-se-lhe intimar pois com presteza
Que o porto não entrasse, sem primeiro
Jurar, com a mais candida inteireza,
Ao Principe obedecer : o lusitano
O-jura, e entra a barra a todo o panno !

XVI.

— Descançaram aqui quatorze dias,
E tomaram os viveres precisos :
Repararam d'armada as avarias,
E pelo mar causados prejuizos :
Já sulcando do mar as ondas frias
Deixam de Guanabara os mares lisos :
Assim sem incidentes navegando,
Longes terras da patria vão buscando.

XVII.

— O governo de Minas, que instalado
Foi por um Castro, agente do Congresso,
E o qual inda agora é dominado
Por alguns, que o-dominam com excesso,
Fama corre que ao Principe tem negado
Subjeição ; que doído do successo,
P'ra o curso suspender de taes ruinas
Partiu Dom Pedro para as aureas Minas... —

XVIII.

Aqui o Heroe a narração cortava
 De um modo inusitado, e de repente :
 De Villa-Rica a terra ja calcava,
 E por chegar marchava diligente :
 E quando desta villa o solo entrava,
 Suspenso fica por immensa gente ;
 Porque os Mineiros, mal delle souberam,
 Recebel-o em caminho eis que vieram.

XIX,

Protestaram alli os bons Mineiros
 Ao Principe seu amor, e sympathia :
 Não poderam deixar os estrangeiros
 De seu pasmo mostrar, sua alegria !
 Que nobres sentimentos brasileiros
 Ou Pedro, ou este povo ora exprimia !
 Entrou a Villa d'elle circumdado,
 Foi a entrada um triumpho sublimado !

XX.

Logo que alli chegou, grave prudencia
 No governo de Minas fez mudança :
 Prestou-lhe a mais fiel obediencia,
 Ligando-se á união sem mais tardança :
 Des de então se-ostentou toda a influencia
 Pelo filho da Casa de Bragança ;
 E o pouco tempo em Minas decorrido
 Foi por sublimes festas preenchido !

XXI.

Mui pouco tempo em Minas demorado
'Steve, e se-fez de volta p'ra o Janeiro ;
Sahiu de Villa-Rica acompanhado
Por grande turba do paiz Mineiro :
Ahi vem Thomé, d'invernos carregado.
Mas ainda robusto, e prazenteiro ;
Lustros desouto a Pia lhe-~~apontára.~~
Forte, como si dez porem contára !

XXII.

Sábio Capitão-Mor de antiga aldeia
Tinha sido por mestres doutrinado ;
Reluctavam-lhe sempre em sua ideia
Os grandes, de quem vinha derivado ;
Em contar seus maiores se-recreia,
Pois muitos Tubixabas tem contado :
Era em suas acções mui lhano, e recto,
E de Tebyricá se-conta neto.

XXIII.

Folgou Pedro de ver o indígena edoso,
E cultos tributou á tanta idade ;
Que o não acompanhasse, e seu repouso
Não deixasse, pediu com suavidade ;
Porem o forte velho mui teimoso,
Que não cede em vigor á mocidade,
Licença supplicou p'ra acompanhál-o,
E protestou que houvera não deixal-o.

XXIV.

PEDRO.

— Pois que assim o-quereis, também convenio :
 Sois velho, descendeis de homens honrados ;
 Hoje pois o prazer de ouvir-vos tenho
 Sobre os vossos maiores sublimados.
 Presentemente ouvir é meu empenho
 Alguns raros successos ja passados ;
 Em quanto os dias são-nos favoraveis,
 Nos-podereis contar cousas notaveis.

XXV.

— Depois que o genovez, grão navegante,
 Calcou primeiro americanas praias... —
 O velho, sem deixal-o ir por diante,
 Lhe-diz : « Perdão, Senhor, as nobres faias,
 Que sob o mando de mortal possante
 Primeiras invadiram nossas raias,
 Não foram dos audaces castelhanos,
 Que antes vira o Brasil os lusitanos ! »

XXVI.

« Como ? ! » exclamaram todos de repente !..
 So Pedro, sem volver olhos confusos,
 Para o velho dizia, e docemente :
 — Si estes desejos vos não são escusos,
 Contae-nos como, ha tanto, em São-Vicente,
 Antes dos hespanhoes eram os lusos :
 Ou antes de Colomb vir outro annos
 Pisaram este chão dous lusitanos. —

XXVII.

Assim dizia Pedro; e caminhavam
 Deixando estes terrenos montanhosos :
 Assim ao nosso Heroe acompanhavam
 Os estrangeiros dous mais que gostosos :
 E todos para o velho se-chegavam,
 Para a historia lhe-ouvirem curiosos :
 E sem querer que Pedro mais lhe-peça,
 O capitão grandevo assim começa :

XXVIII.

« Regia de P'ratininga as gentes
 Tebyreçá em guerras esforçado ;
 Senhor dos Guaianazes mui valentes,
 Era elle o chefe então mais afamado :
 De seus visinhos, mais que obedientes,
 Era Tebyreçá mui respeitado.
 Senhor de Tabas cem, em vastas terras,
 Ninguem tinha o-vencido em cruas guerras.

XXIX.

Piquenrobim, que era outro potentado,
 Era menos do que elle, todavia ;
 Capitão bellicoso, e esforçado,
 As tribus de Hururay então regia :
 Nesses tempos entre um, e o outro estado
 Solemne paz, e amizade havia ;
 Assim estes dous chefes se-entretinham,
 E fortunosa paz ambos mantinham,

XXX.

« Nem-um estranho então tinha pisado
 A terra de Itaiuba (1) tão ditosa,
 Excepto o grão Thomé do ceo mandado,
 Que outra terra tornou mais venturosa !
 O grão Jacumay'ba (2), que afamado
 Descobriu esta terra portentosa,
 Depois destas famosas maravilhas
 Outo annos então veiu ás Antilhas !

XXXI.

« Se-viu n'aquelle tempó alevantar-se
 Tremendissima, enorme tempestade ;
 Parecia que a terra ia estalar-se,
 Tal era da borrasca a enormidade !
 Que por momento o ceo ia escalar-se,
 E terminar com elle a immensidadè ;
 Entre a chuva os coriscos reluziam,
 Zunia o vento, e os trovões bramiam !

XXXII.

« Sem rumo, pelo vento arrebatado
 A' vasta praia da Buriquioca
 Em ruinas, e quasi espedaçado,
 Grande navio miserando toca.
 Alli, pois, sobre a arêa naufragado
 Em pedaços immensos se-desloca :
 Tudo engole dos mares um novello,
 Em tamanha desgraça era dor vel-o!

(1) Terra do Ouro.

(2) Piloto.

XXXIII.

« De quantos infelices naufragaram
Nesta tormenta desabrida, e forte,
Apenas só dous homens escaparam
Ás duras garras da cruenta morte !
Os dous, a quem as ondas respeitaram,
Que as gentes respeitassem quiz a Sorte !
E estes, salvos com mortal trabalho,
Era Antonio Rodrigues, e Ramalho.

XXXIV.

« Ambos sobre uma taboa á terra chegam,
Illesos, só apenas fatigados :
A dar graças a Deos então se-entregam
Erguendo as mãos aos ceos alli prostrados ;
Com pranto agradecido a arêa regam
Destes de salvação climas prezados !
E entregam-se a puras alegrias
Vendo salvos das ondas os seus dias !

XXXV.

« Testemunhavam com horror, e pena
Da terra os espantados guaianazes
Esta terrivel, dolorosa scena !
Erguem as nuvens d'horizonte as bazes,
A natureza toda se-serena,
E com a humanidade emfim faz pazes !
A c'r'osidade então logo obedecem
Os guaianazes, e á praia descem.

XXXVI.

« Grande circulo formando; e admirados,
Em grande turba alli semi-despida,
Cercam de muito perto os naufragados-
Quaes miravam a barba mui crescida,
Quaes os vestidos longos, e molhados,
Quaes a côr do seu rosto embraquecida,
Quaes as feições, o ar, o porte, os gestos,
Quaes do navio naufragado os restos!

XXXVII.

« Levaram desta praia os naufragados;
E pelos guaianazes extremosos
São ao senhor da terra apresentados
Estes dous navegantes desditosos;
Tebyreçá, e os seus mais que pasmados
Ficam, vendo estes dous desventurosos:
Querem muito saber, mas não entendem,
Porque elles entre si se não comper'endem.

XXXVIII.

« Correu a fama então dos estrangeiros
Por todas as cabanas do deserto ;
Para ver os famosos forasteiros
De longe vinham povos, e de perto !
De raros donativos lisonjeiros
Piquenrobim o bravo vem coberto;
Donativos, que aos dous estranhos cede,
E a Tebyreçá p'ra si um pede.

XXXIX.

« Este chefe lh'o-deu; mas extremoso
 Muito o-recommendou, como convinha.
 Bem que fosse o idioma embaraçoso,
 E pouco tempo se-passado tinha;
 Sendo um, e sendo o outro habilidoso,
 Ambos o-apprenderam muito asinha ;
 Foi-se Rodrigues ter novo agazalho,
 E com Tebyreçá ficou Ramalho.

XL.

« A de Tebyreçá pura amizade
 Para o valido seu era um portento;
 Prever delle, e cumprir qualquer vontade
 Era deste bom chefe o mór intento;
 E para completar-lhe a f'licidade
 Lhe-deu a linda filha em casamento:
 Outra flor, como aquella se não vira,
 Tão flor, que o nome seu era Poty'ra! (1)

XLI.

« Piquenrobim tambem tão bondadoso
 Não quiz ficar de fama despojado ;
 Quiz pois, para passar por generoso,
 A bondade imitar deste alliado :
 De uma filha Rodrigues amoroso
 Notou, e foi então logo casado ;
 De formosa por lua era tratada,
 E por isso Jacy (2) fôra chamada !

(1) Flor.

(2) Lua.

XLII.

« Viviam aqui pois os estrangeiros
 Fruindo docemente os seus amores,
 Passando dias ledos, e faguciros,
 Sem cuidados, sem agros dissabores :
 Estes felices dias prazenteiros
 Não desfructam na corte os grãos-senhores ;
 São puras flicidades soberanas.
 Ingenitas dos filhos das cabanas ! »

XLIII.

Aqui foi o discurso seu cortado,
 Que grossa turma de fagueira gente
 Para ver o seu Principe amado
 Sahia de seus lares diligente :
 Á todos com affecto sublimado
 Benigno acolhe o Principe contente :
 Todos se-chegam, querem ver deperto
 O nobre viajor deste deserto !

XLIV.

Soavam gratos vivas entretanto ;
 Ja por libertador charmar se-ouvia !
 Derramava-se alli quam grato pranto,
 Pranto ditoso, pranto de alegria !
 Vel-os em tanto extremo era um encanto,
 Em tanto amor, em tanta sympathia !
 Recebe a todos Pedro satisfeito,
 E parece que os-quer metter no peito !

XLV.

A viagem então ficou suspensa,
 Ficando alguns minutos demorados ;
 Tal era a multidão da gente immensa !
 Taes eram seus prazeres sublimados !
 De Pedro a alma de ternura intensa
 Se-arrebatava em jubilos sagrados !
 Vão lhe-deixando após livre a passagem ;
 E continua a tão feliz viagem .

XLVI.

Para o grandevo indigena voltado
 Lhe-dice o ledo Pedro, e docemente ;
 — De ouvir-vos até'qui estive privado,
 E de ouvir vossa historia estou ardente :
 Acabae de contar o começado,
 Pois que este amigo povo nos-consente :
 Quanto dicestes tenho na memoria.
 Por tanto, atae o fio á vossa historia!—

XLVII.

THOMÉ.

« Partic de Sapopêma mui possante
 De tamoyos crueis grossa cohorte :
 Era um povo feroz, belligerante,
 Válido, astuto, de elevado porte :
 Seu chefe, e nas pelejas commandante
 Era Çobaoquí valente, e forte !
 Este nome caraça representa.
 Pois por grande o seu rosto assás lhe-assenta.

XLVIII.

« Em sua alliva esposa deshumana
 Encarnado se-havia a raiva, e a ira !
 Mais sangrenta, mais impia, e mais tyranna
 Outra mulher nos bosques se não vira !
 Com tão barb'ro marido bem se-irmana
 A mui proterva, e rábida Itabira ;
 Dous filhos sós traziam taes tyrannos,
 Um mancebo, outro infante de outro annos.

XLIX.

« Marchou pois esta orda detestada,
 Em seus furores sempre inexoravel ;
 Sempre de furias, e trahições armada,
 Terrivel, furibunda, e indomavel !
 Per onde ia passando arrebatada
 Deixava hórrido estrago deploravel !
 E no meio de tão negra tormenta
 De Hururay ante as gentes se-apresenta.

L.

« Piquenrobim despacha incontigente
 Ao tão ousado, e férvido estrangeiro,
 Para atalhar o estrago, diligente
 Armado, como em guerra, um mensageiro :
 P'ra'quella fera, despiedada gente
 De Hururay se-partiu gentil guerreiro :
 E levado a presença do tyranno,
 Deste modo lhe-falla altivo, e ufano :

LI.

« — Piquenrobim ao ver tua insolencia
 Qual mensageiro seu a ti me-envia,
 Para a causa saber de tal violencia,
 De tanto arrojo, e tanta tyrannia !
 Elle intimar-te manda com prudencia
 A marcha suspender des deste dia...
 Desejas tu a paz ? a paz te-damos...
 Procuras tu a guerra ? á guerra vamos —

LII.

« Dice. O tamoyo em furias encendido
 Assim responde ao árdido guerreiro :
 — Fallaste bem... e o premio merecido
 O teu Piquenrobim terá primeiro !...
 O não seres por mim já destruido
 Deves somente ao gráo de mensageiro ;
 Dize a Piquenrobim que, sem demora
 Terá resposta despontando a aurora. —

LIII.

« Mal tinha este guerreiro se-ausentado,
 Quando outro, que á Çoboacú caminha,
 Até sua presença foi levado ;
 Pois de Tebyreçá mandado vinha :
 Com settas, e tacapa em guerra armado ;
 Uma setta na mão, voltada tinha
 A ponta para o ceo, hasta p'ra terra,
 Para indicar assim signal de guerra.

LIV.

« Do tyranno á presença o joven toca,
 E com bellico ardor tal falla espraia :
 —Os uberrimos campos de Tujoca,
 Cairuçu, Cunhambeba, Marambaia,
 Maramomis, Praty, Buriquioca,
 Os ferteis rîos, a piscosa praia,
 Tudo aniquilas, ó tamoyo altivo...
 Tebyreçá pergunta-te o motivo? !

LV.

«—Soube que teus estragos cruamente
 Deixado teem suas campinas nuas !
 Soube com grande dor, com mágoa sente
 Tuas negras acções, acções tão cruas !
 Elle pois intimar-te incontinentemente
 Te-manda a volta dessas ordas tuas !
 Como paz tu não buscas nesta terra....
 A guerra pois te-trago... ahi tens a guerra ! —

LVI.

« Dice ; e com dextra herculea a setta lança,
 Que fica aos pés do barbaro cravada !
 Um rapido tremor hasta embalança,
 Qual canna pelos ventos agitada !
 Çobâ oçû ardendo por vingança,
 Com a alma em furores abrasada
 Ergue, os dentes rangendo, enorme maça,
 E ao mensageiro assim de morte ameaça !

LVII.

« — Fere (diz este) e os usos aquebranta....
 Mas teme as furias do Payê, que irado
 Conjuração medonha aos ceos levanta,
 Movendo o ingente Macará sagrado ! —
 Da não vista firmeza então se-espanta
 O audaz tamoyo um tanto acovardado !
 E fica com o golpe suspendido
 Sobre a frente do joven destimido !

LVIII.

« Abate o braço desarmando a morte ;
 E com sombrio, truculento rosto
 Espumando lhe-falla desta sorte,
 Por sua cega raiva descomposto :
 — Vae, que amanhã de jubilo em transporte
 Beberei o teu sangue com mais gosto... .
 E o meu desprezível inimigo
 Quando o dia raiar, será comigo ! —

LIX.

« Já neste tempo então fortificada
 A vasta aldêa de Hururay se-achava ;
 De postes grossa cerca alevantada,
 E forte, toda a aldêa circumdava :
 Grande trave por todos entravada
 Com embira fortissima os-ligava :
 Vãos espaços aos postes so separam,
 Per onde ao longe as settas mil despavam.

LX.

« Terminavam em pontas aguçadas
 Os extremos dos postes levantados,
 Aonde ser deviam espetadas
 As cabeças de inimigos derrotados.
 Eram cabanas seis mui dilatadas,
 De tectos ha bem pouco remontados,
 Que de Piquenrobim, mui populosa,
 Formavam essa aldêa, e bellicosa.

LXI.

« Prevendo já que a guerra era imminente
 Rodrigues com fadigas sobre-humanas,
 De cauto, de sagaz, por sua gente
 Mandou agoar os tectos ás cabanas :
 Não se-poupa Rodrigues diligente
 As maiores fadigas mais que insanas :
 Tudo disposto vê, como deseja,
 E ledo guarda a hora da peleja.

LXII.

« Rompe dubio nos ceos o alvor do dia
 Quando para o combate preparada
 Os ponteagudos postes guarnecia
 A gente de Hururay em guerra armada ;
 Mulheres, e creanças lá se-via
 No centro, e a turma de anciões cançada :
 E intrepidos na frente eram primeiros
 Cheios de nobre ardor jovens guerreiros.

LXIII.

« Descendo pela encosta de uma serra
 Os tamoyos então se-approximavam :
 Batiam com orgulho tanto a terra,
 Que dir-se-hia a victoria dominavam !
 Todos marchando veem marcha de guerra,
 E assim p'ra Hururay se-avisinhavam :
 Vinham pois todos elles bem armados ;
 Ferozes, e no porte agigantados.

LXIV.

« Çobâ oçû de todos vem á frente,
 Após as turbas veem deste guerreiro :
 E'elle forte, destimido, ardente,
 E no combate astuto, e mui ligeiro :
 Seguem logo depois promiscramente
 As creanças, e o sexo prazenteiro :
 E a fadigas taes sem que se-dobrem
 Os anciões da tribu a marcha cobrem.

LXV.

« Entre medonhos, feros alaridos,
 Desconcertados sons aos ceos erguendo,
 Veem caminhando ledos, atrevidos,
 Seus instrumentos rusticos tangendo ;
 De mui vistosas pennas guarnecidos,
 De ver-se era espectaculo estupendo !
 E quando a aldêa mais se-approximavam,
 O seu hymno de guerra assim cantavam :

LXVI.

« — Guerra, guerra... Hururay toda pereça,
 Até seus fundamentos destruída...
 Um filho de Hururay não appareça
 Para contar da lucta desabrida !
 Guerra, guerra... exterminio atroz padeça
 De Hururay esta raça aborrecida !
 Não fique pois a um só leve esperança...
 Guerra, guerra... exterminio, horror, vingança !

LXVII.

« — Guerra, guerra... Amanhã já ninguem diga
 Em qual ponto existiu hoje da terra
 Esta tribu tão vil nossa inimiga,
 Que ao seu Piquenrobim covarde encerra !...
 Não seja de creanças frouxa briga,
 Mas de guerreiros sanguinosa guerra !
 E depois do covarde ser batido,
 Seja Tebyreçá também vencido.

LXVIII.

« — Suas frageis cabanas destruamos,
 Sem que fiquem ao menos seus destroços !
 As suas carnes com prazer comamos ;
 Sejam nossos trophéos seus duros ossos !
 Seu sangue ainda tepido bebamos ;
 Sejam os filhos seus escravos nossos !
 Devoremos seus membros sem tardança
 No terrivel banquete da vingança ! —

LXIX.

« Via no em tanto de Hururay a gente
 A marcha dos guerreiros inimigos ;
 Ouvindo o canto seu de um ar contente,
 Como si fossem hymnos dos amigos !
 E cada vez mostrou-se mais ridente
 Vendo se-approximar tantos perigos !
 E de um modo risonho, e prazenteiro
 Cantou assim seu cantico guerreiro :

LXX.

« — Confiados em si, mais que atrevidos
 Elles se-chegam com guerreiro porte !
 Não pensam no que fazem destimidos,
 Ai delles, que os-espera horrenda sorte !
 D'aqui ha poucas horas destruidos
 Nem-um póde escapar á dura morte !
 Pereça este soberbo, impio inimigo,
 E aonde traz o insulto ache o castigo !

LXXI.

« — Despedaçados todos n'um momento
 No frio campo cahirão sem vida !
 Suas carnes serão nosso alimento,
 O seu sangue será nossa bebida !
 Destruidos terão, em seu tormento,
 O premio de uma guerra desabrida !
 De todo o bando seu no campo exangue,
 As terras tingirão ondas de sangue !

LXXII.

« — D'aqui ha poucas horas espetadas,
 Como nossos tropheos, tropheos honrosos,
 Serão suas cabeças, decepadas
 Sobre as pontas dos postes gloriosos !
 Sejam suas façanhas terminadas,
 E amanhã sejamos mais ditosos !
 E seus membros traguemos, sem tardança,
 No tremendo festim de uma vingança ! —

LXXIII.

« Ja dos tamoyos essa turba infensa
 Pela frente da taba se-estendia ;
 E se-desdobra em linha tão immensa
 Que a metade d'aldêa guarnecia !
 D'ambos os lados para a pugna intensa
 Ribombava medonha vozeria !
 Ja de um, ja d'outro lado os arcos soam,
 Nuvens de settas estridentes voam !

LXXIV.

« Entre insultos, e acerbas zombarias
 Toda a turma seus arcos ja maneja ;
 E quanto crescem mais as gritarias
 Mais se-augmenta o furor, e mais troveja !
 Obrando todos bravas galhardias,
 N'um momento geral foi a peleja !
 Ora sobre uma, e sobre outra cohorte
 Distende as azas pavorosa morte !

LXXV.

« Voam dos arcos abrasadas cannas,
Com as quaes os aggressores fazem jogo,
P'ra o acceso algodão ás uricannas,
E ao sapê atéar um prompto fogo !
Mas as-pucham dos tectos das cabanas
Promptos mancebos para isto logo !
Nem a chamma ficar póde ateadada,
Pois a palha de mais fora molhada !

LXXVI.

« Em quanto assim o prelio se-tornava
Entre guerreiros tantos tão vehemente ;
No fim do campo ao longé se-avistava
Tebyreçá, Ramalho : a sua gente
Para peleja prestes caminhava ;
Os dous, quaes chefes seus rompem á frente ;
Em ordem de batalha veem marchando,
O seu hymno de guerra assim cantando :

LXXVII.

« — Levemos os terrores, e castigos
Aos monstros, que se-orgulham de invenciveis ;
Suas armas para nós não teem perigos,
Não são os golpes seus golpes horriveis !
Sintam estes perversos inimigos
Nossa força, e furor, mais que terriveis !
E aquelle, que escapar á ceva morte,
De escravo ficará sujeito á sorte !

LXXVIII.

« — Dest' arte ficará nossa vingança
 Sempre de nossos filhos na memoria !
 Cheios se-lembrança de confiança
 Da nossa singular, feliz victoria !
 Sus, valente guerreiro, altivo avança,
 E vae no campo te-cobrir de gloria !
 E á tarde, em redor de tua aldêa,
 Mil cabeças nos postes alardêa !

LXXIX.

— « Marchemos ; pois que em campo nos-deseja
 Na cercada Hururay o nosso amigo.
 Nosso primeiro encontro horrivel seja,
 E não escape um só de tal perigo !
 Quem combate com gloria em tal peleja,
 Quem vence tão famelico inimigo,
 Com fero gosto devorar alcança
 Seus membros no festim de uma vingança ! —

LXXX.

« Assim a turba, pois, que a voz altêa
 Rapida vem marchando ao som dos hymnos :
 Á frente toda a gloria patentêa
 Dos guerreiros mancebos mais ferinos :
 Rompem atraz os anciões d'aldêa ;
 As mulheres não veem, não veem meninos ;
 Que era a distancia d'horas tão somente
 Entre a aldêa, entre o campo combatente !

LXXXI.

« Já mui perto d'aldêa combatida-
Todos os guaianazes mui fogosos
Em grita dissonante, e desabrida
Mandam-aos ceos seus gritos pavorosos !
Já toda a turma altiva, e aguerrida
Ergue com furia os arcos horrorosos !
Curvam-se estes; ligeiras mãos manejam,
Nuvens de settas rapidas dardejam !

LXXXII.

« Em tanto estrondo, em tanta feridade,
Deste medonho embate desabrido,
Se-diria o bramir da tempestade;
Voz em grita em baixel quasi perdido ;
Tropa infrene escalando uma cidade;
Ou de demonios hórrido alarido !
Ao temeroso encontro treme a terra,
O echo corre o valle, e bate a serra !

LXXXIII.

« Juntam-se os dous exercitos amigos,
E tornou-se mais horrida a peleja,
Pois affrontando audaces os perigos,
Qual mais avança, e mais matar deseja !
Qual sobre o turbilhão dos inimigos
De settas maior numero despeja;
Immensos delles cahem sem vida em terra,
Mas, morrendo, nem-um maldiz a guerra !

LXXXIV.

« Tornava inda ao certame mais terrivel
 Os gritos dos foreces combatentes,
 E o asperrimo som, ingrato, horrivel
 Dos instrumentos rudes, estridentes !
 Animava aos mancebos irascivel
 A voz guerreira de anceões vehementes !
 Çobâ oçû não pára, é raio, voa ;
 Aqui fere, alli mata, alem atroa !

LXXXV.

« Piquenrobim é tudo na batalha,
 É corisco, e chammeja em toda a parte !
 Tebyreçá destroe, mata, retalha,
 E elle o bravo, americano Marte !
 Quanto mais inimigos atassalha,
 Mais é dos seus ingente baluarte !
 Rodrigues prompto acode ao mór trabalho,
 E vae a morte aonde vae Ramallio !

LXXXVI.

« Já os bravos tamoyos rechassados,
 Reunidos, quaes de abelhas um enxame,
 Voam aos inimigos arrojados
 P'ra terminar as furias do certame !
 De funestas tacapas so armados,
 Carregam p'ra os contrarios com gravame ;
 Recebe o inimigo o crespo embate,
 E corpo a corpo entrava-se o combate !

LXXXVII.

« Ibytù (1), tão ligeiro, como o vento,
 E por isso tal nome lhe-foi dado,
 Dos seus a gloria, a fama, o ornamento,
 E de Çobâ oçú filho prezado ;
 Com a maça na mão n'um so momento
 Se-fez dos inimigos respeitado,
 Pois onde passa este mancebo forte
 Vae precedido da terrivel morte !

LXXXVIII.

« Ante Ramalho brada com voz grossa :
 — Cede-me a terra. — « A terra é de Tupana...
 — O ceo é de Tupana ; a terra é nossa.... —
 « Pois que te-cubra eterna, fera hyrcana ! »
 — Pois treme... que... — « De Deos a dextra poss
 Esmagar-me. » — Pois morre.... — « A furia insan.
 Que mostras, me-achará, como um rochedo. »
 — Morre. — « Pois mata : em mim não achas medo.

LXXXIX.

« Dice ; e brandindo a clava se-arremessa
 Ramalho em frente ao moço em raiva ardendo ;
 Ergue este a maça ácima da cabeça,
 Ramalho espera o golpe tão tremendo !
 Descarrega-o ; Ramalho o-evita á pressa ;
 Tomba sem equilibrio o moço horrendo ;
 Põe-lhe o pé no pescoço mui ligeiro
 Ramalho lhe-brandando : « És prisioneiro ! »

(1) Vento.

XC.

« Maniatado d'alli, foi conduzido
 Para aldêa, em afflicto captiveiro :
 De terror o tamoyo possuido
 Ficou vendo o dezar deste guërreiro :
 De todo o bando seu espavorido
 Salvar-se cada um busca ligeiro.
 Foje Çobâ oçû tal perda vendo,
 Porem até na fuga inda é tremendo !

XCI.

« Passaram os terriveis fugitivos
 Pela formosa, prazenteira aldêa
 Do grão Tebyreçá, e vingativos
 A tornaram de bella horrida, e fêa !
 Á carreira dous propios veem activos
 Dar a Ramalho a nova, que o-enlêa,
 Que os impios pela casa sua entraram,
 E captivo o seu filho lhe-levaram.

XCII.

« Apenas ouve a nova dolorosa
 Deixa de perseguir os inimigos ;
 Do campo sahe a procurar a esposa
 Desprezando temores, e perigos ;
 E gozando a victoria gloriosa,
 Deixa no campo seus fieis amigos :
 Chega, vê ; tinha a esposa se-salvado,
 Mas o filho captivo foi levado.

XCIII.

1 Era o triste criança de cinco annos,
 Que quando a mãe fugio fôra perdido;
 Quando aos duros tamoyos deshumanos
 Assustada a infeliz tinha fujido !
 Ai !... que fará, nas mãos destes tyrannos
 Vendo o filhinho seu, filho querido ? !
 Deixa seu lar o misero gemendo,
 E vae per arredores discorrendo.

XCIV.

« Assim a avesinha a que roubada
 Fôra do ninho a prole ainda implume,
 Anda de uma arvore á outra exasperada,
 Fazendo retinir o seu queixume ;
 Tal andavada aquella alma angustiada ;
 Até que dos tamoyos um cardume
 — Eil-o !!! (bradando com furor o—investe)
 Vencedor de lbytu ! Ramalho.... é este !!!—

XCV.

« Do lacerado peito bem do imo
 Com taciturna voz, com voz amára,
 Fazendo do cajado o seu arrimo,
 Como si do elogio se-pezára :
 1 Venci-o, e tal triumpho não estimo,
 Pois que a victoria tanto me-aggravára !
 Nem de um triumpho prezo a infausta palma
 Que me-custa meu filho, amor desta alma !

XCVI.

« Prezo meu filho mais que a palma, e o louro
 Que me-podiam dar dez mil pelepas;
 Meu filho é minha gloria, é meu thesouro ;
 Dá-me meu filho, assim tu feliz sejas.
 Tenho grande porção de fino ouro,
 Si por ouro trocal-o tu desejas :
 E mal que junto á esposa eu for chegado,
 Tambem teu filho te-será mândado.

XCVII.

« Çobâ oçú... » — Suspende (em tom horrendo
 Lhe-bradou o tamoyo furioso,
 Acceso em ira, em colera tremendo !)
 P'ra que eu quero o teu ouro, ente orgulhoso ?
 É ouro toda a terra, que estás vendo;
 Meu filho morrerá, premio affrontoso
 De se-deixar vencer de uma tal sorte ;
 E a ti, e a teu filho aguarda a morte.— »

XCVIII.

« Dice : e sendo a uma guarda confiado
 Partiu para os sertões incontinente :
 O gozo de uma virgem lhe-foi dado,
 Segundo costumava aquella gente ;
 Porém lhe não tocára o luso honrado,
 Si a fama, que inda corre hoje não mente !
 Pois como bom christão junto da morte
 Elle peccar não quiz d'aquella sorte.

XCIX.

« Em quanto p'ra os desertos caminhavam
No campo dos guerreiros vencedores
Outros estranhos casos se-passavam,
Havendo alli prazer, e dissabores :
Si victoria tamanha festejam,
Ramalho lhes-causava acerbas dores !
Poty'ra, maltratando os seus encantos,
Enchia os bosques de saudosos prantos !

C.

« Levas fazia de guerreira gente
Rodrigues, esse luso nobre, e forte,
Para partir p'ra as selvas diligente
E pesquisar do amigo infausto a sorte :
Vae tudo perlustrar, de animo ardente
À trazel-o, ou vingar-lhe a crua morte.
O cuidado de todos pois se-encerra
Em tudo predispor p'ra nova guerra !

CI.

« Aos aliados dous tinha no entanto
Sido o moço guerreiro apresentado ;
Não ha no rosto seu menor quebranto;
Entra com passo firme, altivo, e ousado !
De bisarro, que vae vel-o era encanto,
Qual vencedor em campo victoriado !
Encara allivo os dous, sempre composto,
E por desprezo após lhes-volta o rosto !

CII.

« Tebyreçá lhe-diz : « Quem és, acaba ? »
 E o joven lhe-tornou fero, insolente :
 — Ibytú, que de ser inda se-gaba
 O de Çobãoçú filho valente :
 Sou neto do immortal Tupan-berába, (1)
 Que invicto, que soberbo, e que vehemente,
 Calcou, como trophéos, infames ossos,
 E os membros tragou do grandes vossos ! —

CIII.

« Parabens, Ibytú ! (grita contente
 Tebyreçá) vieste em feliz hora !
 Podes bravatear impunemente,
 Podes, que morrerás, amigo, agora ! »
 Volve então Ibytú galhardamente :
 — Assim morreu teu pae, morra eu embora ! —
 E tendo respondido desta sorte,
 Entôa assim seu cantico de morte :

CIV.

« — Meu destimido avô, guerreiro ousado,
 Todo o sangue do teu bebeu primeiro :
 Meu pae, guerreiro altivo, e sublimado,
 Calcou teu pae aos pés, seu prisioneiro !
 Meu avô, mais que o teu, era esforçado ;
 É meu pae, mais que tu, forte guerreiro !
 Minha mãe vale mais que a esposa tua ;
 Minha irmã é tão bella, como a lua !

(1) Relampago.

CV.

« — O guerreiro gentil, ousado, e forte,
 Vae de injurias tragar toda a amargura ;
 Pois por instantes o-espera a sorte,
 A sorte, que os covardes acham dura !
 Ninguem hade chorar a minha morte,
 Nem terão os meus ossos sepultura !
 E tu da noute, ó flor, desta alma encanto,
 Não me-darás um ai, nem um só pranto !

CVI.

« — Nasce a cecêm no valle bella, e pura,
 E a palmeira na serra altiva, ingente ;
 La na gruta a pedreira rija, escura,
 Si vive, vive á tudo indifferente !
 Quebra á palmeira a briza ingrata, e dura,
 Murcha a cecêm o sol estivo, e ardente !
 E nem se-abala a rijida pedreira,
 Si vê murcha a cecêm, rota a palmeira ! —

CVII.

« D'effeito foi guardado o prisioneiro,
 E juntou-se o concelho dos d'aldêa,
 Onde os guerreiros de animo inteiro
 Sobre elle emittir fossem sua idêa :
 Os principaes alli entram primeiro,
 A turba de anceões logo os-rodêa :
 Quanta guerreira gente mais se-gaba,
 E ornamentos ja de uma, e d'outra taba !

CVIII.

« Toma Tebyreçá como motivo
 Si devia de ser logo immolado
 O infeliz mancebo alli captivo,
 Ou ficar como escravo conservado :
 O concelho, que se-ergue, todo activo,
 Murmura, em dous partidos retalhado ;
 Um, que quer p'ra Ibytú de escravo a sorte,
 E o outro quer com ira a sua morte !

CLX.

« Rodrigues então diz por derradeiro :
 — Como dar-nos não póde isto trabalho,
 Será melhor que viva o prisioneiro,
 Tendo até entre nós doce agasalho :
 Pois si Ramalho vive, é bom primeiro
 Off'recer Ibytú, vindo Ramalho :
 E si morto o-tiver cruenta sorte,
 Vingaremos no preso a sua morte. —

CX.

« Apenas o seu voto proferira,
 Lacrimosa, e de dor toda transida,
 Pela mesma razão manda Poty'ra
 Ao concelho impetrar do preso a vida :
 Jacy, que suas penas compartira,
 Tambem o mesmo pede internecida.
 Assim pois se-venceu : isto assentado,
 Ficou o preso entre elles bem guardado.

CXI.

« Embrenhou-se entretanto pelo serro
Çobãoçû levando o prisioneiro,
Que soffria infeliz duplo d'esterro
Com seu filho em acerbo captivoiro !
Ja tudo preparava o indigena perro
Para o filho immolado ser primeiro ;
O qual logo ao depois despedaçado
Ao festim da vingança era sagrado !

CXIII.

« Já o menino um d'elles conduzia
Perante toda reunida orda,
Cuja feroz, estúpida alegria
A vingança nos olhos lhes-transborda !
Sobre as costas . oh impia tyrannia !
As mãos atadas tem com dura corda
As mãosinhas mimosas, não audazes,
Para os brincos da infancia so capazes !

CXII.

« Nos sertões em um ponto reunidos
De toda a taba achavam-se os primeiros ;
Os valentes mancebos destimidos,
Que se-orgulham de impavidos guerreiros;
Mulheres, e os que são mais conhecidos ;
Os anceões dos moços companheiros :
Ahi está dos tamoyos o caudilho,
A fera esposa, e o pequeno filho !

CXIV.

« Foi o triste Ramalho conduzido
 Ao tremendo logar da crua scena ;
 E vendo assim o filho seu querido
 De dor, e confusão se-desordena ! . . .
 N'aquelle coração assim ferido
 Qual seria o rigor da justa pena !
 O filho o-chama, embalde o pae o-acode
 Quer abraçal-o, e o-abraçar não póde !

CXV.

» Não póde . . . que tambem da mesma sorte
 As mãos atadas tem com dura embira :
 Com lastimosa voz, voz já não forte
 Para o diro tomoyo assim se-vira :
 — Sei que perto negreja a minha morte ;
 Dá-m'a pois, e desfecha em mim tua ira .
 Fere, sacia em mim tua vingança .
 Mas ah ! que mal te-ha feito esta creança ?

CXVI.

« Nesta hora temerosa, e desabrida,
 Mil vidas, si as-tivesse, eu t-'as-daria,
 Para salvar do filho meu a vida,
 Para abrandar-te a sanha mais que impia !
 Deixa o triste, e a vingança appetecida
 Com raiva jamais vista em mim sacia . .
 Mal assenta matar um innocente,
 Que não conhece o mal, que o bem não sente !

CXVII.

« No campo a combater matar guerreiros
 Em muito estriba, e cousa é mui louvavel ;
 Orça em pouco immolar os prisioneiros,
 Si homens são ; pois que é cousa desculpavel !
 Mas da innocencia os dias prazenteiros
 Cortar . . . é cousa fêa, e deploravel !
 Acção de que a natura até se-doe,
 Indigna de um guerreiro, e de um heroe ! —

CXVIII.

« Estranho, cala a voz tão lastimeira
 Bem vez ; mal cabe á um bravo duellista
 Um filho lamentar d'essa maneira !
 Teu filho vae morrer á tua vista ;
 Vae de teu filho a morte ser primeira,
 E a tua de ti não muito dista ! »
 Dice o répobro assim . . . Sem dó, sem pena,
 Do misero innocente a morte ordena .

CXIX.

« — Demonios, suspendei ! (Ramalho brada)
 Ah ! Por este Senhor ! (dizendo indica,
 Com a barba, que a mão tinha elle atada,
 Uma imagem do Christo bella, e rica,
 Que tinha do pescoço pendurada !)
 Ah ! . . . por este Senhor ! (assim se-explicar)
 Concede ao filho a vida piedoso,
 Que elle a ti tornará tambem ditoso . . . —

CXX.

« Pucha o tamoyo a imagem de repente
 Pergunta o que é. Ramalho de um ar terno
 Diz : — A imagem do Deos omnipotente,
 Que o ceo creou, a terra, o mar, o inferno !
 E' o Deos, que soffreu morte innocente
 Para nos-dar na gloria um bem eterno !
 Salva pois o meu filho mui querido,
 Que deste Deos terás premio subido ! —

CXXI.

« Torna elle com sardonico sorriso :
 « Pois, estranho, o teu Deos ja soffreu morte ?
 Por que lei a tal Deos fôra preciso
 Subjeitar-se dest'arte á humana sorte !
 O teu Deos com' meus pés soberbo piso . . . »
 Isto dizendo com impulso forte
 A imagem do Senhor a terra lança,
 E p'ra calca-la com furor se-avança . .

CXXII.

« Ergue o pé, e seu pé ficou erguido :
 Qual si n'aquelle instante alli ficára
 Seu corpo n'uma estatua convertido !
 E' fama que um trovão longo troára!
 Que o globo estremeu d'espavorido !
 Que turbilhões de fogo aos ceos lançára !
 N'um improviso os dous são desatados,
 Sem ser por mãos humanas libertados !

CXXII.

« Tomados de terror, espavoridos,
Os tamoyos fugir Ramalho vira ;
Mas ficaram nas brenhas confundidos
Çobãoçû, seu filho, e Itabira !
Suspendem-se os castigos merecidos,
Que do Eterno Senhor soltára a ira .
E após não se-acham . estupenda co'sa !
O chefe, nem o filho, e nem a esposa !

CXXIV.

« Então se-vendo livre o bom Ramalho
Cinge o filho em ternissimos abraços !
Com sobr-humano, e aspero trabalho,
Vencendo sempre horriveis embaraços,
So tendo sob as arvores agasalho,
Tornou de novo da consorte aos braços !
Ponderae qual não fôra desse dia
O prazer, a feliz, santa alegria !

CXXV.

« Do beneficio angelico primeiro
Deu graças ao seu Deos sua piedade ;
E de lbytú, ainda prisioneiro,
Pôde a vida alcançar, e a liberdade !
Festejou-se de um modo prazenteiro
Sua vinda feliz, sua equidade,
Das duas tribus a sempar victoria,
Dos dous caudilhos sublimada gloria !

CXXVI.

« Das visinhas aldêas á porfia
 Todos para os festejos veem ligeiros ;
 Era geral em todos a alegria,
 Todos se-festejavam mui fagueiros.
 Teve tambem logar n'um bello dia
 A dansa religiosa dos guerreiros ;
 Na qual ardente em metricos conceitos
 Cantava cada um seus nobres feitos !

CXXVII.

« Fama correu que aquelles indios perros
 Muito nesse logar se-demoraram,
 Onde suas derrotas, e seus erros
 Entre si longo tempo lamentaram
 Seu chefe, esposa, e filho pelos serros
 Debalde muitos dias procuraram :
 Nem vestigios, nem pégadas acharam,
 Nem jamais com seus ossos acertaram !

CXXVIII.

« No meio dos sertões tres novos montes
 Porem pasmada aquella gente vîra ;
 E sublimando aos ceos ingrimes frontes
 Supportavam dos ceos o peso, a ira !
 Carregados de bosques, penhas, fontes,
 Assim se-via a serra de Itabira ;
 O Jacolomi cá d'outro lado,
 E alem o Caraça celebrado !

CXXIX.

« Nos dous grandes rochedos de Itabira,
Que ella remota aos ceos de ambos os lados,
Té o mesmo tamoyo creu que vira
Seus dous braços em penhas transformados !
E lá onde o Caraça no alto expira,
Creram, per entre os bosques levantados,
Ver de Çobãoçû, porem disforme.
Em pedra transformado o rosto enorme !

CXXX.

« O outro novo monte, que bolsára
A terra de seu seio, em tal idade,
Do indigena a mente arrebatára
Pela extranha, não vista novidade !
Pois o filho dos dous acreditára
Nesse monte mudado : e na verdade,
Como em tamanha maravilha creram,
O de Itacolomi nome lhe-deram ! »

CXXXI.

Com mui grande attenção em tudo ouvido,
Com immenso prazer, e até vangloria,
E de Pedro, e de todos applaudido,
O velho aqui poz termo á sua historia.
O caso triste, e as vezes divertido
De todos fica impresso na memoria,
Assim tantos caminhos enganando
Ja veem perto da corte caminhando.

FIM DO CANTO OUTAVO.

CANTO NONO.

CANTO IX.

ARGUMENTO.

O Demonio da Discordia voa ás provincias do norte. Agitações em Pernambuco, e Bahia. Madeira, Manuel Pedro; seus partidos. Ligeiros encontros dos dous partidos. Dia 19 de Fevereiro. Rebate geral. Batalha do Largo da Polvora. Retirada dos Liberaes. Madeira senhor da cidade. Horriveis excssos. Morte da Abbadessa da Lapa. Retiram-se as Religiosas ao convento do Desterro. Os Brasileiros entrincheiram-se no forte de S. Pedro. Intimação de Madeira. Resistencia. Disposições para o bombardeamento. As Religiosas das Mercês passam para a Soledade. Os Brasileiros evacuum o forte, e se vão ao reconcavo. O Céu. A Jerusalem celeste. Os Santos d'ambas leis; os Anjos; as Virtudes; o Throno de Deos; os Vinte e quatro Anceões; os Sete Espiritos de Deos. O Trisagio. Anjos ministros do Senhor. O Verbo de Deos. O Espirito-Santo. O Mysterio da Trindade. A Santa-Virgem. O Anjo do Brasil ante o Tabernaculo da Santa Mãe. Suas queixas e supplicas. Consolações da Virgem. Prophecias sobre o Brasil. Prazeres do Anjo. Cantico de Acção de Graças. Volta o Anjo á terra, e busca o Anjo da Liberdade. A Discordia, a Anarchia e o Despotismo agitam o povo de todo Brasil. O Demonio das Desconfianças voa por toda parte. Domina o Despotismo o Congresso de Lisboa. Episodio de S. Thomé n'America. Chega D. Pedro ao Rio de Janeiro. Prazeres do povo.

CANTO IX.

—

I.

 M quanto o Principe illustre viajava
Da Discordia o demonio audaz, e forte
Dos infernaes espiritos se-armava
Levando em frente a Guerra, e após a Morte !
Já o monstro as provincias abalava,
Que do vasto Brasil ficam ao norte,
E nessa opima, pittoresca terra
Atêa, e lavra desabrida guerra !

II.

Já desdobrando as azas sanguinosas
Em Pernambuco os vôos distendia !
Pois entornando furias pavorosas
Alli vagava o espirito d'Anarchia !
No meio dessas scenas c'lamitosas
Essa terra infeliz toda genia !
E do Brasil ja quasi todo o norte
Ardia em furias do feroz Mavorte.

III.

Mais empenhada em fera valentia,
Que os horrores do inferno desencerra,
Prorompeu na provincia da Bahia,
Entre os partidos, furibunda guerra !
Vagueava o demonio d'Anarchia
Por essa infausta desolada terra !
E entre Manuel Pedro, entre Madeira
Tem começo essa atroz scena primeira !

IV.

Fôra, consta, Madeira nomeado
D'armas Governador injustamente;
Manuel Pedro é dest'arte despojado :
Era este Brasileiro activo, ardente,
Era Madeira lusitano, e ousado :
O Brasilio partido não consente
Que seja o chefe seu destituído :
Madeira pelos seus é protegido.

V.

Nos celestes Delphins o sol brilhava,
As equatorias terras abrasando ;
Quando a torpe Anarchia preparava
O conflicto medonho, e miserando !
O commando eis Madeira reclamava,
Manuel Pedro lle-dar nega o commando !
Em iras os partidos dous sepultos
Vozeam mil baldões, feros insultos!

VI.

De ambos estes partidos, mil partidas
Discorrem pelas ruas da cidade ;
Si se-encontram nas suas avenidas,
Soltam rédeas á negra feridade.
Em tão funestas, rapidas sortidas
Cresce por toda a parte a c'lamidade !
E no estado, em que tudo aqui se-achava,
Sangrenta guerra á gente ameaçava.

VII.

Rompou do dia dezenove a aurora,
Dia tremendo, pavoroso dia.
Cuja negra lembrança inda apavora
Teus laes filhos, immortal Bahia !
Breves partidas já não são agora ;
Porque um exercito a cidade enchia
De toda a lusa tropa, e os marinheiros
Armados contra os poucos Brasileiros !

VIII.

Tinha rompido a aurora, e muito cedo
Ja dos canhões o echo o ceo rompia ;
'Stava sereno o ceo, e o vento quedo,
Brilhava o sol de tão funesto dia !
O pacifico povo, todo mêdo,
Incerto pelas ruas discorria ;
E neste triste doloroso enleio
Ouve ao longe o soar de um tiroteio.

IX.

Trôa tremendo rapido rebate...
Coam nos corações frios temores !
Nos campanarios soa o bronzeo embate...
Retrôa o som dos bellicos tambores !
Avocam das cornetas ao combate
Os echos de pavor esturgidores !
E a tantos sons, em furias tão estranhas,
Gemem os ares, tremem as montanhas !

X.

De todos os quarteis correm ligeiros,
Bradando pelas ruas, como insanos,
Esses poucos soldados Brasileiros,
Esses muitos soldados lusitanos !
Correm ás armas lusos marinheiros,
Que causaram aqui tão grandes damnos !
E depois de sortidas, que se-armaram,
Sobre o largo da Polvora se-ajuntaram !

XI.

Não chamo neste ponto lusitanos
Só os que em Portngal á luz vieram...
Chamo tambem aquelles, que vesanos,
Contra sua mãe patria combateram !...
O' Bruto, si teus filhos mais que insanos
Contra a nascente patria se-venderam,
Podes te-consolar nas tuas dores,
Podes, que houve entre nós tambem trahidores!..

XII.

No meio destas scenas pavorosas,
Ja sobranceiras bellicas procellas,
Gritavam creancinhas de medrosas ;
Pranteavam as tremulas donzellas...
As mães tremendo, afflictas, duvidosas,
De timidas não sahem de junto dellas ;
Divagam jovens sem um fixo norte ;
Os velhos a tremer ja vêem a morte !

XIII.

Nesse largo da Polv'ra após se-trava
Espectaculo do inferno, atroz peleja !
A sangrenta Anarchia alli pairava,
A Discordia o seu facho alli dardeja !
O Despotismo tumido exultava,
Entre as filas a Morte impia negreja !
A humanidade geme á tal fereza...
Foge dos corações a Natureza !

XIV.

Retroando o canhão, tremendo estala
Com troante trovão, ruidoso, e forte !
Expelle sibilando a ardente bala,
A chamma, o fumo, o estrago, o horror, a morte !
D'outro lado a c'rabina horrida exhala
Veloz péla, a zunir da mesma sorte !
E ao som medonho dos trovões da guerra,
Troa o ceo, treme ar, vacilla a terra !

XV.

Entre os horridos sons que aos ceos feriam
Sóbe o medonho horror ao ponto summo !
Os lampejos mortiferos luziam
Entre nuvens de pó, nuvens de fumo !
Rubros perólos sem-cessar zuniam...
Todo campo do Inferno era um resumo ?
E dos bravos, que aqui bramindo morrem,
Rios de sangue pela terra correm !

XVI.

Veem ás mãos estes árdidos guerreiros....
E uns confusos, e outros baralhados,
Peões, cavallos, carros, cavalleiros,
Ou vão calcando, ou vão sendo calcados !
Confusamente agora os Brasileiros,
E lusos vão no prelio misturados !
Pavorosa, medonha vozeria
Vae retumbando em tal carniçaria.

XVII.

Aqui o retintim das armas troa !
Alli ferrenho, o perfido mosquete
Com medonho estampido arde e resôa !
Passado por feroz, buido florete
Na queda um cavalleiro a terra atrôa !
Relincha audaz o fêrvido ginete !
E da curva corneta ao som discorde,
O duro freio furioso morde !

XVIII.

Rios de sangue fumegando correm
No meio destes hórridos abalos !
A raiva dos que matam, dos que morrem
Nem dão á Morte breves intervallos !
Entre as turmas, que aqui e alli concorrem,
Voam sem dono rapidos cavallos ;
E quando estes guerreiros mais se-immolam,
Cabeças, braços, pelo campo rolam !

XIX.

Eis morrem de guerreiros centenares,
Pelo furor que a Morte aqui descobre !
Ennovelado fumo obumbra os ares,
Nuvem pulverulenta o campo cobre !
Sob os lagos de sangue em taes logares
Aqui a terra mádida se-encobre !
E quando equinos pés sobr'ella atroam,
Bagas de sangue pelos ares voam !

XX.

Troôu emfim a trompa Brasileira
Em funesto signal de retirada ;
Porem ordem guardando sempre inteira,
Vae recuando, mas sempre guardada !
Nunca tendo pavor, sempre guerreira,
Jamais dos inimigos foi cortada !
Pois que uma retirada habilidosa
Vale mais que a derrota vergonhosa !

XXI.

Eram poucos os nossos, que em tal dia
Aqui com tanta gloria pleiteavam !
Poucos, que com tão nobre valentia
Pela patria contentes se-immolavam !
Os inimigos seus, com furia impia,
Crescendo, mais sobre elles tresdobravam !
A retirada então a razão pede,
Pois que sempre a justiça á força cede !

XXII.

Já recuando de Sam Pedro ao Forte,
Os Brasileos soldados se-retiram;
Mas esta retirada é de tal sorte
Que inda aos imigos seus terror inspiram!
Inda aos contrarios seus mandam a morte
Nos raios que de longe lhes-atiram!
E neste Forte então todos entrados,
Se-deixaram ficar entrincheirados.

XXIII.

Se-deu a lusa tropa, e os marinheiros
Aos excessos d'um saque memorando !
Entraram os quarteis dos Brasileiros
A tudo em tanta sanha, devorando !
As bandeiras do seus irmãos guerreiros
Rasgaram, pelas ruas arrastrando !
Quem diria que as Quinas celebradas
Pelos lusos assim fossem tractadas !

XXIV.

Os lares penetraram de arrojados.
 E Oh quantos objectos respeitaveis
 Foram horrivelmente profanados
 Por scelerados entes indomaveis!
 Ah ! ñem houve respeitos que sagrados
 Suspendessem os monstros execraveis :
 Vêde, mis'ros mortaes, nestes revezes
 N'uma nova Vendée novos Francezes !

XXV.

Ardendo em raiva, de furor ardente
 Neste tão temeroso, atroz momento
 Os Templos do Senhor, tão.fera gente
 Profanou com damnado, horrído intento ! .
 Socega que não foste tú somente,
 Nabuchodonosor sanguisedento,
 Que, qual ministro do sanhudo inferno,
 Profanaste o logar do Deos Eterno !

XXVI.

Tudo foi com desprezo profanado
 Neste dia medonho em seus horrores !
 Nada daquella terra foi sagrado
 Para os monstros crueis em seus furores !
 Neste dia de crimes só manchado
 Vós, ó Virgens do altar, do claustro flores,
 Bellas filhas do ceo, de Deos esposas,
 Quanto soffrestes dessas mãos dolosas !

XXVII.

A da Lapa Clausura é violada .
Vomitando satanicos dicterios ;
A Casa d'Oração foi insultada
Por seus desapiedados vituperios !
As Filhas do Senhor . hora execrada !
São cobertas d'impíos [improperios] ! . .
E a Abbadessa á seu Deos humilde, e fida,
Traspassada d'um ferro, cabe sem vida !

XXVIII.

Oh morte mais que todas gloriosa!
Tomba sem murmurar, e expira calma !
Santa na morte, em vida virtuosa,
Entre anjos volve ao ceo tão feliz alma !
Vae do Esposo do ceo pura, e ditosa
Receber do martyrio a eterna palma !
Angelica em tua alma, e até no nome,
Alma aos anjos, e á nós o teu renome !

XXIX.

Em tanto horror, em tanta crueldade
Que humanos pois seriam acatados,
Si nem o Altar, Ministros, nem a edade
Foram neste momento respeitados !
O Padre Daniel . . oh que maldade !
Apezar de seus annos avançados,
Espancado, ferido, e sem conforto,
Róla aos pés dos malvados quasi morto !

XXX.

Não graveis por piedade, ó escriptores,
 Sobre as solemnes paginas da Historia
 Estes infandos, tetricos horrores,
 Esta infamante, e perfida victoria!
 (Olvidem-se estes males, estas dores,
 Que causou desses entes turba ingloria!)
 Nem que do altar fizeram-se inimigos
 Esses lusos christãos, christãos antigos!

XXXI.

Não saibam nossos filhos no futuro
 Dos males, que esses homens nos causaram.
 E nem que nesse dia atroz, e escuro,
 Irmãos de nossos paes ~~assim~~ obraram!
 Mas não. traçae embora o caso impuro,
 Não eram lusos, não, que ~~assim~~ tractaram!
 Eram dos homens a funesta escoria,
 Entes sem Deos, sem lei, sem patria, e gloria!

XXXII.

As venerandas portas do convento
 Tinham cahido pois despedaçadas;
 E sujeitas á insultos n'um momento
 As filhas do Senhor tão profanadas!
 Para poupar a si novo tormento
 Com seus santos vestidos adornadas,
 O Mosteiro da Lapa em fim deixaram,
 E para o do Desterro se-passaram.

XXXIII.

Manda Madeira então incontinente
Aos do Forte intimar que se-rendessem ;
Porem elles d'um animo valente
A fera intimação não obedecem ;
Mas o luso orgulhoso, e vehemente
Manda reunir os seus, que em numero crescem :
E para decidir da guerra a sorte
Feroz bombardear intenta o Forte.

XXXIV.

Então quiz o governo da Bahia
Aos intentos se oppôr do lusitano ;
Mas quanto mais dobrava de energia,
Tanto elle mais tenaz era em seu plano!
As Freiras das Mercês nesta agonia
Poderam alcançar desse tyranno
Outro asylo ir buscar mais socegado,
Pois que o seu, junto ao Forte, era assentado.

XXXV.

Vinha a crástina aurora despontando,
De pavor se pejou toda a cidade,
Ao verem pelas ruas caminhando
Das Mercês a fiel communitade !
As donzellas do ceo vão procurando
Outro asylo melhor na Soledade ;
Para assim prevenirem negros damnos,
E livrarem-se ás furias dos tyrannos !

XXXVI.

Tudo era p'ra o combate preparado
Quando então na cidade foi sabido
Que quasi estava o Forte evacuado,
Tendo os soldados d'elle se-evadido :
Por Madeira se-achou logo occupado
O Forte sem que fosse combatido :
E após de tanto horror, tanta maldade,
Senhor se-fez Madeira da Cidade.

XXXVII.

Sem com tudo perder sua esperança
Da cidade partira então ligeiro,
Para se-collocar em segurança
O pequeno partido Brasileiro :
Sem que soffra em seu animo mudança
Tempo vae esperar mais lisonjeiro :
P'ra o reconcavo pois partiu ousado
Té se-achar de soccorros reforçado.

XXXVIII.

Assim passou-se a scena desastrosa,
Que ainda hoje entre nós horror inspira !
Assim passou-se a scena sanguinosa
Cheia de tanto horror, de crime, e d'ira !
Perdoae a lembrança dolorosa,
Desculpae o cantor, si em sua lyra
Vos dispertou, ó filhos da Bahia,
As funestas memorias deste dia !

XXXIX.

N'ondas leves de um mar vasto, e aereo
Rola, sulca, arfa o globo dos humanos :
Por varios pontos deste mar sidereo
Outros viajam mundos mais ufanos !
Muito alem os-circumda o fogo ethereo,
Fanal perenne em Portos soberanos !
E alem deste diafano assentado
Um campo azul se-estende, é ceo chamado :

XL.

Desse ceo calcular-se é impossivel
Essa nunca medida immensidade !
E' do ceo a grandeza incomprehensivel
Emblema da espantosa Eternidade !
Meditar nesse espaço inconcebivel
Ao homem só permite a Divindade !
Mas não que a mente humana activa o-meça,
E alem deste ceo outro começa !

XLI.

Assim ceos sobre ceos vão se-aumentando
Nessa vasta amplidão incalculada !
Ceos, que de perfeições vão duplicando,
Amplidão que se-aumenta redobrada !
Além de tantos ceos, a frente alçando,
A cidade de Deos está collocada !
Repleta d'esplendor, de formosura,
Sorri-se eterna d'immortal candura !

XLII.

Da diva Hierosolyma quem póde
 A infinda descrever sem-par grandeza !
 Não dá-se á mente de homem que accommode
 Em si tanto sublime, e tal belleza !
 Nem a Musa do ceo ao vate acóde
 P'ra esboçar tão ignota natureza !
 Conta o que vistes tu, Discipulo amado,
 Quando foste de Patmos arroubado !

XLIII.

A Cidade de Deos está formosa
 Assente sobre eterno fundamento :
 Como a pedra de jaspe luminosa
 Se-adorna em sempiterno luzimento !
 Rica, em tanto esplendor, e sumptuosa
 E' d'ouro, e pedrarias o ornamento !
 Qual em dia de bodas preparada
 Para o esposo esposa destinada !

XLIV.

Flavente, como o fino ouro mais puro,
 Ao vidro, que o sol fere semelhante ;
 Ostenta doze portas o amplo muro,
 Cada uma é margarita fulgurante !
 Involve o longo circulo o jaspe duro
 Em tanta claridade rutilante !
 Em cada fundamento ha por inteiro
 O nome de um Apost'lo do Cordeiro !

XLV.

De materia, nos porticos, luzente
 Ha sacros caracteres engastados ;
 Os nomes sobre cada um seu batente
 Das Tribus de Israel se-lê gravados !
 Tres dos porticos 'stão p'ra o occidente,
 E tres p'ra o oriente estão voltados,
 Tres ao semptrião o Apost'lo via,
 E juntamente tres ao meio-dia !

XLVI.

No dos Justos supremo surgidouro
 De amar á Deos existe o só desvelo !
 Não se-encontra nos ceos aureo thesouro,
 E tudo é das riquezas grão modelo !
 Oceanos de luz, campinas d'ouro,
 Nada é luz, nada é ouro, e tudo é bello !
 Sorri-se eterna placida alegria,
 De perpetuo clarão, perenne dia !

XLVII.

Diffundem sempre de frescor banhadas
 Suavemente angelicaes odores,
 De divinos matizes recamadas
 Em celestes jardins ethereas flores !
 Das lagrymas dos justos irroradas,
 Reflectem puras, cambiantes cores !
 E um halito de Deos, que alli bafeja,
 Com doce oscilação nos ceos adeja !

XLVIII.

Alem desta mansão suprema, e bella
Nem-um azula curvo firmamento !
Não sulca por alli nem-uma estrella !
Nem-um sol tem occaso, e nascimento !
Tudo é perenne quanto existe nellá,
Marcar não pôde o tempo um só momento !
Na Casa do Senhor, Casa divina,
Nada começa pois, nada termina !

XLIX.

Quanta nos ceos ondula em gloria ingente
Divinal, deslumbrante claridade
Dardeja, entre lampejos, permanente
O Throno da tremenda Magestade !
Essa triplice chamma resplendente
Emanação do amor da Divindade,
Mantem, sem mutação de uma só hora,
Celestes arrebóes de eterna aurora !

L.

Viceja alli eterna arv're da Vida
Junto d'arv're formosa da Sciencia ;
Uma, e outra pomposa está florida,
Ambas gozam de Deos da pura essencia !
A materia não é lá conhecida ;
Tudo tem vida, amor, intelligencia !
Pois o quanto no ceo tem seu destino
Tudo é esperitual, santo, e devino !

LI.

Gozando sem ter fim, prazeres tantos
Da Graça do Senhor condecorados
No meio destes candidos encantos
De mil bens, sempre novos, ladeados,
Os Santos do Senhor, ditosos Santos!
Estão no Summo Bem sempre enlevados !
E dão alegres, neste gozo extremo,
Incessante louvor ao Ser Supremo !

LII.

Quaes da ordem dos Santos os Tetrarchas
Alli sobresahindo mais se-avista
Esses justos, antigos Patriarchas,
Cujos nomes a Igreja guarda em lista :
Não é que fossem ricos, ou monarchas,
Que o não foram Joseph, nem o Baptista;
E por virtudes de immortal memoria
Brilha mais sua auréola de gloria !

LIII.

Á velha Lei fieis Israelitas
Fulguram nesta reunião preclara ;
Antistes de Israel, Santos Levitas
A' quem a antiga Lei tanto exaltara !
Inda ostentam as chammas infinitas
Do esp'rito do Senhor, que os-inspira !
Da Poesia do ceo santos Poetas,
Ou do povo de Abraham sacros Prophetas !

LIV.

Bellos, resplandecendo em tanta gloria
 'Stão do Verbo os Apost'los Soberanos,
 Que prostrando o Peccado em grã victoria,
 Legaram tanto bem á nós humanos.
 Seguem-se os que deixaram á memoria
 Seus trabalhos por Deos, seus grandes damnos ;
 Aos pezares do mundo sup'riores,
 Martyres da nova Lei, seus Confessores !

LV.

Entre elles o esplendor sublime excede
 De Evangelistas nitidos, ridentes;
 Das dextras o Evangelho inda despede
 Raios de intensa luz auri-fulgentes !
 A mente delles a extensão não mede,
 Tão longe vão ferir resplandecentes !
 Após, envoltos em prazeres tantos,
 Estão de ambas as Leis todos os Santos !

LVI.

Archanjos á seu Deos só devotados
 Adoram ao Senhor dos Ceos, e mundos !
 Cherubins, Seraphins, alli prostrados
 O-louvam com respeitos mui profundos !
 Thronos, Dominações, Anjos alados,
 Potestades estão venerabundos,
 Tangendo Cyth'ras, Harpas, Alaudes ;
 E após seguem-se as candidas Virtudes !

LVII.

Sempre a vibrar trovões alto-elevado,
 E ampejando flammæ coruscantes,
 O tenebroso Solio do Increado
 Se-guarnece de nuvens incessantes !
 Brilha, qual resplendor, sobre elle alçado
 Um Iris de esmeraldas rutilantes !
 Mais baixo que este Solio, mui luzidos,
 Mais vinte e quatro solios são erguidos !

LVIII.

Sobre estes vinte e quatro estão sentados
 Vinte e quatro anciões, oh quam formosos !
 Todos d'aureos diademas coroados
 São no aspeito gentis, são magestosos !
 Todos com tal donaire estão trajados
 De candidos vestidos luminosos,
 Que a chlamyde reflecte tanta alvura,
 Que tira o preço á neve essa brancura !

LIX.

Raios mil disparando resplendentes
 No meio destes fastos infinitos,
 Ante este Throno Alampadas ardentes
 Sete, luzem com seus fogos bemditos !
 Esses sagrados lumes permanentes
 São do Senhor Supremo os Sete Esp'ritos,
 E ao brilho do crystal mui semelhante
 Ante o Solio se-estende um mar brilhante !

LX.

Mysticos animaes quatro elevados
 Estão cobertos d'olhos diamantinos,
 E por seis grandes azas sustentados !
 Ao Arbitro Supremo dos destinos
 Em concertos de amor abemolados
 Derramam pelos ceos consônos hymnos !
 Cada Ancião a frente reverente
 Curva então ante o Deos Omnipotente !

LXI.

O sublime Trisagio portentoso
 Trôa no meio de respeito tanto !
 Todo o ceo estremece temeroso
 Ao som tremendo—Santo, Santo, Santo ! —
 O nubilante Throno magestoso
 Relampeja, e trovões sólta com espanto !
 Depois em dulias notas soberanas
 Resoam pelos ceos sacros Hosannas !

LXII.

Ante a face do Deos immaculado
 Poisa em socego na mansão sagrada
 Presente do porvir, e do passado,
 O nada, que hade ser, ser que foi nada !
 Para Deos o porvir não tem estado,
 Nem existe p'ra Deos cousa passada;
 A Mente do Senhor tempos não mede,
 Ha um dia ! outro dia o não succede !

LXIII.

Myriadas gentis d'anjos zelosos
São os Ministros do Senhor jucundos !
Recebem seus decretos magestosos,
E partem a cumprir venerabundos !
Regendo esses esp'ritos poderosos,
Tem na Dextra o Senhor dos ceos, e mundos
Compasso d'ouro extremo em formosura,
Que emblema d'universo a architectura.

LXIV.

O Verbo divinal, Deos Encarnado,
Do Senhor o purissimo Cordeiro,
A' Direita do Padre está assentado,
Egual ao Pae, é Filho verdadeiro !
Da vida o Livro tem na Dextra alçado,
Juiz tremendo, sabio, e justiceiro !
Dos miseros mortaes votos immensos
São os de seu altar caros incensos !

LXV.

Fieis, em torno delle, em seus ardores
Intercedem por nós continuamente
Anjos, Prophetas, Mart'res, Confessores,
Que velam sobre nós eternamente !
Elle off'rece, em favor dos peccadores,
A' seu Eterno Padre Omnipotente,
Os fructos da paixão, que padecêra,
E da affrontosa morte, que soffrêra !

LXVI.

D'ambos (sacro mysterio!) procedente,
Existindo de um tempo indefinivel !
E como ambos tambem Omnipotente,
(Tenebroso mysterio incomprehensivel !)
Co'elles o Santo Esp'rito juntamente
Fórma a Trindade augusta, indivisivel !
Este Esp'rito, d'amor divina chamma,
Perenne amor celeste alli derrama !

LXVII.

Tres Deoses mui distinctos certamente,
E não ha mais do que uma Divindade !
Cada um de per-si Omnipotente,
E não ha mais do que uma Potestade !
Descendendo um dos outros procedente,
Em todos não ha mais do que uma edade !
Mysterio imperscrutavel, e divino
Do incomprehensivel Deos, unico e trino !

LXVIII.

Mysterio de cada uma eterna essencia,
Volvem-se a puro fogo, unico, inteiro !
Na tripel Chamma da eternal Potencia
Troveja um só poder, Deos verdadeiro !
Unida então a Trina Omnipotencia,
Reluz nos ceos o Trigonu Luzeiro !
A' si após fulgindo se-reduzem,
Tres, distinctas per-si, Pessoas luzen'

LXIX.

Contiguo ao Tabernac'lo Augusto, e santo,
Onde fulgura a Summa Divindade,
Onde cercado de trovões, e espanto
Brilha o Mysterio immenso da Trindade,
Sancta-Sanctorum de supremo encanto
Do Lume da Tremenda Magestade!
Existe o Tabernaculo divino
Da Filha, Esposa, e Mãe do Poder Trino!

LXX.

Aqui se-eleva a singular Maria,
A Rainha dos ceos Immaculada!
Orna-lhe o gesto candida alegria;
De um claro, e bello sol toda é trajada!
'Stá, sendo tanta pompa em harmonia,
De gemmantes estrellas coroada:
E de seu throno, bella em luz que é sua,
E' ultimo degráo crescente luá.

LXXI.

Aqui os Innocentes immolados
Do feroz galiléu pela influencia,
Que foram cruelmente degolados,
N'aurora inda mimosa da existencia.
E que ao céo des d'então arrebatados
Volveram á dos Anjos pura essencia,
Com respeitoso affecto, doce, e terno
Servem á Santa Mãe do Deos Eterno!

LXXII.

Brilhantes choros mil d'Anjos formosos
Cheios de amor, de graças, de energia,
Disputam entre si, rivaes mimosos,
Quem mais agrade á candida Maria!
Tangem uns instrumentos sonorosos,
Outros cadenciando em harmonia,
Letra sagrada, e musica regulam,
E a Saudação angelica modulam.

LXXIII.

São lá de outros celicolas anhelos
Preencher junto della outros destinos;
Queimam pois, em mirificos desvelos,
O costo, o amomo, o nardo, o encenso, finos;
E estes Anjos nitidos, e bellos
Thuribulos agitando esmeraldinos,
Com que o solio da Mãe gentis rodeam,
Nas mãos thuricremantes balanceam.

LXXIV.

Claros, ingentes, batalhões vistosos,
Que se-avultam sem fim, em numeros tantos
Enlevados em tão supremos gozos,
Pasmados de Maria nos encantos
Em seus olhos fulgentes, e piedosos,
Estão de alegres reverentes Santos;
E as preces, e os votos, e os clamores
Lhe-apresentam dos tristes peccadores!

LXXV.

Com rogos de seus filhos piedosos
 A mãe dos peccadores se-entenece:
 Aceita pois os votos fervorosos,
 E com pranto de mãe os-humedece!
 E, com lagrimas taes mais valiosos,
 Ao Sempiterno filho ella os-off rece;
 Sempre exulta feliz sua esperança,
 E quanto bem p'ra os homens quer, alcança!

LXXVI.

Ant'este tabernaculo magestoso
 O Anjo do Brasil comparecia,
 Lindo o gesto gentil, doce, e formoso,
 Mas pensativo, e nullo de alegria;
 Curvando-se ante o throno respeitoso,
 Prosternado assim dice: —Ave, Maria!...
 A rainha do immenso Paraiso
 Lhe-inclina a fronte com gentil sorriso!

LXXVII.

ANJO DO BRASIL.

« —Rainha, já sinceras rogativas
 Por mim ao solio teu foram mandadas;
 E minhas ternas preces mais que activas
 Foram por teus ouvidos escutadas!
 Doces promessas, que em meu peito avivas,
 Então por ti me-foram enviadas ;
 E o afflicto Anjo do Brasil Custodio
 Exultou contra o negro, inferio odio!

LXXVIII.

« — Não temi dos demonios a alliança
 Por teus promettimentos soberanos ;
 Elles foram p'ra mim doce esperança,
 Delindo os males meus, males tyrannos!
 Nesta risonha, e placida bonança,
 No esperar tanto bem, leni meus damnos!
 Eu confiei em ti, Sacra Maria,
 Pois quem confia em ti, em Deos confia!

LXXIX.

« — Porem do reino, cujos bens promovo,
 Se-esquece o coração teu, puro, e terno;
 E fica entregue teu devoto povo
 Aos furores crueis do torpe Averno!
 D'esse reino que é teu, reino tão novo,
 Tão devotado á Mãe do Deos Eterno,
 O povo, que é só teu, que Mãe te-chama,
 Teu amor, teu soccorro hoje reclama!

LXXX.

« — Não é mister que da Mansão sagrada,
 Onde o Eterno Bem feliz se-encerra,
 Terrivel legião d'Anjos armada
 Descenda á triste, desolada terra !...
 Não é mister que á infausta, atroz morada,
 A Milicia do Ceo declare guerra...
 Sobra um gesto do rosto teu sereno,
 Um ligeiro querer, um leve aceno!

·LXXXI.

« — A posse dessa terra Brasileira
 O negro Inferno nunca mais retome!
 Teu poder, porque és della Medianeira,
 Basta p'ra que ao Abysmo horrendo dome!
 Mostra que sendo della Padroeira,
 Não tem em vão de Santa Cruz o nome!
 E erigir-te verás grata memoria
 Mais novos Templos ao teu Culto, e Gloria!

·LXXXII.

Tal fallou. E sentido em seu desgosto,
 Em seu seio uma lagryma se-esconde:
 Maria, com sereno, e brando rosto,
 Carinhosa dest'arte lhe- responde:
 « — Anjo feliz, o teu pezar supposto,
 Mal cabido, levar queres té onde?
 Longe pois teu sentir tão doloroso;
 Exulta, porque o Céu te-faz ditoso!

LXXXIII.

« — Tuas supplicas, votos, e fervores,
 Até o solio meu foram subidos,
 E teus rogos fcieis, e teus clamores,
 Com piedade por mim foram ouvidos!
 Ao Senhor Sempiterno dos senhores
 Foram já nos meus rogos offrecidos:
 E concedeu-me a Essencia Omnipotente
 Quanto bem p'ra o Brasil roguei-lhe ardente

LXXXIV.

« — Embora sobre tão ditosa terra
 Raivando, furias mil despeje o Abysmo!
 Embora em sua face entornem guerra
 A tremenda Anarchia, o Depotismo!
 A Discordia, que ao mundo inteiro aterra,
 Tudo revolva, e espalhe o terrorismo!
 Jamais hade do Inferno a turma ingloria
 Ganhar sobre o Brasil feliz victoria,

LXXXV.

« — O Deos Omnisciente, o Deos Eterno,
 Para ás vezes provar os peccadores,
 Permite a mil espiritos do Inferno
 Lhes-causar afflicções, penas, e dores!
 E quanto mais furor lhes-mostra o Averno,
 Quanto maiores são seus dissabores,
 Mais brilhante terão victoria inteira,
 Conquista mais real, mais verdadeira.

LXXXVI.

« — O que pelos demonios attentado
 Vê lhe a vida correr entre desgraças,
 E que de paciencia se'npre armado,
 Vence do Orco as terriveis ameaças;
 Esse, pelo Senhor abençoado,
 Perante os olhos seus encontra graças;
 Esse, depois tranquillo, e venturoso
 Goza o premio feliz do virtuoso!

LXXXVII.

«— Após trabalhos mil, trabalhos rudes...
 Trabalhos... são occultos os seus annos!...
 Após de mil crueis vicissitudes,
 De mil crimes, mil penas, e mil damnos,
 Dias renascerão d'altas virtudes,
 De glorias, e de fastos soberanos,
 Para a terra feliz, á qual protejo,
 A terra, que por ora afflicta vejo!

LXXXVIII

«— Quem descortinar hade, e fio á fio,
 Um Decreto de Deos grande, e profundo!
 Novo Mundo do idólatra gentio
 Novo Templo christão impõe-se ao Mundo!
 O mesmo nome tendo assim tão pio,
 Como a do Templo seu vasto, e fecundo,
 Se-elevará da Cruz nesse hemispherio
 Nova Pedra angular de um novo Imperio!

LXXXIX.

«— Não depende do mundo, si o-deseja,
 Tão grande coração, tão grande vida!
 Como da de Jesus nascente Igreja,
 Essa pedra angular vae combatida!
 Nesse mesmo lugar mais nova seja
 Pedra do mesmo nome então erguida!
 E qual de Christo o Templo começado,
 Hade ser esse imperio flagellado!

XC.

«— A Aguia no seu solo venturoso
 Divagará, sem ter certo caminho;
 E contr'ella verás mais furioso
 Todo o poder do Ténaro damninho!
 E alguns, neste estado c'lamitoso,
 Dos filhos d'aguia fugirão do ninho:
 E rasgará, no solo americano,
 Essa Aguia o seio seu, qual Pelicano!

XCI.

«— Nestas horriveis tempestades feias,
 Entre tão lastimosos, crueis tratos,
 O sangue tirará das proprias veias,
 Para assim alimentar filhos ingratos!
 Sem temor, sem respeitos, e sem peias,
 Demonios, sôltos em seus negros a'tos,
 Por sobre essa Aguia em turbilhões insanós,
 Farão pairar os derradeiros damnos!

XCII.

«— Assim do Salvador a Igreja Santa
 Se-vae desfallecendo enfraquecida!
 E na perseguição, que ao mundo espanta,
 Parece entre pelejas succumbida!
 Mas quando desta sorte se-aquebranta!
 A Esposa do Senhor, sagrada, e fida,
 Coberta do Broquel das Mãos Divinas,
 Mais bella se-reergueu d'entre as ruinas !

XCIII.

«— A profundez do abysmo contemplando,
 Que prestes p'ra os-sorver verão visinho,
 A' seus pés entre horrores negrejando;
 Os filhos d'Aguia voltarão ao ninho!
 Após de tanto estrago recuando,
 Irão trilhar fieis novo caminho!
 E ella, ja completa a sua sorte,
 D'entre ruinas surgirá mais forte!

XCIV.

«— Cumpridos longamente os seus desejos,
 Triumphante, feliz, nobre, e guerreira,
 Sublime irá cruzar amplos adejos,
 Entorno á Cruz do sul Aguia altaneira!
 Torvos dragões, baldados seus manejos,
 Illusos silvarão a vez primeira,
 Vendo a Aguia apavonada, e magestosa,
 Ja livre a revoar victoriosa!

XCV.

«— De Justiça, e de luzes ladeado,
 Pleno de alto poder, e d'energia,
 Na bella Cruz do sul será grimpado
 Fulgente sol até seu moio-dia!
 Eis que o poder da Cruz será notado
 Por f'licidade, amor, sabedoria;
 E os filhos d'Aguia, com saber profundo,
 Encherão de respeito á todo o mundo!

XCVI.

«— A Aguia, em seus adejos magestosos,
 Vencerá, de uma vez, tantos perigos;
 E hade ir seus contrarios cavilosos
 Supplantar em seus tetricos abrigos.
 Entre as garras, com impetos briosos,
 Devõrará tremendos inimigos;
 E, debaixo da grande Cruz luzente,
 Hade poisar seu vôo eternamente.

XCVII.

«— Corrida de miseria, e de vergonha,
 Ja das intrigas suas demudada,
 Ver-se-hade em boreal nuvem medonha
 A Ursa se-esconder d'envergonhada!
 Aos mares correrá sua peçonha,
 De mortifero effeito então baldada!
 E, recordando a prisca sua historia,
 Hade adorar da Cruz a nova gloria!

XCVIII.

«— Ella, que outr' hora virgem tão formosa,
 Ja foi da nova Lei gloria subida,
 Fugida de um tal gremio, criminosa
 Será em breve em fera convertida!
 De tão grande poder essa dolosa
 Vae tombar na miseria entorpecida!
 Assim o Deos, que rege humanos fados,
 Castiga os criminosos potentados !

XCIX.

« — Inteiro, como ha sido em toda a idade,
 Exaltará humildes desditosos!
 E a sua tremenda Magestade
 Abaterá os ricos orgulhosos!
 Do passado, a presente flicidade,
 Hade adoçar os males horrorosos:
 E' este, ó Anjo, do porvir o estado,
 Que o Eterno ao Brasil tem destinado! — »

C.

Dice. O Anjo ficou meditabundo,
 E depois lhe-volveu : » — Por mais estudo,
 Que eu faça deste Arcano tão profundo,
 Nada sei compr'ender, ou eu me-illudo .—
 Maria então lhe-diz com ar jucundo:
 « — Sê tranquillo, que o Tempo explica tud
 O Anjo, pois, vertendo um grato pranto,
 Este, entoa á seus pés, sagrado canto :

CI.

« — Salve, dos Ceos Rainha Soberana,
 Mãe de misericordia tão fecunda;
 Vida, e doçura dessa vida insana,
 Dos homens esperança a mais jucunda!
 — Salve — dos desgraçados voz humana,
 Filhos de Eva brada-te profunda!
 Gemem por ti, continuos pranteando,
 De Lagrymas n'um valle suspirando !

CII.

— Eia pois, ó dos homens Advogada,
 Teu olhar, que em piedade é infinito,
 Aos peccadores volve apiedada:
 E, depois do desterro seu afflicto,
 Lhes-mostra alegre, na Siam sagrada,
 Jesus, do Ventre teu Fructo Bemdicto!
 Este esperar dos homens seja posse.
 O' Mãe Clemente, ó Piedosa, ó Doce!

CIII.

— O' Santa Mãe do Deos, Virgem Maria,
 Pelos homens supplica em prece ardente;
 Para quo sejam dignos, noute, e dia,
 Das Premessas de Christo eternamente!—
 Os Anjos em dulciloqua harmonia
 Repetiram — Amem — com voz ingente!
 E o do Brasil, lá donde o Bem se-encerra,
 N'um lampejo volveu de novo á terra!

CIV.

Mais tranquillo, mais ledó, e socegado
 Respirou a formosa potestade;
 E se-foi collocar de novo ao lado
 Do socio, Anjo da santa Liberdade:
 D'ambos a vela é cheia de cuidado
 Para frustrar do Inferno a grã maldade:
 Pois em guarda de um povo, inda não forte,
 Quer o Ceo que elles velem desta sorte!

CV.

No entanto da Discordia o negro esp'rito
Tudo com suas fúrias abalava:
Os lusos do Brasil neste conflicto
Já contra os Brasileiros concitava;
O demonio feroz, torpe, e maldicto
Amigos contra amigos conspirava;
No parente o parente se não fia,
O Pae no proprio filho não confia!

CVI.

Neste tremendo, pavoroso estado,
Pela do negro Averno horrivel arte,
Ia soltar-se infrene, arrevesado
Desses antros de horror sanhudo Martel
Ia já neste solo abençoado
A guerra negrejar por toda a parte!
A mais feia, á mais dura, que ha na terra
De parentes, de amigos impia guerra!

CVII.

Torpes monstros do inferno se-apossado
Dos animos já tinham do Congresso,
Que n'um atro furor desesperado
Não recua, não cede em tanto excesso!
Contra o Brasil inteiro conspirado,
Vae com seus diros planos em progresso,
E de todo o Brasil com penna infensa
Lavrado tinha a tímida sentença!

CVIII.

Já quasi nos suburbios do Janeiro
 O regio viandante então trilhava:
 Da viagem no ponto derradeiro,
 Não distante da Côrte, que buscava,
 Dirijindo-lhe a falla um estrangeiro,
 Sorrindo desta sorte lhe-fallava:
 « Si tanto tendes vós nos-penhorado,
 Mais um favor, si for de vosso agrado . »

CIX.

PEDRO,

—Em vos-dar só prazer tenho desejo:
 Si vos-poder servir, terei por gloria.—

ESTRANGEIRO,

« Si pezar vos não causa pois, almejo
 Dessa pedra do mago ouvir a historia:
 Tal tradição, em tão propicio ensejo;
 Me-enriquecer virá mais a memoria. »

PEDRO.

—Ledo vos-contarei, com todo o empenho,
 Quanto a respeito tal ouvido tenho.

CX.

—Troa a fama que outr'hora aqui viera
Venerando mortal d'alto destino;
E que per estes serros discorrêra
Firmado em seu bastão de Peregrino:
Se-diz que a este povo pertendêra
Da Boa-Nova aos homens fazer di'no:
Se-diz que uma doutrina elle ensinára
De um Deos, que pelos homens se-humanára!

CXI.

—Sua tez se-vestia da brancura,
Que nos filhos d'Europa se-conhece;
Bem que do sol d'America a quentura
A nivea côr um tanto lhe-escurece:
De silvestre animal a pelle dura
O corpo emmagrecido lhe-guarnece:
Dos cabellos a barba é mal distin'ta,
E a barba lhe-desce até a cinta:

CXII.

—Grande Cruz do pescoço lhe-pendia:
No indigena idioma era famoso:
De respeito, e temor á tudo enchia,
O seu celeste rosto magestoso!
Seu sustento, e seu lar ninguem sabia!
Era pois seu viver mysterioso!
Tubá Sumé a gente lhe-chamava,
Donde veiu, quem era, ella ignorava!

CXIII.

—Dizem que a nova lei de um Deos trazia,
A qual suave aos homens ensinava;
Feliz vida nos ceos lhes-promettia,
Ou com o fogo eterno ameaçava.
O Deos, que de tão longe conduzia,
Aos homens com seu sangue mil bens dava:
Creio significar pois tudo isto
Que era o Santo Thomé pregando o Christo!

CXIV.

—Mas o que a luz dos ceos no péito encerra
Viu baldar-se com dor sua doutrina;
Sem fructo perlustrou toda esta terra,
Viu irrita a palavra alta, e divina!
Debalde ameaçou com dura guerra,
Com peste, e fome, .. oh gente tão ferina!
Pois fugia á doutrina santa, e pura
A gente tão ignara, e fera, e dura!

CXV.

—Um dia, que do mar sobre a ribeira
Pregava do Senhor o enviado,
O accomette a gente carniceira,
E foi de crua morte ameaçado!
Mas o Santo, mostrando uma alma inteira,
Para o mar leva os passos socegado;
E tendo já seus pés involtos d'agoá,
Encara a todos com profunda magoa!

CXVI.

—Não desistem porem do fero intento:
E sobre elle se-vão com furia tanta! ..
Que seu negro furor sanguisedento
Só aos anjos das sombras não espanta!
De subito a bramir neste momento
O mar pyramidal mole alevanta!
E qual, si em throno solido se-assenta,
O Santo intacto no seu tôpo ostenta!

CXVII.

—Mas não; não era o povo, que irritado,
Contra o homem tão justo se-movia,
Sendo de quasi todos sempre amado!
Era o chefe da Tribu, que temia
Ver seu poder em breve aniquilado,
Tanto o povo ao Apostolo queria!
Eram pois o Paié, e seus sequazes
Que a feril-o de morte vão audazes!

CXVIII.

—Como o som do trovão sua voz abala
Em seu vasto ambiente estes logares:
Do Discipulo de Deos ouvindo a falla
Tremem de susto perto, e longe os ares:
O vento um só suspiro não exhala;
Para ouvir sua voz calam-se os mares:
Eis tira do pescoço, onde se-achava,
E na liquida mole a Cruz encrava.

CXIX.

« — Suspendei. . . que da face deste mundo
De vossos paes o crime, a iniquidade,
Com pavoroso horror, horror profundo
Quasi sumir-se fez vasta cidade!
Hoje de feras so covil immundo
Jaz seu resto em medonha soledade!
Deos o-conserva neste mundo novo
Para memoria de tão impio povo!

CXX.

« — D'aqui á longos seculos cruelmente
Outros com ferro, e fogo despiedados
As verdades, que ensino docemente,
Vos-virão ensinar da morte armados!
Ser troncos quereriam certamente
Então os vossos filhos malfadados,
Por que os crimes, agora commettidos,
Hão de ser nelles com horror punidos!

CXXI.

« — Esta Cruz, que insultaes com vozerias,
Hade neste paiz ser levantada,
E por muitos dos vossos nesses dias
Com fervorosos cultos acatada!
Então até as brenhas mais impias
A Cruz do Salvador será levada:
E em todo este clima afortunado
O Christo do Senhor será louvado.

CXXII.

«— No meio dos desertos, nessa idade,
 Ver-se-ha que em grande parte ao solo opprime
 Misero resto de infeliz cidade,
 Que já potente fôra, e já sublime!
 Antiquissimos povos, oh verdade!
 Vossos paes alli deram culto ao crime!
 E entregar a Poesia hade á memoria
 Quanto de tudo isto ignore a historia!

CXXIII.

«— Aclarados do Eterno altos Mystérios
 Nesta terra abundante, e abençoada,
 Hão de se-alevantar vastos imperios,
 Onde hade a santa Cruz ser venerada!
 Subjeitos aos espiritos inferios
 Alguns dos vossos, raça desgraçada,
 Duros, cegos, tenaces em seus erros,
 Por longo tempo habitarão os serros!

CXXIV.

«— Aqui, vencendo as leis da natureza
 Petrificada esta agua eternamente
 Vos-recorde a mais barbara dureza,
 Da mais iniqua, mais rebelde gente!
 E minha Cruz, mais cheia de belleza,
 Brilhará neste ceo continuamente;
 E, então entre os astros apontada,
 Um dia—a Cruz do Sul—será chamada!

CXXV.

«—Quer Deos que longa idade já passada
 Gente lá de outros climas conduzida
 Venha neste terreno achar pousada,
 Sendo por vossos filhos acolhida!
 E que a Cruz, dos Christãos tão venerada,
 A qual hoje por vós é combatida,
 Neste terreno levantada seja
 No dia em que o Christão a Cruz festeja!

CXXVI.

«—Por essa gente, que virá incerta,
 Esta terra ditosa, e abençoada,
 Sendo em dia tão grande descoberta,
 —Terra de Santa Cruz—será chamada! . . .»
 Aqui no peito a mão o Apostolo aperta,
 E fica a voz no peito supitada!
 Então a sua Cruz viram as gentes
 Mudada em quatro luzes refulgentes.

CXXVII.

—Eis que ao som de um trovão desaparece
 Da pyramide d'agua o homem justo!
 E no ponto, em que esteve, resplandece
 Sua Cruz; dos Christãos signal augusto!
 Petrifica-se a agua, e se-endurece,
 E se-torna rochedo alto, e robusto!
 Em face desta scena decantada
 Ficou a gente absorta, e admirada!

CXXVIII.

—D'ahi, a pouco, as luzes fulgorosas,
 Que compunham a Cruz, tão scintillantes,
 Mudam-se em quatro estrellas radiosas,
 As quaes despedem raios fulgurantes!
 E aos olhos das gentes curiosas
 Lá vão grimpendo ao Ceo, sempre brilhantes!
 E no Ceo, para o sul sendo levadas,
 Entre o Centauro, e a Mosca'stão pregadas!

CXXIX.

—Junto á esse do ceo bello luzeiro,
 E onde a via-lactea está assentada,
 Vê-sè do sul o nitido Cruzeiro,
 Constellação fulgente, e afamada!
 Foi a Cruz do Discip'lo do Cordeiro,
 Da terra do Brasil ao ceo levada!
 Da Santa Cruz no dia descoberta,
 Tal nome se-lhe-deu, e bem lhe-acerta !

CXXX.

«—A pyramide ainda existe agora
 Testemunha eternal da santa historia !
 O indigena humilde alli adora
 Do antigo Sumé a fama, a gloria!
 O tempo a branca cor, que tinha outr' hora!
 Estinguuiu; mas eterna é a memoria:
 E da forma, que tem, que é tão sabida,
 Por — Pão-d'Assucar — é hoje conhecida !—»

CXXXI.

Tinha entretanto o nobre viandante
Feito a viagem sua, e a Côrte entrado,
Voltando desse serro tão distante,
De sinceros amigos ladeado.
Tanto se-avantajou, grão caminhante,
Que não era dos seus jnda esperado!
Mas repentinamente foi saudada
Sua grata pessoa inesperada!

CXXXII.

A vinda, que prazer doce trazia
A' tão amigos, tão fieis desejos,
Festejada se-fez com alegria,
Em solemnes, gratissimos festejos!
O lindo Anjo das Graças, neste dia,
Levou ao Ceo, em rapidos adejos,
Purissimos incensos consagrados
Sobre os santos altares derramados!

CXXXIII.

Os hymnos liberaes aos Ceos subirám
Ao som de doces, brandos instrumentos!
Os ledos patriotas se-cobriam
De seus mais preciosos ornamentos!
A Princeza do valle os astros viram
Lhes-disputar o bello em taes momentos,
Na pompa, no esplendor de luzes varias
De milhões de festivas luminarias!

CXXXIV.

Mas não era no em tanto a festa inteira,
Sem mescla de pezar, e d'agonia,
Pois' a guerra, que assoma sobranceira,
Minora um tanto as glorias deste dia:
Mas quem quer Liberdade verdadeira,
Sem abusos, sem traços d'Anarchia,
Quando prazer a Patria manifesta,
Com as armas na mão balha na festa!

CXXXV.

Recebe, egregio Heroe do novo Mundo,
Os supremos signaes dessa amizade!
Recebe, que com rosto assás jucundo
Seus laureis te-prepara a Liberdade!
Este tão santo amor, puro, e profundo,
Esta festa de grata amenidade,
São dos trabalhos mil, tão bem soffridos,
Os sublimados premios merecidos!

FIM DO CANTO IX.

CANTO DECIMO.

CANTO X.

ARGUMENTO

Sessão no Congresso de Lisboa ácerca do Brasil. Os Anjos, e os demonios tomam parte nella pro, ou contra, inspirando a varios membros. Insultos do Despotismo contra o Brasil. Deputados Brasileiros no Congresso. Discurso de Lino Coutinho, de Barata, e de Antonio Carlos. Insultos. Firmeza do Orador. Discurso de um Deputado Brasileiro Horror n'Assembléa. Promulgam-se Decretos contra o Brasil. Os Anjos do Brasil, e da Liberdade voltam immediatamente ao Brasil; e tambem os demonios. O Anjo da verdadeira Fama, o demonio da falsa; noticias que trazem. Furores do povo Brasileiro. Os Fluminenses com o Senado da Camara vão-se a ter com o Principe. O titulo de Defensor-Perpetuo tomado por D. Pedro, e que passará á seus descendentes. Prazeres do povo. Hymno Constitucional. Outra vez vae o Senado, e o povo a ter com D. Pedro. Discurso de José Clemente Pereira, que pede a instalação de uma Assembléa Constituinte. D. Pedro concorda,

CANTO X.

—

I.



PÔE-ME em tua dextra prepotente,
E teu vôo sublime, eia, desata,
O' Anjo da Poesia, e velozmente
Ao hemispherio opposto me-arrebata:
Põe-me no meio do salão ingente
Onde da Patria minha ora se-trata;
Faze que eu note o proceder insano
Do Congresso, em seus erros soberano.

II.

Tinham previsto os lusos deputados
Dos erros do Congresso, tão vesanos,
Os já quasi propinquos resultados,
Os consequentes, necessarios damnos!
Oh! por esses seriam decepados
Esses grosseiros, mal-cabidos planos,
Por esses não seria retalhado
Dessas duas nações o nó prezado.

III.

Mas sobre esses teus filhos, que arrojados
Motivaram em ti tanta mudança,
Lisia, sejam teus odios derramados,
Tuas eternas maldições lhes-lança!
E . . . que digo! . . . Perdoa aos desgraçados,
Do Brasil os-puniu nobre a vingança ;
Elles não conheciam quanto obravam,
Pois demonios do inferno os-inspiravam.

IV.

E vós, que pleiteastes nessa liça,
O' lusos, generosos, nobres peitos,
Que quizestes, contrarios á cubiça,
Para as duas nações eguaes direitos ;
Entre os vossos collegas, com justiça,
O Brasil vos-sagrou altos respeitos!
E ralem-se de inveja os impostores
D'homem imparcial ante os louvores.

V.

Entre raiva, furor, odio, e despeito,
Do Brasil o destino era tractado:
O quanto o grande Pedro havia feito,
Fôra de um jacto alli tudo annullado:
Era da trama o almejado effeito
O ver aos ferros o Brasil tornado!
E processar mandaram, por mil modo,
Da junta de São Paulo os membros todos !!

VI.

Anteveem neste plano, que os-aterra,
Os nobre lusos, não interesseiros,
O tremendo signal da iniqua guerra,
E a vindicta dos peitos Brasileiros!
Havia pouco a amèricana terra
Que, aos estados d'Europa, inda aos primeiros,
Tendo contra seus reis se-rebellado,
Tinha caras lições com gloria dado!

VII.

Do esp'rito dos insultos possuido
Deste medo mofava um deputado;
E de um atro furor todo incendiado,
Esbravejava assim, mais que arrojado:
—Si o Brasil separar-se hoje atrevido
De nós, será mais triste o seu estado!
De Lisia um só aceno o aniquila;
Bastam, p'ra o conquistar, mil cães de fila!— »

VIII.

Sobre os futuros do Brasil tractava
O Congresso, em seu posto reunido,
Então em dous partidos se-notava
Este celebre Corpo dividido;
Um que o luso partido alli formava,
E outro o Brasileiro resumido;
Mas na lusa fracção, oh covardia!
Brasileiros tambem alguns havia!

IX.

Os esp'ritos do Averno conspirados
Nesta grande sessão parte tomavam;
Os Anjós ao Brasil mais devotados
Neste dia famoso alli se-achavam!
Os Anjos, e os demonios misturados
A ambos os partidos inspiravam;
O Inferno, e o Ceo, n'aquelle dia,
Cada um sua causa protegia!

X.

Que egregios Oradores prestimosos
Neste dia immortal mais se-illustraram !
Como seus claros nomes grandiosos
A^r fama perennal se-remontaram!
Preclaros nomes de varões famosos,
Que pela patria illustre pleitearam,
Sereis deste Brasil fausto ornamento,
Illesos do fatal esquecimento!

XI.

Entre esses deputados Brasileiros,
Que mais por seu saber sobresahiam,
Tres, serem apontados por primeiros,
Estrenuos oradores bem podiam :
Inda os mais sabios, de facundia inteiros,
Da prisca Lusitania os não venciam!
Andrada, que cloquente se-arrebata,
Lino Coutinho, e impavido Barata.

XII.

Coutinho no fallar mui delicado,
Era orando mui placido, e sereno,
Qual limpido regato deslizado,
Que em brando murmurio corre ameno.
Barata agora brando, e logo ousado,
Qual grosso rio em desigual terreno,
Que agora corre manso, e vagaroso,
Logo túrgido, altivo, impetuoso!

XIII.

Andrada, de eloquencia tersa, e ornada,
Campava de vehemente, e de pomposa!
Qual tumida torrente despenhada
De altiva catadupa, que espumosa,
Seu alveo transbordando arrebatada,
Se-precepita em fuga estrepitosa;
E quanto encontra, em rapido combate,
Acommette, desloca, estraga, abate!

XIV.

Do impolitico meio alli tractavam
De ora ser no Brasil tudo annullado;
Sobre o monstro decreto disputavam,
Que o-punha ao novo jugo avassallado!
No rancor, com que audaces bravejavam
Era o Heroe do Brasil desacatado,
E, lançando ao Brasil ávida vista,
Já contavam segura agrãa conquista!

XV.

Qual o persa, que estúpido, e tyranno,
Ao penetrar a Europa soberboso,
Do Hellesponto as injurias pune insano,
P'ra acovardar helenos de orgulhoso!
Mas desorganizado o grande plano,
Vencido pelo povo bellicoso,
Sahe d'Europa corrido, envergonhado
Quem com orgulho tanto a-tinha entrado;

XVI.

Lino Coutinho orando principia,
E vae assim ferir tantos ouvidos:
«—Grandes meios, senhores, e energia
Empregam no Brasil ja dous partidos;
Um, escravos, quaes foram algum dia,
Deseja os Brasileiros reduzidos;
Outro subido á linha da egualdade
Quer conquistar o bem da Liberdade.

XVII.

«—E' um d'homens, que em ser foram primeiros
Inimigos dos barbaros tyrannos ;
Outro, é desses, que foram derradeiros
Em quebrar esses jugos deshumanos !
Este, é dos generosos Brasileiros,
Aquelle, de alguns falsos lusitanos !
Que os bons, amando a justa Liberdade,
Querem p'ra seus irmãos justa egualdade !

XVIII.

«—Agora promulgaes leis arbitrarías
 Oppostas do Brasil á Liberdade ;
 E taes leis, ao Brasil sempre contrarias,
 Dizeis que são p'ra sua f'licidade;
 Mas estas leis, tão perfidas, tão varias,
 Baseadâs em tanta iniquidade,
 Teêm por fim só tornar mais atrevido
 Esse opposto ao Brasil andaz partido !

XIX.

«—Este effeito moral, que é impossivel
 Com as armas na mão verdes ~~o~~ imprido,
 Com decretos assim credes factivel
 O ser inteiramente conseguido !
 Vedes que é vosso meio inexequivel,
 Mas quereis o Brasil mais desunido !
 E retalhado assim vosso inimigo,
 Quereis lhe-impôr por fim o jugo antigo

XX.

«—De tal manha aguardaes grande proveito ?
 Ah! nunca o-espereis, não, certamente;
 Quando um pãrtido, armado, em seu despeito,
 A principios se-vota firme, ardente,
 Anáthemâs não ha, medo, ou respeito,
 Que o-faça recuar covardemente ;
 E, si o-persegue o fero Despotismo,
 Liga aos principios seus mais fanatismo !

XXI.

«—Que ! . . dizeis que é bastante que appareça
 Vosso altivo Decreto no Janeiro
 Para que de uma vez alli pereça
 O liberal, partido Brasileiro ? !
 Si de Medusa auguifera cabeça
 E' o vosso papel, dizei primeiro,
 Que possa no Brasil um tal partido
 Ver-se, por elle em pedra convertido !

XXII.

«—Do Brasil ao Regente generoso
 Tendes tractado aqui de um modo horrendo,
 E o-julgaes assim tão criminoso,
 Por ser d'animo nobre, e estupendo.
 Credes vós que esse Principe famoso,
 A tão fragil papel obedecendo,
 Deixe um povo, que o-ama em tanto excesso,
 E venha submeter-se hoje ao Congresso ? !

XXIII.

«—Com mais circumspecção, mais equidade
 Que tracteis ao Brasil, senhores, rogo ;
 Mas ah ! si lhe-negaes a liberdade. .
 Vereis nelle abrasado intenso fogo !
 Por si reconquistando a magestade,
 A' que direito tem, erguer-se-ha logo,
 Para, calcando tão nefanda intriga,
 Cortar o nó, que á Portugal o-liga !

XXIV.

«—Si porem velejaes sobre outro norte
 Tractando injustos do Brasil a terra,
 Não vão decretos decidir da sorte,
 Mas sim armas na mão, mas sim a guerra !
 Quando á partidos dous a lucta forte
 Em raso campo com furor aferra,
 Vence o mais forte. . . e após de uma acção crua,
 Sendo o triumpho seu, a lei é sua !

XXV.

«—O Brasil não anhela todavia
 Do velho Portugal ser separado ;
 Mas a querel-o, sobra-lhe energia,
 Em suas proprias forças confiado !
 Tem de seus filhos nobre valentia,
 Amor da Patria grande, e sublimado !
 E de um terreno vasto certamente
 A conquista não vae tão facilmente !

XXVI.

«— Convem pois que o Congresso se-preserve
 Dos de uma guerra atroz crueis furores !
 Cumpre que neste lance se-consERVE
 O Brasil com justiça. Eia, senhores,
 Vão arrependimento nos não serve,
 No meio dos da guerra impios horrores !
 Pensae bem neste caso ; é mui preciso
 Decidir, quaes varões d'alto juizo ! —»

XXVII.

Fallou Lino : e Barata assim começa :
 «— Si eu fora, como alguém arrebatado,
 Que aqui erguendo a fêrvida cabeça,
 Contra o Brasil troou, mais que arrojado,
 Dizendo : (Portugal que lh'-o-agradeça)
 — Que importa a perda do Brasileiro Estado ?
 Sua perda tambem não lastimamos,
 E nem de sua ajuda precisamos : —

XXVIII.

«— Si eu fóra assim, em meu contentamento,
 Sobre o Brasil os olhos meus lançando,
 Vendo o seu expontaneo movimento,
 Por minha vez tambem fóra exclamando :
 — Eis, da separação, eis o momento...
 Fique-se em paz o velho venerando !
 Volva o Tejo em seu leito todo louro,
 E o Amazonas leve ao mar seu ouro ! —

XXIX.

«— Quando, da liberdade ao sacro toque,
 Vejo que sua chamma se-desata
 Abrasando do Cabo de Sam-Roque
 Até a longa foz do rico Prata ;
 Sem que o receio meu prazer suffoque,
 Rompem meus labios nesta voz tão grata ;
 — Ao velho Portugal sua belleza,
 Ao Brasil sua rica natureza ! —

XXX.

« — Por isso eu quæreria ver lavrado
 Tal decreto, que timbra a iniquidade ;
 Pelo qual o Brasil abroquelado
 Da razão, conquistára a liberdade !
 Mas não : por mim não seja aqui lançado
 O pomo da Discórdia á inimizade !
 Quem pois me-faz fallar não é despeito,
 E' só do bem da Patria alto respeito !

XXXI.

« — A razão, a justiça, a natureza,
 Me-inspiram este amor, esta energia,
 E obrigam-me a tomar ampla defeza
 Pela terra onde vi a luz do dia !
 Para mostrar, não falta-me afouteza,
 Desse insano decreto a tyrannia !
 E por injusto do Brasil ao Estado
 Deve ser sem demora reprovado !

XXXII.

« — Senhores, neste perigoso ensejo,
 Este decreto que á razão aterra,
 Tem em vistas somente, no que vejo,
 Revoltar do Brasil a inteira terra !
 Parece do Congresso ser desejo
 De tambores ao som declarar guerra !
 Tal decreto notavel na imprudencia,
 Irá dar o signal da independencia !

XXXIII.

« — Como negaes, senhores, ao Regente
No reino do Brasil o alto direito
De reunir um concelho ? Certamente
Si o-negaes, á razão negaes respeito.
Deixou El-rei a portugueza gente
Demandando o Brasil, e satisfeito
Desse paiz, que bello em tudo achára
De Principado em Reino o-transformára.

XXXIV.

« — Quasi á provincias foram reduzidos
Os dominios de Lisia, e por taes vias
No Brasil os soccorros carecidos
Elle ia mendigar todos os dias !
Então os portuguezes opprimidos
Dando remedio as suas agonias,
N'uma revolução se-concitaram,
Eis que dos Brasileiros se-apartaram !

XXXV.

« — Soou o grito aqui de liberdade,
Repetiu o Brasil grito tão forte ;
E, compr'endendo della a sã verdade,
D'outra revolução seguiu a sorte !
Livre todo o Brasil des desta idade,
Guiou-se de seu bem ao fixo norte ;
Ficaram, os dous povos sublevados,
De facto, e de direito separados.

XXXVI.

«— Assim se-viu a um, e a outro Estado
Um do outro em tal crise independente ;
E tendo cada um recuperado
Sua soberania, e força ingente ;
Podia seu poder ser empregado
Como lhes-fosse mais conveniente,
Em bem de sua doce liberdade,
Seus interesses, sua flicidade.

XXXVII.

«— Viu então o Brasil que isto trazia
Ao velho Portugal não pouco damno :
Nação de quarta ordem ficaria
O que era de primeira, e tão ufano !
Generoso a acudir eis já corria
A gloria desse nome lusitano !
E ao que prostrou primeiro o despotismo
Se-reuniu, até por fanatismo !

XXXVIII.

«— Seis mezes deste modo se-passaram ,
E um, e outro estado independente
Com animo, e valor marchando obraram,
Contando com seus meios livremente ;
Então os Brasileiros se-fiamam
Nos lusos, seus irmãos constantemente ;
E francos iam firmes caminhando,
Egual retribuição delles esp'rando.

XXXIX.

«— Do momento a ditosa novidade,
 A doce embriaguez desta ventura,
 Costumes de fraterna sociedade
 Formaram do Brasil toda a lisura !
 Creu elle na reciproca egualdade,
 Que nesta venturosa conjunctura
 Teriam os Estados venturosos,
 Como dous contractantes generosos !

XL.

«— Querem-se unir : enviam deputados.
 Portugal exultou neste momento !
 Agora os brios seus já desmaiados
 Restaura ledo em tal contentamento !
 Seus triumphos vão ser consolidados,
 Pois que seu reino irmão lhe-presta alento !
 A sua liberdade já não geme,
 Do despotismo as furias já não teme !

XLI.

«— Da presença do rei se-aproveitando,
 E mais da boa fé dos Brasileiros,
 Vae em proveito seu interpretando
 Do Brasil os direitos verdadeiros !
 A balança politica inclinando
 Vae dest'arte aos seus meios int'resseiros :
 E p'ra essa nação da bella America
 Dispõe a tyrannia cadaverica !

XLII.

«— Que o exercito luso e Brasileiro,
(Do Congresso ordenou certo decreto)
Unido fosse, um unico, e inteiro !
O motivo não é lá tão secreto....
Para não ver manejo tão grosseiro
Ser cumpria ao Brasil mais indiscreto !
Os soldados assim se-trocariam,
E lusos ao Brasil dominariam !

XLIII.

«— Outro decreto após foi fulminado,
Esse que nos encheu de horror vehemente !
Pelo qual o Brasil era forçado
A 'star de Portugal só dependente !
Por outro inda se-viu aniquilado
Do Brasil esse reino florescente !
E os negocios civis e militares
Postos em Lisia, além de longos mares !

XLIV.

«— O máu passo que outr' hora havia dado,
Por sua boa fé, incontinente
Eis que pelo Brasil foi reparado :
Como seu chefe o Principe Regente
Foi ante os seus destinos collocado,
Que nada obtinham já da lusa gente !
Neste posto á que alçado então se-via
As Côrtes convocou, como devia !

XLV.

«— Quereis pois annullar quanto tem feito ?
 Mas de um decreto as forças são baldadas !
 Obrae, como guerreiros, d'este geito
 Mandae cobrir o mar grossas armadas !
 Vereis que o nobre, Brasileiro peito
 Recebe sem temor lusas espadas !...—»
 Nisto cortam-lhe o fio ao que dizia
 Insultos de insolente galeria !

XLVI.

Alguns da gente baixa de Lisboa
 Eram nas galerias assentados:
 Dos insultos o esp'rito á elles vòa,
 E dos furores seus deixa-os pejados !
 Contra o nobre orador a turba atroa
 A bramir improperios arrojados !
 Entre a gentalha a lei se não venera,
 Emmudece a razão, a força impera !

XLVII.

Teve então a palavra o nobre Andrada,
 E desta sorte o grande principia :
 « —Pela minha saude hoje alterada
 Fallar nesta sessão jamais devia ;
 Porém de minha patria ameaçada
 Os direitos, e a honra neste dia
 Obrigaram-me a vir, nesta assembléa,
 Expor á toda a luz a minha idéa.

XLVIII.

« — Porque desta questão a transcendencia
 Impõe-me a lei de achar-me aqui agora !
 Deste decreto vejo na imprudencia
 Tetros males do cofre de Pandora,
 Cahindo, e impestando com vehemencia
 Hoje a lusa familia, que empeiora !
 Mas uma differença me-consterna
 Entre a boceta antiga, entre a moderna !

XLIX.

« — N'antiga, que espargiu males insanos
 Na face d'universo em um momento,
 Debaixo dos horrores mais que immanos
 Vinha a esp'rança a lenir tanto tormento !
 Na moderna, depois de tantos damnos,
 Só restará do grande soffrimento
 Serodio, baldio, estúpido, amargoso
 Um arrependimento vergonhoso !

L.

« — Ainda outra razão nobre, e ingente
 Hoje á este logar me-conduzira :
 Venho pois convencer á immensa gente
 Que sigo o quanto meu dever me-inspira !
 Arroubado do amor da Patria ardente
 De inimigos não temo o odio, a ira !
 Ninguem verá meu posto abandonado,
 Inda que de ameaças circumdado !

LL.

« —De incognito poder, torpe e malvado
 Me-vae no encalço trama denegrída !
 Abjectas cartas teem-me ameaçado
 D'entre mãos assassinas dar a vida ;
 Si a honra do Brasil, meu tanto amado,
 For por mim neste ensejo defêndida !
 Mas venho sem temer grandes perigos.
 Impavido affrontar meus inimigos !

LII.

« —Já não é tempo de manter enganós :
 Mais sincero do que eu a ninguém julgo.
 Vejo que este decreto immensos danos
 Certo vae produzir, no que divulgo.
 Não me-assustam carrancas de tyrannos,
 Nem vociferações do ignaro vulgo,
 Em seu enthusiasmo sempre insano,
 E até que os tyrannos mais tyranno !

LIII.

« —Questionado por mim dae-me que o-seja ;
 Que fará tal decreto, e tão ousado,
 Sem prudencia, e politica, que o-reja,
 Que tendes tão altivos fulminado ?
 Quanto nelle disposto se-deseja
 N'uma constituição pôde ir marcado !
 Si o-credes efficaz neste perigo. . .
 Fascinados estaes, muito, vos-digo !

LIV.

« — Credes que este decreto certamente
 No Brasil bem fadado então seria ?
 Mas quanto vae fazer é evidente
 Que uma constituição tambem faria !
 Tenho ao contrario convicção ingente
 Que assim muito o Congresso perderia :
 E é este decreto atroz, e ousado,
 Impolitico, em erros baseado !

LV.

« — Si credes que o decreto neste drama
 Vá no Brasil cortar tão grande enredo ;
 Si credes que a Brasilea, intensa chamma
 Sem combustiveis morrerá de medo ;
 Si credes que o partido que se-inflamma
 Alli, pacato fique, e mudo, e'quedo...
 Lusos, vos-despertaes, sois enganados,
 Vossos raios longinquos são baldados !

LVI.

« — Houve um tempo em que o santo Vaticano
 Da prisca Roma ao longe fulminava !
 E seu raio a remoto soberano
 De seu avito solho derrubava !
 Após o povo então cahiu no engano,
 E já dos raios seus um rei mofava !
 Si jazeis os do Papa hoje em desmaios,
 Que respeito hão de impôr de Lísia os raios ? !

LVII.

« —Portugal será Jupiter de Homero,
 Que a cadêa que aos ceos o mundo aferra,
 Lançára lá dos ceos com ar severo
 Para attrahir a si a inteira terra?
 Portugal p'ra o Brasil se-crê tão fêro
 Que com decretos lhe-derrame a guerra?
 Nisto só pôde tudo o positivo,
 Cobre o escarneo ao tumido ostensivo!

LVIII.

« —Entendo ser melhor que ora acceitemos
 Do Brasil a união com egualdade;
 Que aos povos do Brasil em tudo demos,
 Como aos de Portugal, a liberdade:
 E' deste modo obrar, como devemos,
 Isto manda a razão, manda a equidade:
 Cedamos ao Brasil; si não me-illudo,
 As vezes o dar pouco, é pedir tudo!

LIX.

« —A Portugal o povo Brasileiro
 Com odio não tractou, nem com despeitos;
 Elle quer ser em tudo um povo inteiro,
 Digno de confiança, e de respeitos!
 Quer o seu reino um reino verdadeiro,
 Tendo qual Portugal eguaes direitos!
 Mas inda em sua liberal vehemencia
 Não fez troar a voz de independencia!

LX.

« —Desta justa união pois os penhores
 Urge assás que ao Brasil sejam mandados :
 Si elle não aceitar, então, senhores,
 Mandareis retirar seus Deputados :
 Soltae as vossas redeas aos furores,
 E podereis obrar desaffrontados :
 Mas antes. é quebrar o pacto augusto,
 E' fedifrago' ser, é ser injusto !

LXI.

« —Si para bem da sua flicidade
 Entender o Brasil que separado
 Deve de Portugal ser, em verdade,
 Dos deputados seus acompanhado
 Ha de ser na ventura, ou c'lamidade ;
 Hoje ligado ao delle é nosso fado !
 Ou á livre nação o-elevaremos,
 Ou sepultos com elle acabaremos !

LXII.

« —Emquanto as ameaças; (que arrogante
 Quiz alguém que por nós fossem ouvidas)
 O Brasil já tão forte, e tão possante
 Como só do despeito as-tem nascidas !
 Todo o Brasil aguardará constante.
 Essas hostes rompentes, não temidas !
 Pois para cães de fila, inda os mais perros,
 Ha nelle muita pedra, páu, e ferros !

LXIII.

« — Nem podem certamente avalial-o
 Os que o nosso valor inda não viram !
 Nem podem no Brasil intimidal-o
 Cães, que de pequeninos já fugiram !... — »
 Nisto ao nobre orador, p'ra acovardal-o
 Gritos das galerias rebramiram ...
 Solham d'alli indifferentes vultos
 Sarcasmos, vozerias, e insultos !

LXIV.

Mui alto estas palavras foi dizendo,
 Olhando á galeria nobremente :
 « — Ninguém, em tempo algum ver-me-ha tremendo
 Da plebe a rebramar mais que insolente ! ..
 Si vós outros sois reis nos elegendo,
 Aqui sois cidadãos unicamente !
 Neste salão fallar dever e nosso,
 Ouvir pois, e calar, dever é vosso !

LXV.

» — Sim, si permite tanto o nosso fado
 Que atroz guerra por fim vá se-ateando,
 Será p'ra mim um lance magoado
 Ver dous povos irmãos se-devorando !
 Dará tão triste caso, e desgraçado
 Espectac'lo funesto, e miserando l...
 Eu não desejo ; mas está primeiro
 A minha patria... emfim sou Brasileiro !

LXVI.

« —Grandes serão de certo os embaraços
 Luctando contra o fero despotismo ;
 Mas onde nos-faltar armas, e braços
 Sobrará o fiel patriotismo !
 Esse Deus que nos horridos fracassos
 Salva as nações ás bordas já do abysmo,
 O Deus pois dos exercitos famoso
 Decidirá da lucta justiça !

LXVII.

« —Mas si após o Brasil cahir vencido...
 Só d'elle restará seu solo inteiro !
 Sobre as suas ruinas compungido
 Parará tristemente o estrangeiro :
 Elle dirá de um modo enternecido:
 —Aqui viveu o povo Brasileiro...
 — Acabou ao tocar a puberdade,
 — Expirando com a sua liberdade !—»

LXVIII.

Qual cercado de egregios Senadores
 Cicero tão facundo no Senado ;
 Ou entre o grego povo em seus ardores
 Demosthenes orando arrebatado,
 Que de facundia tanta nos fervores,
 Deixavam tudo de os-ouvir pasmado ;
 Tal, emquanto fallou, no enthusiasmo,
 Por todos diffundiou respeito, e pasmo !

LXIX:

Durante alguns minutos nesta sala
Nem-um som ao silencio perturbava ;
Só parecia que inda o echo da falla
Do orador nas abobadas troava !
Apenas uma aragem, que se-exhala,
Ao echo o murmurio seu juntava !
Silencio admirador, que animos turva,
Que ao saber respeitoso assim se-curva !

LXX.

Passou de enthusiasmo este momento,
E logo um Brasileiro deputado
Entrou por sua vez neste argumento:
Mas no discurso seu não foi ousado :
Começa a desdobrar seu pensamento
Mui propicio ao Brasil de um modo honrado :
Mostrando do decreto a grã maldade,
E do Congresso a torva iniquidade !

LXXI.

Quando com tanta honra assim fallava,
Lhe-apertá o peito a mão do Despotismo !
Sua lingua animando o-affagava
O 'sp'rito do tremendo Servilismo !
Já o discurso seu só respirava
Um toxico letthal, unção do abysmo !
Hora de tentação ! funesto pleito !
O Inferno ganhou todo o seu peito !

LXXII.

E fallando, desta arte continúa :
 « — De Portugal, senhores, não carece
 O Brasil separar a sorte sua,
 Pois é esta união seu interesse !
 Não se-quer arriscar em guerra crua
 O reino que inda agora é que florece ;
 O Brasil pois ou rico, ou desvalido,
 A Portugal será constante, e unido !

LXXIII.

« — E, si elle separar-se de tal geito;
 (Aqui accrescentou com voz mais forte)
 Si seguir, desvairado em seu despeito,
 Do velho Portugal contrario norte,
 Aqui, declaro com mui franco peito,
 Que o não hei de seguir em sua sorte !
 Quero-o grande, feliz, livre, e honrado,
 Porém á Portugal sempre ligado !

LXXIV.

— Si os Brasileiros pois, loucos, e ardentes
 Causarem ao Brasil tão grande damno ;
 Si agora retalharem vehementes
 Dos reinos dous o laço soberano...
 Co'uma espada sostida entre meus dentes
 Nadando vingarei todo o oceano,
 P'ra de todo Brasil o inteiro povo
 Ao velho Portugal unir de novo ! — »

LXXV.

Hora de tentação !... mal qu'o-escutaram
Os Anjos neste lance estremeceram !
Do salão as columnas se-abalaram,
E, se-diz que as abobadas gereram !
Hora de tentação !... longo folgaram
Os demonios que aqui o-interromperam !
Hora de tentação !... que envergonhados
Ficaram té de Lisia os deputados !

LXXVI.

Todos os do Brasil que alli o-ouviram
Estremeceram pelo horror tomados !
Com os vestidos seus então cobriram
Seus rostos, abaixando horrerisados !
E nem por longo tempo proferiram
Palavras uns, e outros assombrados :
Tão grande foi o horror de tanto excesso
Que nos seus corações ficára impresso !

LXXVII.

Tal em Roma no grande soffrimento
Em o Bodo-liberto viu-se outr' hora
Eudoro delirando em um momento,
Quando offende a seu Deos, e o-desadora,
Ao saber que é levada em grão tormento
Ao Lupanar a esposa que elle adora....
E á torpe gozo de delicia fera
Hierocles, o atheu, malvado a-espera !

LXXVIII.

A' Eudoro acodem, que esmaiado fica,
 Bradam-lhe então guerreiros n'amargura :
 « *Eia, sus, companheiro, sacrifica !* »
 Eudoro p'ra immolar aguias procura,
 E delirante á taça as mãos applica...
 Bispos cobrem o rosto á scena impura !
 Fecham Mart'res os olhos aos horrores,
 Lançam gritos de horror os Confessores !

LXXIX.

Não foste só, Esparta bellicosa,
 Mãe de um filho infeliz, degenerado !
 Aquelle á quem puniste justiça
 Pausanias o trahidor bem castigado !
 Tambem a minha patria..., oh desditosa !
 Feriu um filho ingrato, e refalsado !
 Porém sobra a vingar tantos desdouros
 O juizo invendavel dos vindouros !

LXXX.

Triumphou no Congresso finalmente
 O poder do execravel Servilismo !
 Alli ergueu a fronte alegremente
 O negro, o famulento Despotismo !
 A quéda do Brasil crendo imminente
 Cantou hymnos de sangue o fero abysmo !
 Foi cmfim o decreto promulgado
 Para ser o Brasil aniquilado !

LXXXI.

Fulminac, que esse erro commettido,
Neste dia, por vós tão ignorado,
Tarde, ó lusos, será bem conhecido,
E mais tarde será por vós chorado !
Não quereis no Brasil, que haveis ferido,
Um irmão, como igual, a vós ligado?...
Quereis passivo escravo, e fraco, e mudo ?.
Nem irmão, nem escravo... e perdei tudo !

LXXXII.

Não nos-cause pavor quem nesta idade
As unhas contra nós raivando eriça :
Gozar de nossa doce liberdade
Nosso querer foi só, nossa cubiça :
Com a vossa juntar nossa egualdade
Era dever em vós, em nós justiça :
Mas a vossa ambição, vossa imprudencia
Dar-nos-hão o signal da independencia !

LXXXIII.

E vós, sublimes peitos, generosos
Da cara patria cidadãos amigos,
Subidos corações, e corajosos
Superiores á mil arduos perigos ;
Por que a honra da patria valerosos
Defendestes no meio de inimigos ;
Hão cobertos de fulgente gloria
Vossos nomes ao templo da Memoria !

LXXXIV.

A'quelles que, seguindo a dura sorte
 Das bandeiras de Marte sanguinoso,
 Cercados de perigos, e da morte
 Se-illustram no combate pavoroso,
 Direito mais real não deu Mavorte
 A' um nome celebrado, e glorioso,
 Que aquelle, que Minerva concedêra,
 Á Tullio, que de egregios don's enchêra !

LXXXV.

Não foi só pelas armas que afamado,
 O' Cezar te-fizeste n'outra idade !
 Si tanto foi teu nome celebrado
 O-deves a mais nobre qualidade ;
 E' que era o teu esp'rito cultivado
 Por essa das sciencias Divindade ;
 Pois quem governa eternamente o mundo
 E' sómente o saber, saber profundo !

LXXXVI.

Si for o canto meu bem acolhido
 Não só da Patria minha, mas do mundo ;
 Emquanto o sol do ceo esclarecido
 Seus raios diffundir n'orbe rotundo ;
 Emquanto for meu canto repetido
 Na Patria com prazer doce, e profundo ;
 Immortaes vós sereis, nomes famosos,
 Entre os fastos da Patria gloriosos !

LXXXVII.

Armada de protervia, e falsidade
 Nesta infausta sessão, atroz, vehemente,
 Do Congresso a vesana potestade
 Moral morte ao Brasil lavrou ardente !
 Em tanto horror, em tanta crueldade
 Ai !... que seria da Brasilea gente,
 Si os raios, que de Lisia dardejassem
 C'o a mesma intensidade a nós chegassem !

LXXXVIII.

Quanto o Principe justo havia feito,
 A' bem dos Brasileiros devotado,
 Pelo Congresso injusto em seu despeito
 Nessa torva sessão foi abrogado !
 Nem proprias leis, nem Côrtes, nem direito
 Terás, Brasil, porque t'-os-tem tirado
 O Congresso, que em impetos vehementes
 Julga os decretos seus, raios ardentes !

LXXXIX.

Instaurado vae ser grande processo !
 E tu, sabio immortal da Paulicéa,
 Tu terás de expiar tamanho excesso
 Da grande, e nobre, liberal idéa !
 Assim dos lusos manda o grão Congresso,
 De numes immortaes diva assembléa !
 E vós, Juntas de illustres Brasileiros...
 Os raios sobre vós 'stão sobranceiros !

XC.

Vós, despotas da terra, que tão feros
Dos povos, como vossos só dispondes ;
E que dos feitos seus mais que severos
Tremendos julgadores vos-suppondes ;
Vós, que aos direitos seus, por, tão austeros,
Inconstantes caprichos antepondes,
Suspendei : Deos ao todo a lei promulga,
E aos povos, e á vós só elle julga !

XCI.

O Anjo da fagueira liberdade,
O Anjo do Brasil, mal que notaram
Do Congresso a injustiça, e a crueldade,
Do meio de Ulisséa se-ausentaram ;
E do Janeiro na feliz cidade
O seu rapido adejo ambos poisaram :
E feliz esperança, e brio novo
Começam de soprar entre seu povo.

XCII.

Vôa após delles o poder do Abysmo
Já demandando a plaga do Cruzeiro :
Vem, que todos mais fero, o Despotismo,
Veloz fender as auras do Janeiro ;
Vem á seu lado o triste Servilismo,
Seu servo, seu tristonho companheiro ;
E ensaiadas em negra tyrannia,
A Discordia cruel, torva Anarchia.

XCIII.

Alli, por toda a parte revoando,
O confiado, portuguez partido
Com orgulho feroz vão insufflando,
Que de audaz, de feroz cresce atrevido!
Cada vez com furor vae se-extremado
O Brasileiro, e o luso enfurecido :
D'um lado a escravidão já negrejava,
E d'outro a Liberdade fulgurava.

XCIV.

Movido pela santa Liberdade,
E pelo do Brasil Anjo formoso,
Nas ruas descorria da cidade
Do grão Janeiro o povo generoso :
Unido, em si, com a mesma magestade
Rolava um pensamento grandioso,
Pois em todos a idéa só fluctua
Da Patria, liberdade, e gloria sua.

XCV.

Entre os Anjos dos ceos um Anjo existe
Que todos mais no adejo impetuoso ;
Anda ás vezes alegre, ás vezes triste,
Revoando entre os povos cuidadoso :
Seu emprego entre os homens só consiste
Em noticias levar mui pressuroso :
Anjo de avisos lá nos ceos se-chama ;
Mas o mundo lhe-dá nome de Fama.

XCVI.

Cópia dest' Anjo, tem um anjo o Averno
 Que, com'o Anjo do ceo vòa ligeiro ;
 Como o celicultor finge-se terno ;
 As vêzes triste, as vezes prazenteiro ;
 Cem boccas tem o espirito do Inferno,
 Cem olhos, cem ouvidos ; e primeiro,
 Antes do feito o estrondo seu derrama,
 E o nome, que tem, é falsa Fama.

XCVII.

Tinha elle, engrandecendo com excesso,
 Ao povo do Janeiro conduzido
 D'aquelle ingrato, e parcial Congresso
 A noticia do intento impio, atrevido !
 Não deu o povo ao caso inteiro accesso
 Tanto iniquo, o-suppunha, e fementido !
 Mas se-alvorota logo, e se-desperta,
 Que a má noticia quasi sempre é certa.

XCVIII.

Foi confirmada a nova dolorosa,
 Tendo o infausto decreto apoz chegado !
 Ante a negra injustiça clamorosa
 O povo estremeceu de horrorisado !
 Si çada alma soltasse impetuosa
 O sentimento no imo seu guardado,
 Logo alli a cadêa cahiria,
 Que inda as duas nações então prendia,

XCIX.

Eis que sem mais detença no Janeiro
Quem alma livre, e brasileira tinha
Ao mesmo ponto concorreu ligeiro.
Com seu senado em frente, qual convinha :
De uma grande cidade o povo inteiro
Para o libertador assim caminha ;
O seu Mancebo heroe, o tanto amado
Recebe a todos com real agrado !

C.

Despe então n'este instante a magestade,
Orna-lhe a bocca animador sorriso ;
No rosto uma feliz serenidade,
No coração lhe-poisa o paraizo !
D'ora a todos abrir n'elle é vontade
Seu nobre coração, tão nobre, e liso !
Quanto fulgura carinhoso agrado
No regio throno docemente alçado !

CI.

Como este afflicto povo elle sentia
Do Congresso sem fé o atroz despejo !
E que os laços cortar bem compr'endia
Era do povo o natural desejo ;
Mas rompel-os não quer, que bem sabia
Não ser ainda o suspirando ensejo ;
Pois que manda a razão, pede a prudencia,
Prever de um caso grande a consequencia.

CII.

Oh grande coração ! Elle sabia
Que os monarchas dos povos são feitura !
Tinha animo de heroe, mas não queria
Sel-o, custando ao povo uma amargura !
Que um throno, o grande Pedro compr'endia.
Não firme em corações, tem pouca dura !
Si assim pois, como heroe não podeis vel-o,
Quem no mundo haverá que possa sel-o ?

CIII.

Perante o grande Pedro reverentes,
Mas cheios de valor, e prazenteiros,
Mui confiados n'elle, mais que ardentes
Que o tit'lo tome, rogam-lhe fagueiros,
Sendo elle desde então, e os decedentes
Perpetuo Defensor dos Brasileiros !
Assim se-entrega um povo generoso
A' um Principe mancebo, Heroe famoso !

CIV.

Elle com doce, com sereno rosto
Esse tit'lo immortal, que se-lhe-off'rece
Acceita cheio de subido gosto,
Pois a sua Importancia assaz conhece !
Agora sim, Brasil, já tens imposto
Ao mundo um tit'lo mais que te-ennobrece !
Com Pedro á frente marcha á liberdade !
Ao futuro, e á gloria, e á flicidade !

CV.

Agora sim, Brasil, podes ditoso
 O collo erguer com animo jucundo!
 Já podes attrahir esperançoso
 As vistas sobre ti d'orbe rotundo!
 Ao ver-te bello, e nobre, e glorioso
 Não dirá com horror de ti o mundo,
 Que de teu solo decepaste indi'no
 Ramo augusto do tronco Bragantino!

CVI.

Já d'ante o grande Pedro se-partiã
 No meio de alegrias expressivas:
 Mil vozes de prazer aos ceos subiam
 Cheias de gratidão, doces, festivas!
 Os ares abalados retiniam
 Ao som ardente de solemnes vivas!
 E por onde contentes vão passando
 Este hymno liberal dizem cantando,

CVII.

HYMNO LIBERAL.

PRIMEIRAS VOZES.

« — Termine para sempre a idade amara
 Que ao Brasil só causou mortal desgraça!
 Mostremos á Ullissêa ingrata, avara
 Que calcamos aos pés sua ameaça!
 Viva a Religião, e a Patria cara!
 Viva o povo, que os ferros despedaça!

CHORO.

Viva a Constituição ! viva a Igualdade !
 Viva o rei ! viva Pedro ! e a Liberdade !

CVIII.

PRIMEIRAS VOZES.

« — Já que da Liberdade entre as mãos temos,
 Os preciosos fructos sacro-santos,
 Brasileiros fieis, não desprezemos
 Seus almos, immortaes, gratos encantos !
 Brasileiros fieis, aos pés calquemos
 Os ferros que regaram nossos prantos !

CHORO.

Viva a Constituição ! viva a Igualdade !
 Viva o rei, viva Pedro ! e a Liberdade !

CIX.

PRIMEIRAS VOZES.

« — Brademos n'uma voz forte, expressiva :
 Já não é tempo de manter o engano !
 Livre, e nobre levanta a fronte altiva
 Um povo, que soffreu já tanto damno !
 Viva a religião ! a Patria viva !
 Viva o povo, que os ferros calca ufano !

CHORO.

Viva a Constituição ! Viva a Igualdade !
 Viva o rei ! Viva Pedro ! e a Liberdade ! — »

CX.

De instrumentos com doce suavidade
Harmoniosos sons aos ceos mandando
Correram pelas ruas da cidade
Este hymno de prazer todos cantando !
O amor da propicia Liberdade
Iá n'aquellas vozes retumbando ;
E ao hymno liberal as damas bellas
Doces vozes juntavam das janellas.

CXI.

Dos mimos de Pomona o tempo era,
Que de fructos os campos adornava :
Na bella quadra que farturas gera
A gente entre folgedos se-alegrava :
Era o mez ao qual Maia o nome dera,
Em Castor, e Pollux o sol brilhava :
E namorava ufana em tal belleza
Aos Anjos a Brasilea Natureza !

CXII.

Segunda vez a Cam'ra do Janeiro
De um concurso sem num'ro acompanhada
Ante o heroe do povo Brasileiro
Foi em outra audiencia apresentada :
O presidente seu, de animo inteiro
Repetiu esta falla celebrada :
Pedro de um modo grave, ouvidos dava :
E Clemente Pereira assim fallava :

CXIII.

«—Natureza, Razão, e Humanidade,
 Esse feixe insolúvel, e sagrado
 Que por nem-uma humana potestade
 Em tempo algum não póde ser quebrado ;
 Dentro do coração com intensidade
 Um doce affecto geram sublimado,
 Que des do berço até á sepultura
 Busca o seu bem estar, sua ventura !

CXIV.

«—Este princípio santo, inda tão santo,
 Qual sua origem, de uma força eterna,
 Applicado ás nações subia á tanto ;
 Que esta porção do mundo tão moderna
 Dar não devia á espectação o espanto
 De uma futura sorte; e sempiterna,
 Qual decretasse, além de tantos mares,
 Um estranho, que ignora estes logares !

CXV.

«—Era pois este estranho uma potencia
 Para a qual o Brasil olhar devia
 Como opposta ao seu bem, sua influencia,
 Zelosa d'esse bem que n'ella via ;
 E que agora, impolgada a preeminencia,
 O derribando, resurgir queria ;
 Credo achar os motivos de seu damno
 Na elevação do filho americano !

CXVI.

« — Porém a Portugal bem poderia
O Brasil questionar dest'arte iroso :
« Desde que o vasto mar que me-encobria
Aos olhos poz-me de Cabral ditoso,
Quanta fertilidade em mim havia,
Riquezas de meu solo o mais pomposo,
Tudo eu sacrifiquei-te, e docemente :
E que me déste? escravidão sómente !

CXVII.

« — Cavava eu pois o seio das montanhas,
Porque tu a caval-as me-ensinavas ;
Rasgavam minhas mãos minhas entranhas
Para o ouro te-dar, que cubiçavas;
Ouro esbanjado nas nações estranhas
P'ra comprares o ar que respiravas !
E pagava com elle em desperdicios
Tua côrte os soberbos edificios !

CXVIII.

E quando tua sofrega cobiça
Esse ouro me-arrancava em mim sepulto,
Ouro, que tanto, e tanto te-enfeitiça,
Que em meus serros natura havia occulto,
Com nefanda, e com horrida injustiça,
Tu me-quizeste impor... (barbaro insulto !)
Tributo da paixão mais cobiçosa
Na da capitação lei odiosa !

CXIX.

« —O curso de meus rios caudalosos
 Mudava minha força então suprema,
 P'ra d'elles arrancar os sumptuosos
 Grandes diamantes de belleza extrema !
 Eu te-dei estes mimos orgulhosos,
 Que brilham sobre o regio diadema,
 E, devorando assim minhas bellezas,
 Pesavam sobre ti minhas riquezas !

CXX.

« —P'ra soberba tornar tua marinha
 Despi minhas florestas mais frondosas ;
 Destruindo a riqueza, que era minha,
 Eu as tuas tornei mais abundosas ;
 E quanto d'ouro o teu Erario tinha,
 Tu deixavas cahir das mãos medrosas :
 E que me-déste em paga á tal dispendio ?
 O opprobrio, a oppressão, e o vilipendio !

CXXI.

« —O teu odio cruel queimar mandava
 Meus filatorios todos, meus teares,
 Onde nascente industria trabalhava
 O nevado algodão destes logares ;
 Das sciencias a luz se-me-negava,
 P'ra que não visse o horror destes dezares ;
 Para entre as trevas minhas, sempre occulto,
 Não poder figurar, qual reino culto.

CXXII.

« — D'est'arte a minha industria me-acanhavas
 Para viver de ti só dependente !
 E té diminuir tu desejavas
 A minha natural riqueza ingente !
 Só de todo universo me-mostravas
 O terreno, que occupas pobremente !
 Teus filhos em meu seio eu accitava
 Com prazer, e a vida lhes-dourava !

CXXIII.

« — Repletos da mais negra iniquidade
 Tu no emtanto tyrannos me-enviavas,
 Que o seio me-rompiam sem piedade,
 Insuflados desse odio, que inspiravas!...
 Agora de ser livre é esta a edade ;
 Muito te-dei, si muito cubiçavas !
 Basta : tenho-te assás já conhecido...
 Demasiado, ha muito, hei te-servido ! »

CXXIV.

— Todavia, o Brasil tão generoso
 Vendo mudada a roda da ventura,
 Quando no terreo globo inda nubloso
 Gemia dos governos a structura ;
 Quando devia, e era-lhe forçoso
 Buscar p'ra si um bem de longa dura ;
 Entregue a Portugal... quanto foi cego!
 Inda dormia o somno do socego !

CXXV.

—Confiado de mais nos lusitanos,
 Suppoz que uma exp'riencia dolorosa,
 Dilatada por tão compridos annos
 Lhes-fosse uma lição bem proveitosa ;
 E que dos hespanhoes americanos
 A nobre independencia gloriosa
 Fossem tremendos sons, que annunciavam
 Que as colonias seus ferros desatavam !

CXXVI.

—O Congresso trahidor, que receioso,
 Em seu começo, as trevas tacleava,
 Vendô as-ir dissipando generoso
 O Brasil, que com elle se-juntava ;
 Tendo o rei em seu seio, soberboso
 Uma attitude senhoril tomava ;
 E a principios faltou n'um só momento,
 Que proclamára em seu procedimento !

CXXVII.

—Trahiu perjuro as bases, que fundára,
 E o direito das gentes, e Natura !
 Exterminar um reino desejára,
 Seus direitos rasgar com mão perjura !
 Néssa parte do mundo ambicionára
 Ferros lançar com torva catadura.
 Ferros que, pendurava, para exemplo
 Da Liberdade no sagrado Templo !

CXXVIII.

—Obraria d'outr'arte, si um ciume,
 Ridic'lo ante a immortal philosophia,
 Banisse de seu seio, sem queixume,
 A precedencia, que p'ra si queria,
 Contraria aos interesses, ao costume,
 E á sã Liberdade, que surgia,
 Que só vê a egualdade soberana
 Em relação ao bem da sorte humana !

CXXIX.

—Si em limites de justa Liberdade
 As nossas relações multiplicasse,
 Com a desconfiança, e inimizade
 Quiçá que agora á braços não se-achasse !
 A chymerica scena, na verdade,
 Ante o mundo talvez não desdobrasse
 De querer, sem um meio activo, e forte,
 Dar-nos de escravos outra vez a sorte !

CXXX.

— Sem capitaes, industria, e sem armada,
 Destruindo-nos, quiz com afoutéza,
 Sobre a nossa ruina meditada,
 Decadente assentar sua grandeza !
 Quando ao contrario fôra acção honrada
 De gloria nos-encher, e de nobreza !
 E então veria do Brasil os povos
 Beijando a mão á semideuses novos !

CXXXI.

—E vimos, com horror, ameaçada
 Nossa cathegoria: desta sorte
 Nossa vergonha foi menoscabada
 Por affronta cruel, peor que a morte !
 Tão grande injuria contra nós lançada
 Reclamava tambem vingança forte !
 Vimos nossas provincias laceradas,
 E suas tristes queixas desprezadas !

CXXXII.

—E esses monstros crueis, que as-retalhavam
 Se-viam entretanto encomiados !
 Pretorianas c'hortes nos-mandavam,
 Ministros do Congresso, e seus soldados,
 Que escudos fraternaes embaraçavam,
 E vinham de furor, de crime armados
 Nos-enterrar o ferro em sanha crua,
 Que a Patria déra p'ra defesa sua !

CXXXIII.

—Em nossos corações desesperados
 Os furores do Inferno derramaram-se !
 Em nossos corações despedaçados
 Horrores sem-eguaes amontoaram-se!
 Quando entre do Congresso os deputados,
 Do mais caro estas phrases escutaram-se :
 —Que tem que os Brasileiros hoje amolem
 Seus ferros, e uns aos outros se-degolem ? ! —

CXXXIV.

—De nossa ausencia, e nosso juramento
Aproveitada a sua aleivosia ;
Sem ter, faltando os nossos, complemento
Ainda a nacional soberania ;
Sem que escutasse o injusto Parlamento
Quanto sobre o Brasil ouvir devia ;
Do Brasil, onde a fonte ao mal abríra,
A túnica inconsutil dividira !

CXXXV.

—E' pouco : foram Verres nomeados
P'ra nossos corações mais retalharem ;
A' face das nações foram lançados
Pregões, para mais alto nos-vexarem !
Eram os Brasileiros desprezados
P'ra não altos empregos occuparem !
E atacou com perfida ousadia
A alta do Brasil cathegoria !

CXXXVI.

—Postergou nossa grave integridade ;
Quiz de nosso producto apropriar-se ;
E prohibir com insana crueldade
Com o mundo o Brasil communicar-se !
Quiz fazer nossa doce flicidade
Pelo impulso seu atraz tornar-se!
Ao tempo em que tão pobre já se-achára,
Quando tão fraco tanto dominára !

CXXXVII.

— O povo do Brasil, em tal systema,
 O que era p'ra o Congresso, assim tractado?
 Um vassallo, ou irmão? Oh! dor extrema!
 Um authomato; ou povo de um Estado?
 Cidadão, ou escravo em dura algema!
 E o Congresso o que era assim alçado?
 Um despota feroz de mão armada,
 Para o qual a nação fôra creada!

CXXXVIII.

—As provincias então do meio-dia
 Do Brasil se-ligaram: o Janeiro,
 Que p'ra grande não ser emporio um dia
 Uma revolução verá primeiro
 Em todo o mundo! e cheio d'energia
 O solo, que honra o ardido mineiro:
 E as provincias do centro, em cujo solo
 O ouro crea o sol do claro polo;

CXXXIX.

—São-Paulo, Patria de valor immenso,
 Que altivo ergue-se em prol da liberdade.
 Rio-Grande, em campinas tão extenso,
 Ufano de sem par fertilidade.
 Monte-Vidéo, á escravidão infenso,
 Aurea chave do sul em nossa idade:
 Thesouros de valor inexhauriveis,
 Celeiros para nós inextinguiveis;

CXL.

—Deram-se pois as mãos, e convidaram
 Suas irmãs, prevendo seu futuro.
 E o Principe Real então fecharam
 Dentro em seu seio co'invencivel muro,
 Pois que os hierophantas lhe-ordenaram,
 P'ra tornar nosso fado mais escuro,
 Motivos simulando interesses,
 Viajar por paizes estrangeiros !

CXLII.

—Tiraram antes da Brasileira terra
 Suas armas, thesouros, sua armada,
 E quanto havia no seu trem de guerra
 Com que se-viu Lisboa assoberbada !
 Ficou pois n'um estado, que hoje aterra,
 Do Brasil a familia abandonada !
 Reduzida, por plano detestavel,
 D'Azia-Menor á sorte deploravel !

CXLII.

—Embora encaram com olhar odiento
 Inimigos do povo Brasileiro
 Esse nosso immortal procedimento
 Do memorando — Nove de Janeiro! —
 Des desse, para nós sacro momento,
 O Principe, do povo id'lo primeiro,
 Pelo mundo de glorias ladeado,
 Por um Principe heroe será olhado !

CXLIII.

—Este nosso echo, que no mundo sôa,
 Portugal abalando com excesso,
 Troou nos sette montes de Lisbôa,
 Repercutiu nas salas do Congresso !
 Mostra a fraqueza o erro ; o tempo vôa ;
 Tem o machiavelismo então ingresso :
 Pedimos, e o Congresso ajunta estulto
 Escarneo á opprobio, e á desgraça insulto !

CXLIV.

—Para se-nos-impôr ferreo systema
 Expressões apparecem so d'imperio !
 Dizem, que a do Brasil... (injuria extrema !)
 Boa fé causou tudo... (oh vituperio !)
 Do Principe a partida o estratagemma
 Prohibe neste ensejo com mysterio,
 E no character deixa-se primeiro
 Que é de um governador só do Janeiro !

CXLV.

—Fazendo preceder uma mentira,
 Reconhece a moral necessidade
 De um politico centro, e o-dividira
 Em dous, que nos-concede na verdade !
 E de com Portugal haver-se inspira
 A cada uma provincia a faculdade,
 Fazendo que uma parte desta terra
 Com a outra se-bata em dura guerra !

CXLVI.

—Marchando assim de horrores em despeitos
 Ceder Montevideo em fim tentaram
 A' Buenos-Ayres, onde altos respeitos
 So com tal pensamento violaram ;
 Calcando esses principios tão acceitos,
 Que tanto em outro tempo assoalharam,
 —*De que os povos (eterna, alta verdade !)*
Jamais foram de alguém propriedade !

CXLVII.

—Mas era p'ra lhe-dar nisto castigo
 De se-haver ao Brasil hoje ligado !
 E' fama que esse nosso impio inimigo
 Se-tem com a França agora contractado,
 Para com sua ajuda, em tal perigo,
 O Brasil ser de novo conquistado !
 E um tanto da Guiana Portugueza
 Ceder á França nesta infame empreza !

CXLVIII.

—Em circumstancias taes, tal anxiedade,
 O Brasil de tão longe não confia
 Que vir-lhe possa agora a flicidade :
 A limitar o arrojo, a ousadia,
 E sua confiança, nesta idade,
 Elle em fim aprendeu, como devia !
 Nem mais em petições confiar deve
 De que o Congresso a escarnecer se-atreve ;

CXLIX.

—Por todas estas cousas, que escutaste,
 Com animo de amigo verdadeiro,
 Em nome das provincias, que ligaste,
 E do sincero povo do Janeiro ;
 Em nome d'esse tit'lo, que acceitaste,
 De Defensor do povo Brasileiro...
 Ouve as nossas palavras expressivas,
 E nos-defere as justas rogativas !

CL.

—Que seja uma Assembléa convocada,
 Que as ligadas provincias represente,
 E que de deputados installada
 Se-veja com um num'ro competente ;
 Por novos eleitores nomeada
 Tendo um justo poder conveniente,
 Para as altas funcções caber-lhe em parte ;
 E estas grandes funcções serão dest'arte :

CLI.

—Si, essa Constituição, que ora em feitura
 No Congresso inda existe de Lisboa,
 A' nós nociva for, ou por ventura,
 Mui pouco liberal, mui pouco boa,
 As emendas-lhe-faça com candura,
 Que a exp'riencia aconselha, e aperfeiçoa,
 E com as quaes, p'ra nós instituida,
 Será por nos jurada, e recebida.

CLII.

—Pela da Natureza altá influencia
 Os politicos teem, como certeza,
 Das colonias, Senhor, a independencia
 Innata em sua propria natureza :
 Porem, a do Brasil, pela prudencia,
 Assim modificada com clareza,
 Será p'ra os reinos dons d'alta valia,
 E d'um eterno vinc'lo á monarchia !

CLIII.

—O Architecto, que os mundos fabricára
 Satellite no espaço sem-medida
 Maior, que seu planeta não formára !
 D'Europa seja Europa esclarecida !
 America, á que tanto assoberbára
 A Natureza, em si seja regida !
 E nem de balde o Ente Soberano
 Entre ellas desdobrou tanto oceano !

CLIV.

—Eis o instante. Façamos perduravel
 Des d'hoje a nossa cara flicidade ;
 Desprezal-o, seria indesculpavel...
 Fôra attentar a propria Divindade,
 Em cujo alto designio imperscrutavel
 Foi marcada esta doce, esta aurea edade !
 Circumdado o Brasil por varias gentes,
 Olha... que vê? — nações independentes !

CLV.

—Si Tu o teu amparo nos-off'reces,
 Nós amizade pura, franca, e nua !
 Muito, pelos teus feitos nos-mereces,
 O povo dá-te a confiança sua !
 Os males, e os bens, já tu conheces,
 Que ora esperam á ti, e á prole tua !
 Estas cousas na mente hoje revolve :
 Senhor, queres, ou não !...—Emfim resolve.—»

CLVI.

Tal o orgão do povo discorrêra
 No discurso, que alli fôra vertido :
 Pedro, com a mente, tudo percorrêra
 Quanto tinha do povo attento ouvido :
 Tudo, de animo nobre concedêra
 Tão justo era do povo este pedido !
 Pois não tinha aquella alma em si cubiça
 De querer ser heroe contra a justiça !

CLVII.

Mal passou-se este dia prazenteiro,
 Outros Senados do Brasileo Estado
 Mandaram deputados ao Janeiro
 Para o mesmo pedir que o seu Senado.
 Tal era pois do Estado Brasileiro
 O feliz pensamento sublimado :
 Por que, santa União, si és nobre, e pura,
 Geras dos povos a eternal ventura !

FIM DO CANTO X.

CANTO DECIMO PRIMEIRO.

CANTO XI.

ARGUMENTO

Convocação do Concelho d'Estado. Discurso de D. Pedro. Convocação da Constituinte. Prazeres de D. Pedro, que escreve a seu pae : seus esforços para expellir do Brasil os inimigos d'elle. Intimação a Madeira. Recusa. Noticias atterradoras. Preparativos bellicos. Providencias de D. Pedro. O Anjo do Brasil, e o da Liberdade inflammam os animos dos Brasileiros. Os demonios concitam sempre seus inimigos. Armada Brasileira para Bahia. Decreto do Congresso, ou antes declaração de guerra ao Brasil. Resposta de D. Pedro : sua proclamação aos Brasileiros, ou antes declaração de guerra ao Congresso. Energia dos Brasileiros. Sonho de D. Pedro. Seu Manifesto ás nações. O Anjo do Brasil no Sul. O General Lecor; seus esforços baldados. O Despotismo, e o espirito do Servilismo voam tambem ao Sul. D. Alvaro. Liga-se Pernambuco ás outras provincias. Provincia de S. Paulo agitada pela Discordia; dissensões em sua Junta. Martim Francisco. Chega a noticia ao Rio de Janeiro. Consternação. Parte D. Pedro para S. Paulo. Viaja a Armada para Bahia. Plano infernal. Horriavel tempestade; é serenada pelo Anjo dos Destinos, á mandado da Santa Virgem. D. Pedro em S. Paulo. Serenam-se os animos. Chega a Armada a Bahia. Negociações irritas entre Madeira, e Labatu, por influencias do espirito d'Anarchia Comêço de hostilidades. Volta D. Pedro para o Rio de Janeiro. O Ipiranga. D. Pedro ahi pernouta; seu sonho. Mensageiro ido da corte. Cartas do rei a D. Pedro. Iras do Congresso contra o Brasil. Furores de D. Pedro. O Anjo do Brasil, e o espirito do Despotismo se-apoderam d'elle. O Anjo da Gloria. Triumpha o Anjo do Brasil. Declara D. Pedro a Independencia do Brasil. O grito de— Independencia ou Morte. — juramento do Ipiranga. Prazeres do povo. Continua D. Pedro a viagem para o Rio de Janeiro. Pernouta em caminho. Contemplação de D. Pedro. Extasis.

CANTO XI.



I.

 MEDIDA do tempo enchido haviam
Tempos d'escravidão, tempos de horrores!
Do servilismo os ferros se-aluam
Ao baquear do imperio dos senhores !
Os horizontes do Brasil se-abriam,
Seu ceo trajava azues, serenas cores !
E a esmaltar começava o seu destino
Almo reflexo de um sorrir divino !

II.

Doce dia immortal de augusto encanto
Raiou sobre o horizonte Brasileiro :
Por Pedro convocado foi no emtanto
O Concelho d'estado : elle primeiro
Presta o solemne juramento santo,
E o presta o ministerio mais que inteiro;
E Pedro, que prazer do peito exhala,
Dirije a todos esta nobre falla :

III.

« Os illustres, fieis procuradores
Das provincias, que unidas me-rogarã
O ficar no Brasil, em seus ardores
Tambem ao mesmo tempo deprecaram,
Como da Patria fidos zeladores,
Com subidas razões, que me-allegaram,
De um Concelho d'estado sem demora
A creação : cedi ; e o-faço agora.

IV.

« Bem que de tres provincias todavia
Aqui so vejo os seus procuradores ;
Neste solemne, grandioso dia
Sobrarão pela patria os seus ardores,
Suas luzes, e honra, e energia ;
Para que das mais todos os fervores
Eu saiba ; e então guiada desta sorte
Terá nossa politica o seu norte.

V.

« Eis o quanto attenção grande merece :
E' caro este negocio á Patria amada,
E' de seu summo bem, seu interesse
Por facção cavilosa ameaçada !
Quanto a Patria de vós hoje carece,
Fazer-vos aqui ver com voz ousada
Fôra a mim de tal modo indecoroso
O quanto á vós de sobra injurioso !

VI.

« Mas, si sem offender, nem levemente,
Patentear-vos posso o meu conceito,
Nesta hora so vos-rogo instantemente
Que tenhaes o Brasil dentro do peito :
Que o-deffendaes de um modo sempre ardente,
Embora contra mim seja isto feito !
Darei a vida pela Patria amada,
Que a vida junto á Patria é pouco, é nada !

VII.

« Não penseis que de mim tenhaes ouvido
Palavras com afan so procuradas ;
D'altas cogitações nada é nascido,
Não são pomposas phrases estudadas !
Por nobre amor da Patria o mais subido
As minhas expressões foram dictadas !
Pois eu sinto nesta hora augusta, e calma
Sobre meus labios se-entornar minha alma ! »

VIII.

Foi então o Concelho consultado
Sobre o das Cam'ras justo requ'rimento ;
O qual sendo por Pedro meditado,
Que aguardava tranquillo este momento,
Viu, e seu ministerio franco, e honrado,
Que em todos ruminava o mesmo intento :
E convocada foi por consequente
Do Brasil a legal Constituinte.

IX.

Oh ! quem póde pintar com vivas cores
 Neste, para o Brasil, ditoso dia
 De Pedro os patrioticos ardores,
 A mui solemne, e vivida alegria !
 Brilhando por celestes resplendores
 Em sua alma arroubada se-accendia
 Refulgente, por tanta intensidade,
 A chamma da divina Liberdade !

X.

Em respeitosa carta se-endereça,
 A' seu pae, onde quanto sente exprime :
 Pelo Brasil energico lhe-expressa
 Seu amor o mais puro, e o mais sublime !
 Depois, quanto respeito elle professa
 A' santa Liberdade, nella imprime ;
 E sempre grande, e firme, em seu transporte
 Termina a carta desta illustre sorte :

XI.

« Ter Côrtes ao Brasil é proveitoso,
 Sente assim, assim pensa todo o Estado ;
 Pois sem Côrtes não pode ser ditoso
 Este reino, Senhor, tão dilatado !
 Por leis vindas de um corpo faccioso
 Ser não póde o Brasil afortunado :
 Feitas, sem attenção n'outro hemispherio
 Por quem nada conhece deste imperio !

XII.

« Toca o Brasil, Senhor, á adolescência,
 E a-vae com vigor desenvolvendo:
 O que lhe-convem hoje n'apparencia,
 Amanhã já nocivo lhe-está sendo :
 Absurdo é pois o-ter na dependencia
 De quem lá de tão longe o-está regendo !
 E sem justa egualdade de direitos
 Não nascem da unção brilhantes feitos !

XIII.

« Ninguem, Senhor, se-liga em sociedade
 Para ver-se depois em mis'ro estado !
 O mais forte a manter sua egualdade
 Está com mais razão, e honra obrigado !
 O Brasil sua doce liberdade
 Não perderá, jamais, e o-diz ousado !
 Eu o-sustentarei com dextra erguida,
 Té dar por elle o sangue e a propria vida ! »

XIV.

Assim foi caminhando inteiramente
 Pedro em prol da Brasileira flicidade :
 N'aquelle coração quam nobremente
 Crescia o santo amor da liberdade !
 Não pára, não descança, e sempre ardente,
 Segue em tudo do povo a so vontade :
 E em quanto o seu corpo é no Janeiro
 Vaga sua alma no Brasil inteiro !

XV.

Severa, e terminante na maneira
 Ordem despede, e cheia de energia
 Ao tão atroz, ao despota Madeira,
 O qual tyrannisava inda a Bahia :
 Na mesma occasião sua alma inteira
 De parabens, e encomios mil cobria
 Ao povo, que ao cruel luso despeito
 Tão nobre resistencia havia feito !

XVI.

Mas o tremendo esp'rito d'Anarchia,
 Que aquella alma feroz, sanguinolenta
 Desesperada, e perfida regia,
 De horrores, e de crimes só cedenta,
 O-obriga a responder sem cortezia,
 (E mais o odio contra si augmenta)
 Que p'ra mandar não vê (diz com excesso)
 Outro poder alem que o do Congresso !

XVII.

Ante o procedimento mais que insano
 O coração do Heroe bate irritado ;
 Mas esse coração tão soberano
 Sem-demora será desaffrontado !
 Ja rumina em sua alma o vasto plano
 Em que todo o Brasil vae ser vingado !
 O'luso, em breve tu verás patente
 Que a um Heroe não se-offende impunemente !

XVIII.

Foi no Janeiro então fama espalhada
 Que já de verga d'alto, e bem munida
 Estava sobre o Tejo ingente armada
 De vasto trem de guerra apercebida :
 E para velas dar ao vento ousada
 Faltava de guerreiros ser provida,
 E que o apparelho bellico ajuntado
 Era contra o Brasil só destinado !

XIX.

Ante tantos perigos levantados
 Pedro constante, e firme não se-affiije !
 São postos importantes occupados,
 Elle tudo prevê, tudo dirige !
 Os bens dos Cidadãos são transformados
 Em bens da Patria, por que a Patria o-exije !
 E onde quer que seu nome se-invocava,
 Logo o cuidado seu se-annunciava !

XX.

A inercia se-mudava em energia ;
 Os bosques em baixéis se-transformavam ;
 A arte o ferro em armas convertia ;
 Os jovens em guerreiros se-mudavam ;
 As mães entre o receio, entre alegria
 Os filhos seus á gloria convidavam !
 Pois si um Dario a escravos rege os fados ;
 Um Alexandre crea heroes soldados !

XXI.

Brilha n'um peito inteiro alma civismo ;
 Incha-lhe o peito marcial nobreza !
 O Campo melo o tumido heroismo,
 Olha a victoria coroando a empreza !
 Milagres do immortal Patriotismo,
 Vinga os direitos seus a Natureza !
 E o povo as premicias da Egualdade
 Quer ir no altar depor da Liberdade !

XXII.

Vãmente as negras Furias se-conspiram
 Contra este santo ardor, que vae lavrando !
 Entre o povo debalde horrendos gyram
 Seu infernal veneno derramando !
 Os dous Anjos do Ceo, que já respiram
 Vão os empenhos seus sempre frustrando ;
 Elles no povo seu amor derramam,
 E os seus corações com elle inflamam !

XXIII.

No mar de Guanabára já fluctua
 A Brasileira frota armada em guerra,
 Marcial ostentando a força sua
 De canhões ouriçada ao pégo aterra !
 Já o mar ante as proas ja recua,
 Já busca a frota da Bahia a terra :
 Onde terá Madeira o grão castigo,
 Si fugindo não salva-se ao perigo !

XXIV.

Ai !... Por elle não foi na Libya ardente
 As armas empregar contr'o Agareno,
 Inimigo da Fé, duro, e potente,
 E ainda mais do portuguez terreno !
 Ai !... quanto, e quanto sangue cruamente
 Vae regar da Bahia o solo ameno !
 Ah ! que o sangue que vae correr fraterno
 Sobre o impio Congresso cáhia eterno !

XXV.

Acaba de ostentar seu negro plano
 O turbido Congresso rancoroso !
 Com elle o torpe Despotismo immano
 Apertou com furor mais fervoroso !
 Cruzam as ordens do Congresso insano
 Rapidamente o imperio procelloso!
 E quanto nesse plano atroz se-encerra
 Era contra o Brasil tremenda guerra !

XXVI.

Foram todos seus consules intimados
 Nos longinquos 'paizes' estrangeiros,
 Que de guerra não fossem trens levados
 Desde então para os portos Brasileiros :
 Armãs, baixeis seriam confiscados,
 Os donos, nacionaes, presionários :
 Tal Roma, p'ra melhor ser destruida,
 Quíz das armas Carthago desprovida !

XXVII.

Incauto, e desvairado ora chegava
 Ao derradeiro, mais funesto excesso,
 Pois que ás hostilidades assim dava
 Entre os dous povos horroroso ingresso :
 O Heroe do Brasil firme acceitava
 A guerra, que declara-lhe o Congresso :
 E ás armas, no fogo em que se-inflamma,
 Ao povo do Brasil dest'arte chama :

XXVIII.

E falla assim : « Os tempos, Brasileiros,
 De aos homens enganar já estão passados !
 Os governos dos seculos primeiros,
 Que em nome so de um Deos foram creados,
 E quizeram ao mundo, de embusteiros,
 Impor, chamando o Ceo, nomes sagrados ;
 Teem de ver, baqueando, destruida
 De seu colosso a base fementida !

XXIX.

« Foi tal não crendo, que em seu vão desejo,
 O Congresso nos-teem assim tractado !
 Foi por assim pensar que o Brasil vejo
 Hoje, pondo-me a frente, erguer-se irado !
 Pedindo os seus direitos neste ensejo,
 A Liberdade, Gloria de seu fado !
 Fallar por tanto só deve a equidade :
 Brasileiros, ouvi-me, eis a verdade :

XXX.

« O Congresso, que audaz no pensamento
Quiz nos-impôr de novo a tyrannia,
Firmado em promissorio juramento,
Que ter execussão jámais devia.
Pois que a nossa ruina, em seu intento,
Com tão perfido escandalo envolvia !
Examinar nos-fez sua cubiça,
Seus titulos, pretensões, sua injustiça.

XXXI.

« Tão justo exame, que a razão pedia,
Mostrou que Portugal em seus despeitos
Quando as antigas formas destruia,
Creando para si novos direitos,
Obrigar o Brasil nunca podia
A acceitar seus servis, negros preceitos.
Sem ora atropellar direitos novos,
Broquel sagrado dos Brasileos povos !

XXXII.

« Certas provincias nossas se-ligaram
Então á bem de sua f'licidade ;
Por que entre os seus direitos memoraram
Seu bem estrar, e sua liberdade ;
A mim, o filho de seu rei chamaram,
Cuja lhes-penhorou santa amizade !
A mim, que amo o Brasil, por minha vida,
Como o filho dilecto á mãe querida !

XXXIII.

« Vi com dor os caminhos, que tomavam
Os publicos negocios, dirigidos
Pelos que paes da patria se-chamavam ;
Que de representantes, atrevidos
A' grandes soberanos se-elevavam
De toda monarchia, fementidos !
Julguei de mim, e de meu rei ind'no
Não guiar este povo em seu destino !

XXXIV.

« Desprezava este povo generoso
Dessas instituições republicanas
O já vingado exemplo grandioso
Das visinhas nações americanas !
Salvo pois neste solo tão formoso,
As sublimes reliquias soberanas !
O throno, destes povos esperança.
E os direitos da casa de Bragança !

XXXV.

« Mas do Congresso a insana tyrannia
Tornou-o ao seu dever mais cego, e mudo !
Das ligadas provincias a energia
Subiu enfurerida alem de tudo !
Todas ergueram, como por magia,
Da liberdade o sacro-santo escudo !
E pediram-me, expondo a sua idéa,
Uma convocação de uma Assembléa.

XXXVI.

« Demorára eu talvez este momento
 Para ver si o Congresso cederia ;
 Mas a ordem aos Consules, seu intento
 A nós, e a todo o mundo denuncia ;
 Por essa ordem bellico armamento
 Vindo para o Brasil lhes-prohibia :
 Eis a guerra, sem mais ~~ambiguidades~~,
 E o começo real de hostilidades !

XXXVII.

« Era pois defensor eu deste Estado,
 Elle sua defesa me-exijia :
 Tal recusando, havia atraçoado
 Minha promessa, a propria monarchia !
 Quem poria barreiras d'outro lado ..
 Aos males da Discordia, e d'Anarchia ?
 A lucta porfiosa dos partidos, ..
 Das facções os embates ~~desmedidos~~ !?

XXXVIII.

« Por esta guerra malaventurada,
 Pela dos reinos-dous a decadencia,
 Respondera a minha alma angustiada,
 Os partidos deixando em sua ardencia !
 Mandei fosse a Assembléa convocada
 P'ra firmar do Brasil a Independencia ;
 Sem romper, apezar dos embaraços,
 Dos dous povos irmãos antigos laços !

XXXIX.

« Brasileiros ! p'ra vós não é preciso
 Recordar quantos males padecemos;
 Mas de todo o universo o alto juizo
 Quer que de nosso obrar contas lhe-demos :
 A historia do Congresso (o mais conciso)
 Revela quantas magoas já soffremos !
 E p'ra que em nós não julguem preconceitos
 Do Congresso eu aponto alguns dos feitos :

XL.

« Fez leis sobre o Brasil de um modo activo
 Sem que inda fosse alli representado :
 Recusou do poder executivo
 Uma delegação em nosso Estado ;
 Um negou de união centro effectivo
 P'ra mais inda o tornar debilitado :
 Tres governos depois foram creados,
 Com a discordia, e despeitos encubados !

XLI.

« De commercio p'ra vós fez um tratado
 Só na apparencia cheio de equidade ;
 Mas viu-se, sendo attento examinado,
 Que era injusto, sem fé, sem egualdade !
 Vossos portos assim fechava ousado,
 E destruia a vossa flicidade !
 E a vós, com infanda aleivosia,
 A miseros pupillos reduzia !

XLII.

« Vossos representantes em seu seio
 Com desprezo tractou, inda hoje os-tra'ta !
 Para infundir em vós susto, e receio
 Nefandissima intriga affaga, e acata !
 Libertar os escravos, eis o meio
 Dessa trama feroz que ora desata !
 Para, em guerra nefaria em mil horrores,
 Os escravos armar contra os senhores !

XLIII.

« E quando vossas queixas bem fundadas
 Ante o Congresso injusto então subiam,
 Por elles sendo alli mal escutadas,
 Com desdens, Brasileiros... respondiam !
 Pedindo um centro, foram desprezadas
 Nossas vozes : e agora concediam
 Tres, p'ra verem (desejo atroz, nefando !)
 As provincias irmães se-dévorando !

XLIV.

« Valentes Brasileiros, que vos-resta?
 União : por que nada vos-assusta :
 Uni-vos pois, a occasião é esta !
 Uma Assembléa, para vós Augusta,
 Moderada, discreta, sabia, honesta,
 O vosso bem sustentará robusta !
 Ella leis vos-dará mais salutaes,
 Zelando os vossos bens peouliäres !

XLV.

« Oh ! quantos bens em minha mente pinto !
Tereis digno de vós, povo illustrado,
De justas leis um codigo distin'to,
Não a venaes juizes confiado,
Em lugar desse escuro labyrintho !
Um codigo penal bem calculado !
Uma legislação mais sabia, e pura ;
Navegação, commercio, agricultura !

XLVI.

« E vós, ó filhos do terrivel Marte,
Que formaes este exercito famoso,
Da cara Patria invicto baluarte,
Formidavel, egregio, e corajoso,
Um codigo tambem tereis dest'arte
Para vossas virtudes valioso !
Que premeie o valor disciplinado
Desse da Patria cidadão soldado !

XLVII.

« Das Lettras, e Sciencias vós cultores,
Que fostes até hoje desprezados,
Vossos tantos amargos dissabores
Vão ser d'ora em diante compensados :
E d'entre os vossos bellos esplendores
Té o throno real sereis levados :
Pois roubar-vos não hão-de á magestade
Estupidos zangões da sociedade !

XLVIII.

« Cidadãos, Brasileira mocidade,
 Sublime por tão nobres pensamentos,
 Um código tereis com egualdade,
 Que anime, e vos-esforce altos talentos;
 Assim da cara Patria em liberdade
 Vós sereis os brilhantes ornamentos!
 Quando da lei o soberano escudo
 A virtude amparar, cobrir o estudo!

XLIX.

« Do Amazonas ao Prata um só esp'rito
 O laço seja da vontade vossa!
 Mandae aos ares da união o grito,
 Seja união que nada abalar possa!
 Não haja uma provincia, um só distri'to,
 Que preze menos esta causa nossa:
 E' para nós a Patria um só objecto,
 E tenhamos por ella um só affecto!

L.

« E vós, porção valente, e malfadada
 Deste grande Brasil, nobres Bahianos,
 Em cuja terra a turma impia, esfaimada
 Aferrado se-tem desses tyrannos;
 Lançae-os dessa terra abençoada,
 Que esses monstros não são já lusitanos!
 E vencidos tão arduos embaraços,
 Vos-reuni fieis a nossos braços.

LI.

Valentes, e fieis Pernambucanos,
 Denodados, intrepidos Mineiros;
 Correi, em prol dos immortaes Bahianos,
 Da nossa liberdade heroes primeiros!
 Expelli os audaces lusitanos,
 Combatei, como fervidos guerreiros;
 Mas, ao que preza a nossa flicidade,
 Honesto luso, poupe alta bondade.

LII.

« Do Ceará famosos habitantes,
 Do Pará, Maranhão, provincias bellas,
 Que são destes paizes abundantes
 Tão preclaras, tão nitidas estrellas,
 Imponde um freio ás dores penetrantes,
 Passou-se o tempo de formar querellas;
 E este Acto, do Ceo supremo brinde,
 D'emancipação nossa assignar vinde!

LIII.

« Brasileiros fieis de todo o Estado.
 Sou vosso Defensor, sou vosso amigo,
 Vosso compatriota, e ao vosso lado
 Me-vereis onde exista o mór perigo!
 A mais bella ventura de meu fado,
 Brasileiros, ouvi, com gloria o-digo:
 E' um povo brioso entre a victoria
 Guiar á flicidade, á honra, á gloria!

LIV.

« Do cume da Suprema Eternidade
 Nos-contemplando estão em santa ira
 Os primeiros Heroes da liberdade
 Henrique Dias, Camarão, Tabira!
 Da mais firme união, e uma vontade
 Vosso exemplo feliz minha alma fra ;
 E melhorando assim vosso destino
 Serei digno de vós, da Patria di'ño ! »

LV.

Tal foi do Heroe o manifesto ingente,
 Que dirijira ao povo Brasileiro.
 Cada mancebo, destimido, ardente
 Foi desd'então impavido guerreiro!
 Que inda o jugo soffrer mais que insolente
 Querem todos morrer antes primeiro :
 Tal de Marengo o heroe, valente, e ousado
 Transformava em heroe simples soldado !

LVI.

Des d'esse doce venturoso dia
 Tudo foi no Brasil actividade,
 Enthusiasmo, fogo, e energia,
 Inspiração da santa Liberdade !
 Agonisava a iniqua tyrannia,
 Já dominava em tudo alma egualdade.
 Eram vencidos mil, arduos perigos
 Do Brasil se-expellindo os inimigos.

LVII.

A hiemal estação ao fim tocava,
 Como em languor jazia a natureza ;
 O Campo pouco a pouco restaurava
 C'o as graças do verdor, maga belleza ;
 Mas todavia o campo não mostrava
 Da do inverno d'Europa essa tristeza :
 Pois si la geme a Natureza em lucto,
 Aqui germina a flor, prepara o fructo !

LVIII.

Cuidadoso ao real, caro aposento
 O generoso Pedro se-volvia ;
 Alli em seu sublime pensamento
 A grande obra encetada revolvia :
 Neste de cogitar maior momento
 Aquelle illustre genio não dormia !
 Vela, que tem na mente essa obra enorme,
 Pois quando o povo soffre o rei não dorme.

LIX.

Em sua grande idea elle agitava
 Tres sec'los do passado, e o futuro !
 Um venturoso Estado em si creava
 Sem tyrannos, sem ferros, mas seguro !
 A pós n'um grande nome meditava
 Para as eras transpor nitido, e puro !
 Pois alli revolviam-lhe a memoria
 Um Povo, a Liberdade, e sua Gloria!

LX.

Seu grande pensamento soberano
 Tendo tantas ideas revolvido,
 Era mais que vastissimo oceano
 Onde tinha o universo submergido !
 No meio desse tão immenso plano
 Arfava um ponto so por elle erguido ;
 E' sua alma esse ponto alli boiado,
 Qu' é tal ponto o Brasil seu tanto amado !

LXI.

E velava tão só sobre o seu leito,
 Mas essa vela é nua de agonia !
 Velava meditando satisfeito,
 Não tinha somno, e nem tel-o queria ;
 Nem remorsos, nem sustos tem seu peito,
 Bem que em grandes cuidados se- envolvia
 Junto delle, com o collo não intono
 Tristonho o- contemplava o Anjo do somno !

LXII.

Pelo Brasileo, válido Heroismo,
 Quasi sem forças já, quasi vencido,
 O implacavel, funesto Despotismo
 O carrancudo esp'rito denegrido
 Dos pesadelos foi buscar ao abysmo ;
 Este dos sonhos falsos fermentido
 Demonio pavoroso alli se- achava,
 E junto ao regio moço o- espreitava !

LXIII.

A segunda vigilia terminava :
 E' meia-noite em ponto... Hora estupenda !
 No campanario o bronze alto marcava
 Esta hora de pavor, esta hora horrenda !
 Caterva de demonios se-soltava...
 Hora de tentação, hora tremenda !
 O espirito de horriveis pesadelos
 De manso corre a mão por seus cabellos !

LXIV.

E elle adormeceu. Mal que adormece
 A sua alma cançada um sonho opprime...
 Sobre elle negreando lie-apparece
 A Ingratidão alçada sobre o crime !
 E a um impulso seu ora conhece
 Que rola, e cahe de um monte o mais sublime !
 Entrè um bosque baquea ! Alonga os olhos
 Todo é crespo de espinhos, e de abrolhos !

LXV.

Então altêa a voz os seus chamando,
 Vendo assim avultar tanto perigo...
 Busca vâmente os seus, em vão buscando
 (E não achou mais que um, ou que outro amigo)
 Aquelles, que diziam blasonando :
 —Onde fôres, Senhor, serei contigo !—
 Vê os entes, que ergueu, desampararem
 A' elle, e os seus contrarios procurarem !

LXVI.

Nutante avista um throno poderoso
 Ao qual minára a soffrega Anarchia :
 Vé delirante um povo generoso
 Fascinado de ingrata Aleivosia !
 Abre ante elle o seu seio o pégo undoso,
 Saudosos passos para elle guia !
 E quando de abraçar seus filhos trata,
 Desconhecida mão lh'-os-arrebata !

LXVII.

Mas a celeste Virgem, que velava
 Sobre a da Santa Cruz terra querida,
 Neste instante solícita notava,
 Lá do céo neste sonho: enternecida !
 Dos bons sonhos o Anjo ella chamava,
 Para a terra o—enviar compadecida,
 E annullar do Heroe no terno peito
 Deste sonho funesto o triste effeito !

LXVIII.

E o atroz Despotismo então tomando
 De um venerando velho a forma augusta,
 Vae sereno para elle caminhando,
 E estes sons lhe—endereça em voz robusta :
 —Tu terás este premio miserando
 Desta terra, que tanto hoje te-custa !—
 O negro Despotismo isto dizia,
 Mas o Heroe no sonho o não ouvia !

LXIX.

Não : que o Anjo dos sonhos mais queridos
 Fez com que as auras estes sons bebessem ;
 E que per entre os átomos perdidos
 De Pedro nos ouvidos não morressem,
 E que o velho, no somno, amortecidos
 Os seus olhos tambem não percebessem;
 E os demonios o Anjo apenas vendo
 De junto ao grande Heroe fojem tremendo.

LXX.

Mas porque o Ceo não quiz que do futuro
 Em sonho tal alguma cousa visse,
 E que n'humano estado incerto, escuro
 Seu coração por muito persistisse ?
 Ah! que si o homem do porvir seguro
 Seus porvindouros fados presentísse,
 Fôra a existencia mais que aborrecida,
 Nem a virtude esmaltaria a vida !

LXXI.

Para lhe-destruir do sonho o effeito
 O Anjo dos bons sonhos carinhoso
 Em o seu verdadeiro, e lindo aspeito
 Lhe-mostra ao longe um quadro grandioso.
 Olha o Heroe, e nota, com respeito
 O Seu busto n'um templo glorioso!
 Vela sobre seu nome alta Memoria,
 E lê por baixo—A' Eternidade! á Gloria !!! —

LXXII.

Junto delle era o Anjo da Lembrança
 O-contemplando meigo, enternecido,
 Que da suprema Bemaventurança
 Havia até seu leito descendido :
 A leve dextra vagarosa, e mansa
 Sobre a testa passou do adormecido,
 E as notas roubou-lhe caroavel
 Desse primeiro sonho abominavel !

LXXIII.

E despertou emfim! Na sua mente
 Nada existe do sonho pavoroso ;
 E entretanto conserva o refulgente
 Quadro, que o-encantou tão luminoso
 Redobra o gallo, que a manhã presente,
 O enrouquecido canta cuidadoso :
 E o Heroe de seu sonho então contente
 Procura adormecer tranquillamente !

LXXIV.

Volveu apoz o dia suspirado;
 Sereno despertou, se-argueu jucundo :
 E vae sobre o Congresso, inda arrojado,
 O golpe desfechar mais furibundo ;
 Pois que cedendo ao Brasileiro Fado
 Manda ás grandes nações de todo o mundo,
 Ardendo em puro, sublimado esto,
 Seu immortal, seu grande Manifesto!

LXXV.

Em nobres pensamentos altaneiros
Com palavras energicas, e ardentes,
Annuncia aos paizes estrangeiros
Que a receber 'stá prompto os seus agentes ;
E a enviar igualmente os Brasileiros
As amigas nações, nações potentes ;
E os portos do Brasil declára abertos
A commercios, que as leis tornassem certos.

LXXVI.

No immortal Manifesto lhes-declara
O motivo, que a tanto dera ingresso.
P'ra união sustentar, que não cortára,
Com Portugal, pintou seu grande excesso,
Miudamente as causas elle exára,
As negras injustiças do Congresso,
E que o Brasil com toda a heroicidade
Sustentará seu foro, e Liberdade.

LXXVII.

Desta sorte o Heroe tão sublimado,
Que de um modo não dubio tudo obrava,
Como o Congresso altivo, de seu lado
Contra o Congresso a guerra declarava ;
Este lance tremendo, ingente, ousado
Já o plano infernal desconcertava:
Estremeceu de susto o Despotismo,
E vacillou de medo o infausto Abysmo !

LXXVIII.

O anjo do Brasil então havia
 Para as partes do Sul seu vôo erguido,
 Onde as tropas de Lísia ora regia
 O portuguez Lecor, varão subido :
 O Anjo em suas visceras accendia
 Seu fogo, e nelle já todo encendido,
 Se-dedicava, em sua intensidade,
 Em favor da Brasileira Liberdade,

LXXIX.

Mas prevendo este effeito o negro Abyssmo,
 Para as partes do sul tambem voava
 Com apressado vôo o Despotismo
 Onde p'ra si desgraças encarava !
 Voa com elle o mis'ro Servilismo,
 Que neste empenho em tanto o-ajudava!
 E mal que nesse ponto ambos chegaram,
 No esp'rito de Dom Alv'ro penetraram.

LXXX.

Tenta Lecor os seus ver dedicados
 Ao Brasil onde, crê toda a justiça ;
 Mas aos lusos, por Alv'ro já ganhados;
 Contra o Brasil o Servilismo atija !
 De Lecor os esforços são baldados,
 Tanto póde de Alvaro a cobiça !
 Deixou então Lecor seus companheiros,
 Se-votando aos valentes Brasileiros !

LXXXI

Embora, ó luso, general honrado,
 Com venturoso, e radiante effeito
 Não fosse o teu esforço coroadado,
 O que tu viste com mortal despeito !
 Tu serás no Brasil sempre lembrado
 Por esse eterno, e glorioso feito !
 Um nome te-concede a Eternidade
 No Templo da suprema Liberdade !

LXXXII.

Entre tanto galhardo triumphava
 Da Liberdade o Anjo soberano ;
 Entre o povo onde os brios derramava
 Valeroso, e fiel Pernambucano:
 Já d'aquelle terreno se-~~apartava~~
 O tão hostile, armado lusitano;
 E ao Regente, á quem só se-~~consagraram~~,
 Os seus respeitos protestar mandaram.

LXXXIII.

Desta sorte a propicia flicidade
 Do Brasil ao seu fim se-encaminhava;
 Já em seu bello solo a Liberdade
 Com seus raios beneficos brilhava,
 Cimentando os encantos da egualdade !
 E já por toda a parte se-mostrava
 Desassombrado, bello, e lisonjairo
 O risonho horizonte Brasileiro !

LXXXIV.

Levanta do Janeiro ao occidente
 Sam-Paulo a fronte em tanta louçania :
 Foi o quinto João quem, providente
 De Santo-Amaro a grã Capitania
 Outr'hora reunindo á Sam-Vicente
 De provincia lhe-deu cathogoria :
 E foi p'ra a-governar, em tal estado,
 Pelo rei Albuquerque nomeado.

LXXXV.

A Discordia se-vendo ora corrida
 De quasi toda a terra Brasileira,
 Pois só tinha a Bahia inda opprimida
 Pelas armas do perfido Madeira;
 Exasperada em furias incendida
 Para as partes do sul voôu ligeira,
 E em Sam-Paulo, com lethal desejo,
 O infernal poisou, medonho adejo.

LXXXVI.

No peito do da junta Presidente
 Aquelle anjo perdido, eis que acha entrada,
 E o-faz vociferar com odio ardente
 Contra o nobre Martim, tambem Andrada.
 Era o honrado Martim, sabio, e prudente.
 Era alma de virtudes adornada ;
 Achava-o sempre firme a c'lamidade,
 E moderado sempre a f'licidade !

LXXXVII.

Tu si vîras o illustre Brasileiro,
Pirrho, dirias, qual já de Fabricio,
Que se-veria o sol deixar primeiro
Seu curso, qu'elle commetter um vicio ;
O povo de Sam-Paulo, assás guerreiro,
Já cedia do Inferno ao artificio,
Pois na discordia, a progredir dest'arte,
Começava a tomar funesta parte.

LXXXVIII.

Do medonho perigo hórrido, e feio
Aspecto assustador lá negrejava !
A timidez, o susto, e o receio
A possuir os fracos começava ;
De socegar os animos co' o meio
Ninguem, n'um tal extremo, deparava;
Mal sabe a corte do protervo enredo
Da zizania a-descora o frio medo.

LXXXIX.

Mas Pedro, que os destinos já dirige
De quasi todo o solo Brasileiro,
Ouve a nova fatal; mas não se-afflize,
Não se-assusta, o seu animo era inteiro ;
Ouve, forma tenção ; e nada exige :
E pr'a lá vae partir, partir ligeiro ;
Pois elle sabe que inda a magestade
Quando manda, e não vae, póde em metade

XC.

E partiu. De mui poucos vae seguido,
 E tão rapido vae, que caminhando,
 Parece que n'um impeto impellido
 Sobre as azas dos ventos vae voando!
 Oh! quanto de trabalhos incendiado
 Aquelle coração vae triumphando!
 Trabalhos porque vae a humanidade,
 Qual por firmes degrãos, á Eternidade!

XCI

E entre tanto em morta calma
 N'amplidão d'oceano inda se-achava
 A esquadra do Brasil, que p'ra Bahia,
 Sem algum incidente, navegava.
 Propicio vento após no mar corria,
 Que doce as pandas velas lhe-enfunava;
 O mar estava placido, e sereno,
 O ceo risonho, nitido, e ameno.

XCII.

Mal a vira sahir, tinha assentado
 De seu destino o Inferno desvial-a;
 Pois dest'arte se-havia conjurado
 Para entre as fundas ondas afundal-a!
 Vel-a em meio de mar mais dilatado
 Só esperava então p'ra arruinal-a,
 Ecom tão brando vento, que soprava,
 Para o amplo dos mares a-empurrava,

XCIII.

Apenas Pedro viajando viram
 Os terriveis demonios congregados,
 De nefando prazer se-possuiram,
 Si é que sentem prazer taes condemnados!
 Do inferno em negras legiões sahiram,
 De quanto horror lhes-cabe vem armados,
 Rebramindo se-espalham pelos ares,
 Pela face da terra, e pelos mares.

XCIV.

Perder dest'arte a armada navegante
 As potencias do inferno agora intentam !
 E p'ra acabar co' o regio viandante
 Medonha, horrivel tempestade inventam!
 Já no longe horizonte, inda brilhante,
 Suffocados trovões roucos rebentam!
 Rapidamente o vento se-endurece,
 E o ceo pouco a pouco se-ennegrece!

XCV.

Da borrasca o demonio pavoroso
 Se-ergue, se-retorcendo em mil esgares ;
 Respira. zune o vento impetuoso ,
 Com anguifera melena tokta os ares !
 Das mãos dardeja o fogo estrepitoso ,
 Com anguiformes pés revolve os mares ;
 Seus olhares lampejos são flammisonos !
 Dos ossos o ranjer trovões horrisonos !

XCVI.

Desmandou-se a tormenta. De repente
 Tornou-se todo o ceo escurecido;
 Horror da natureza, horror da gente,
 Bramia o mar medonho ennegrecido !
 Cahia em borbotões chuva vehemente,
 O vento sibilava endurecido;
 Nos ares o relampago cruzava,
 E dos trovões o echo rebramava!

XCVII.

Da natureza o seio lacerado
 Bramia entrè mil ancias horrorosas;
 Mugia todo o ar despedaçado,
 Ardia o ceo em chammas sulphurosas!
 Tremia a terra á impulso arrebatado!
 Jogava o mar aos ceos ondas irosas!
 E flagellava ao mundo, em taes momentos,
 O bramido infernal dos elementos!

XCVIII.

O mar, como arrancado á urna sua,
 Se-erguia a enxovalhar o ceo superno !
 Ou fendido, mostrando a arêa nua,
 Descarnava as abobodas do Averno!
 Negreja em cada vaga a morte crua,
 Troveja em cada ónda o horrendo inferno !
 E ao som do trovão, á luz do raio,
 O orbe do seu fim simula o ensaio !

XCIX.

Os miseros baixéis já desmandados
 Vão nas azas dest'horrida procella!
 Quaes os calabres teem despedaçados!
 Quaes já navegam rotos com cautela!
 Quaes já 'stão neste horror desarvorados,
 Quaes em tiras lhes-voa uma, outra vela!
 E na infernal borrasea confundidos
 Se-consideram já todos perdidos.

C.

Entorno ao grande, ao regio viajante
 Mugia com furor da mesma sorte
 O medonho estampito retumbante
 De tão tremenda tempestade forte!
 Sobre as azas do vento sibilante
 Voava negrejando a torva Morte,
 E o pavoroso horror destes logares
 Não era menos que o horror dos mares!

CI.

Tomba das negras nuvens gottejantes
 A frigida saraiva estrepitosa,
 Destruindo as searas verdejantes!
 A coma secular do bosque umbrosa
 Á impulso de seus golpes penetrantes
 Voava nas azas da tormenta irosa!
 E pelos furacões despedaçados
 Vão ramos pelos ares despenhados.

CII.

Mugindo um torvelinho no ar arfando
Involve com esforço desabrido,
Pelos ramos um tronco venerando,
E torce-o n'um arranco enfurecido ;
Fibra á fibra ranjendo, arrebentando
Té que rebenta o tronco retorcido !
Tomba! e ao baquear faz em retalhos
Troncos, arvores, arbustos, ramos, galhos !

CIII.

Emquanto oscila forte susurrando
Seus leques a palmeira ; mais vehemente,
Involto em densas folhas rebramando ;
Um vortice medonho, fero, ardente
As galas da floresta devorando,
Pela raiz arranca um tronco ingente !
Expelle-o : sobre a terra os ramos crava,
E lá onde existio só deixa a cava !

CIV.

Dessas das serras carregadas frontes
Espumando se-escoam mil torrentes ;
Correm por sobre grutas entre montes
A borbulhar as rapidas correntes
Regeitam cabedaes tumidas fontes ;
Tornam-se em mar os valles florescentes !
Quem tanto visse tremulo diria
Que outro novo diluvio acontecia !

CV.

Brilha o ceo de lampejos incendiado !
 Os coriscos nos ares se-abalroam !
 Os roucos echos do mortal bramido
 Dos horridos trovões nos valles tream !
 Rebrama da borrasca o estampido,
 Seus sons cheios de horror nas serras troam !
 Lascam raios os topos das montanhas,
 Treme a terra nas intimas entranhas !

CVI.

Junto ao Heroe assim pois negrejavam
 Perigos, que uns aos outros succediam ;
 Os coriscos sobre elle lampejavam,
 E junto ao lado seu raios batiam !
 Nem estes, nem aquelles o-tocavam,
 Só perto lhe-passando reluziam :
 Aquella vida ao Ceo pois pertencia,
 E tocal-a o inferno não podia !

CVII.

Ora duros pedriscos o-açoutavam,
 Ora os ventos a marcha lhe-impediam,
 Ou com rouco murmurio lh'-a-embargavam
 As rapidas torrentes, que bramiam !
 As corpulentas arv' res estalavam
 No caminho os madeiros se-estendiam !
 Deste lado um abysmo está fronteiro,
 D'aquelle um precipicio é sobranceiro !

CVIII.

Mas Pedro sempre á frente dos amigos
 Em tanto horror, sua alma não tremia !
 Impavido affrontando arduos perigos
 Mostrava mais valor, mais energia !
 Oh! que para vencer taes inimigos
 Não ha valor, destreza, ou valentia ;
 Mas uma alma sublime, um peito forte
 Vence os perigos, desprezando a morte !

CIX.

Deos via os Elementos conjurados
 Bramindo em negra tempestade fera !
 Via com furia os monstros desatados,
 Porque Elle proprio tal poder lhes-dera !
 O furor destes impios condemnados
 Deos até certo ponto inda tolera ;
 Pois para que a virtude se-conserve
 Para os homens provar delles se-serve.

CX.

Vendo Pedro que a horrivel tempestade
 Augmentava os horrores da refrega,
 Eleva o coração a Divindade,
 E á Virgem do céo todo se-entrega !
 Era tempo. A Suprema Magestade
 Dos labios um sorriso almo desprega :
 Após o Braço Omnipotente estende,
 Estremece o universo! o ceo o-entende!

CXI.

D'entre os bellos espiritos divinos
A Mãe do Verbo, a Eternal Maria
Ao Anjo, Potestade dos Destinos,
O tão querido Gabriel envia:
Que prenda da tormenta os desatinos
O soberano Nuncio lhe-annuncia :
O Anjo dos Destinos sobre os ares
Ergue-se, encara o ceo, a terra, os mares !

CXII.

Com sobresenho á tempestade fita,
Treme o inferno até seus fundamentos!
Com um seu sopro as nuvens precipita,
E prende com a dextra os duros ventos!
Ergue a sinistra, rapido supita
Da borrasca os mugidos turbulentos !
D'ante o terrivel Anjo espavoridos
Fojem negros demonios confundidos !

CXIII.

No vasto pégo os mares se-embrandecem;
O ceo se-ostenta em limpidos fulgores;
Sobre as praias as ondas se-adormecem;
Namora o campo ao ceo com seus verdores;
Claros os horizontes se-enrubecem;
Sobre as azas dos zeph'ros brincam flores;
E desta tarde na vernal belleza
Parecia ser nova a Natureza!

CXIV.

Exempto d'arduos, sem-eguaes perigos,
 Com fogo de robusto viandante
 Entre serros trilhando vae antigos
 O muito ardente, o nobre caminhante:
 Rodeado de alguns fieis amigos
 Já vae da capital pouco distante:
 E preferindo a tudo a brevidade
 Eil-o emfim de Sam-Paulo na cidade.

CXV.

Musa, não é mister que em teu enleio
 Contes quantô este povo exp'riméntava,
 O seu libertador vendo em seu seio,
 Libertador, ao qual tão terno amava!
 Que orgulho! que prazer! que devaneio,
 Ante o Nume, que a Patria ora salvava!
 O' Musa, tu não tens toda energia
 P'ra cantando narrar tanta alegria!

CXVI.

Chegou: milagre augusto do Heroismo,
 O socego entre festas renascia!
 Fogê d'aquelle solo o Despotismo,
 E a sanguisedenta, impia Anarchia!
 Fogem as furias do tremendo Abysmo,
 Cedendo o campo á Paz, e á Harmonia!
 Succede ao susto a candida bonança,
 Brilha Harmonia, e Paz n'aurea Esperança!

CXVII.

Tal no undivago lenho se-experimenta
 Quando, pós que minaz toldára os mares,
 Prenhe da morte o manto da tormenta
 Rarefaz-se, dissipa-se nos ares !
 No convéz lédo o nauta então se-assenta,
 E esquece, inda tão lá... seus patrios-lares !
 E vendo em ceo azul puniteas flores
 Ao som do zeph'ro canta os seus amores !

CXVIII.

Ja toda armada incólume singrava
 No campo equoreo, illesa do perigo!
 Por sobre niveas flores se-escoava
 Ao brando sopro de galerno-amigo!
 Ovante ao seu destino em fim chegava,
 Surgindo da Bahía em vasto abrigo:
 Pois previdente, e cheio de cautela
 O Anjo do Brasil velou por ella!

CXIX.

Chegou a esquadra nossa, e juntamente
 Chegou com ella a portugueza armada,
 Prenhe de munições, d'armas, de gente
 P'ra sustentar a guerra destinada.
 A Brasileira tropa, forte, e ardente
 Pojou em terra lesta, e aparelhada,
 Sem que os lusos a terra disputassem,
 Lhes-vedando que alli desembarcassem !

CXX.

Então a tropa do pajz se-achava
 Da provincia p'ra o centro retirada,
 E para a esta se-reunir marchava
 Rapida a tropa então recém-chegada:
 Um, e outro inimigo ora assentava
 Seu campo nesta terra malfadada. . . .
 Vae breve, a trovejar por toda a parte,
 Ferver em furias o saahudo Marte!

CXXI.

Chefe, regia a tropa Brasileira
 O gaulez Labatut dextro, e valente:
 Da lusitana gente inda Madeira,
 Cheio do seu orgulho estava á frente:
 Ambos tendo de paz vontade inteira
 Recorrem a tratados previamente:
 Dest'arte largo tempo consultaram,
 E varias notas entre si trocaram.

CXXII.

Porem tendo a Discordia presentido
 Que terminar-se a guerra era seu damno;
 Desvia, faz tomar outro partido,
 Movendo aquelle ferô lusitano:
 Todo o tempo passado foi perdido,
 Só resta a dura guerra em desengano:
 E mal que os planos irritos ficaram,
 Ambos só para as armas appellaram!

CXXIII.

Começa a guerra atroz em seus furores ;
A Discordia o seu facho mais atiga;
Tem por divisa tantos lidadores
De um lado a sã Razão, d'outro a cobiça !
Pleiteam d'orco os tetricos horrores
Só contra a Liberdade, e a Justiça ;
E dest'arte por modos bem contrarios
A guerra cresce com successos varios.

CXXIV.

Vendo todo o Sam-Paulo sócegoado,
Seu povo satisfeito, e prazenteiro,
O Brasilico Heroe, mais que apressado,
Voltou contente ao povo do Janeiro.
Té muito do caminho acompanhado
Vem pelo povo intrepido e guerreiro,
E aproveitando a estação tão boa.
O viandante Heroe não anda, vôa.

CXXV.

Enfeitiçando um prado voluptuoso
Onde vegetam lepidos verdores,
Volve o Ypiranga o curso anfractuoso
Perfumado do balsamo das flores.
Encantam este espaço deleitoso
Os hymnos dos volateis amadores :
Dirieis a campina afortunada
De Amor, das Graças magica morada !

CXXVI.

Sê, campo augusto, sempre abençoado!
Caroavel te-seja a Natureza !
Sempre, ó preclaro Rio celebrado,
Te-orne florente, genial belleza,
Dos frescores das brisas bafejado !
Theatro da mais nobre gentileza,
Não precisa da Musa a etherea gloria
Para ser immortal tua Memoria !

CXXVII.

Sem parar caminhando o moço ardente
Parou neste logar formoso, e grato;
Com sua pouca, mas alegre gente
Nas margens pernoutou deste regato:
Até mui tarde conversou contente,
Mui tarde procurou do somno o trato:
Aquelle corpo assim tão fatigado
Deitou-se e adormeceu mui socegado!

CXXVIII.

Sobre os balcões do lucido oriente
Raiando vinha a aurora duvidosa;
Suspirava entre flores brandamente
Enamorada aragem melindrosa:
Faceira de ledices docemente
Sorria a Natureza caprichosa!
Pedro em hora tão doce repousava,
E qual nunca sonhou, elle sonhava!

CXXIX.

Vê ante os olhos seus joven guerreiro;
 Pende-lhe ao lado scintillante espada:
 Dos reis impunha o sceptro, e de altaneiro
 Traz de corôa d'ouro a fronte ornada:
 Lhe-ascila brando zephyro fagueiro
 Manto da côr dos campos engraçada;
 Vária thaumancia luz prisma, e cambía,
 Regia murça, que o collo lhê-atavia!

CXXX.

O guerreiro apontou: via Pedro, olhando,
 Verde campo de um âmago amarello.
 Um mui formoso globo fulgurando.
 Assente é sobre o mesmo paralelo.
 Palma de verde Fumo florejando
 Se-enlaça a um ramo de Café mais bello!
 Enrama do guerreiro a c'roa d'ouro
 Grinalda egregia de virente Louro!

CXXXI.

Virgens seis vezes tres, e uma, gemmantes
 De pulcherrimas galas p'ramentadas,
 Cobertas d'ouro, prata, e de diamantes,
 De fulgidas estrellas coroadas,
 Seus subidos thesouros abundantes
 Ao Guerreiro offercer veem dedicadas;
 E cantando os seus inçlytos louvores,
 Seu sceptro adornam de immurchaveis flores!

CXXXII.

Um circ'lo de esmeraldas fulguroso
 Tinha o Guerreiro no sinistro braço,
 E com o centro de ouro precioso
 Formava um elegante, um puro laço:
 De finissimo ouro ang'lo formoso
 O-encerrava inteiro em seu espaço:
 E no meio do angulo collocadas
 As letras —1; ou 1000 — eram gravadas.

CXXXIII.

E despertou. A aurora já luzia.
 No aposento: com a vista então procura.
 Essa visão tão cheia de magia,
 Que brilhára com tanta formosura!
 Tudo d'ante seus olhos se sumia,
 Porem o effeito em sua mente dura!
 Já para proseguir s'ergue ligeiro...
 Eis chegado da Côrte um mensageiro.

CXXXIV.

Traz cartas de seu pae, tambem com ellas
 Funestas ordens do fallaz Congresso!
 Soberbo já não usa de cautelas,
 E' certo para Europa o seu regresso!
 Do povo do Brasil despreza as qu'rellas;
 Já nada considera em tanto excesso!
 E os homens do Brasil, d'egregia fama,
 Perante a lei a responder os-chamam!

CXXXV.

E' tudo em Lisia espirito guerreiro!
 Cresce contra o Brasil despeito forte!
 Quer Portugal que o Reino Brasileiro
 Tenha de novo de-colonia a sorte!
 Possuido de um animo int'receiro
 Troveja iroso o portuguez Mavorte!
 E contra a illustre, Brasileira terra
 Decretava o Congresso horrivel guerra!

CXXXVI.

Quem diria que a guerra assim cobice
 Quem para a-sustentar mais se-devasta?!
 « A dextra vós feris (Pedro então dice),
 Que hoje piedosa a guerra vos-afasta!
 Pois bem... Guerra cruel!... Ai do infelice
 Que nesse grande horror exclame:—Basta—
 A bondade de Deos sobre nós desça
 E Deos de tanto mal se-compadeçal... »

CXXXVII.

Isto dice: e parou rapidamente,
 Como de mil angustias suffocado!
 D'um extasi, abatido de repente,
 Parece em mil ideas afundado!
 Foi por que o Despotismo, horrivelmente,
 Que tinha junto d'elle se-postado,
 Sua queda prevendo, em seu despeito,
 A voz lhe-supitou dentro do peito!

CXXXVIII.

Horriavel tentação!.. O esp'rito infenso
 Ante sua alma a desdobrar começa
 Grandioso quadro de poder immenso,
 E desta sorte agita-lhe a cabeça!
 No meio desse quadro rico, extenso,
 Estava, como implicita a promessa
 De uma absoluta Magestade ufana
 Da triplice corôa lusitana!

CXXXIX.

Vê grande parte d'Asia ante elle curva!
 Vê contemplal-o a Europa com espanto!
 Vê prostada a seus pés a Lybia turva!
 E lhe-invejar o mundo em tudo, e tanto!
 America a seus pés tambem se-acurva!
 E elle dos Monarchas é o encanto!
 Seus exercitos cobrem mil logares!
 Suas frotas do globo os vastos mares!

CXL.

Tremolam pelo mundo respeitadas
 Asfortunosas Quinas sempre ovantes,
 Suas armas no orbe bem olhadas
 Impõem respeito a todos triumphantes ;
 Em immensas nações mui dilatadas
 Vão suas leis de pontos tão distantes!
 E elle impera em Magestade inteira
 N'uma grande nação de ordem primeira!

CXLI.

Artes, Commercio, Industrias, e Sciencias,
Absoluta, suprema realeza,
Da Politica ufanas influencias,
Arrojados tropheos, grande riqueza,
Quantas no mundo allivas pre'minencias
Provêm d'Arte, provêm da Natureza,
Tudo brilha em acervo pro'minente
Para tornar seu reino o mais potente!

CXLII.

Hora de tentação! Do lado opposto
Um throno que começa, e vacillante,
D'heterogeneas maças mal compôsto,
Entre torvas facções inda nutante!
Das novissimas leis agro desgosto;
Um povo incerto, um povo fluctuante!
Negros estragos d'intestina guerra,
Que desola inda a mais propicia terra!

CXLIII.

Um, bem que vasto, mas inculto, Estado,
Ao qual não déra a Arte formosura,
Em todo o int'rior despovoado,
E coberto de asperrima espessura!
Por terriveis gentios occupado,
Aos quaes domar devia a guerra dura!
Sem exercito, armada, armas, e gente,
P'ra conter das facções o ardor vehemente!

CXLIV.

Voz teterrima o-aturde reboando,
 E o seu atrôa assim som cavernoso:
 — Si ficas, vê que estado miserando!
 — Si vás, olha que estado grandioso!—
 Entre elles pois o Heroe inda notando,
 Contemplava estes quadros, duvidoso!
 Vacillava entre a misera incerteza
 Sua alma, e entre tão real grandeza!

CXLV.

Em quanto assim o indigno Despotismo
 Lhe-aguçando ambição mais o-apertava;
 Para baldar o audaz plano do Abysmo
 O Anjo do Brasil o Heroe buscava:
 Cercado de solemne brilhantismo
 O anjo da Memoria o-acompanhava,
 E neste arduo momento de incerteza
 Ostenta de seus dons toda a grandeza.

CXLVI.

Resplende ante sua alma a Eternidade!
 Alli o Anjo imparcial da Historia
 Votando ao Nome seu perpetuidade,
 O-grava nos Padrões d'alta Memoria!
 E Elle entre os Heroes da Liberdade
 Brilha com eterna auréola de Gloria!
 Seu Nome n'universo decantado,
 Como o de Heroe prestante é acclamado!

CXLVII.

Seu Nome, sua Gloria, seus Louvores
 Voam de bocca em bocca, repetidos;
 E na Lyra immortal d'almos Cantores
 Até a Eternidade vão subidos!
 Os passados Heroes, grãos lidadores,
 Applaudem seus encomios merecidos;
 E d'ouro em campo azul vê engastado:
 — Ao Grão Libertador de um grande Estado! —

CXLVIII.

Embevecido então neste momento
 Perante esta grandeza tão notoria,
 Cheio d'entusiasmo, e de ardimento
 Crê que lhe-brada o Anjo da Memoria:
 — Si partes, ao teu nome esquecimento!
 — Si ficas, ao teu nome a Honra, a Gloria!—
 « A' Honra, á Gloria! » (Exclama em nobre ira!)
 E o tópe lusitano ao chão atira!

CXLIX.

Dizendo, dos amigos ladeado,
 Adextra sobre a cruz da espada punha:
 « Que vae ser grande Imperio inaugurado
 « Eu juro, e tomo o Ceo por testemunha! »
 N'um generoso impeto arroubado,
 Da bainha arrancando a espada, a-empunha...
 « Eis o que decidir vae da victoria!
 Brasil, aqui se libra a tua gloria!

CL.

« Nada mais de união! d' hora em diante
 Portugal para nós seja estrangeiro!
 Viverá para si nobre e possante
 O venturoso reino Brasileiro!
 Juremos pois, amigos, neste instante,
 Com animo fiel, nobre, e guerreiro,
 Seguir da cara Patria a livre sorte,
 Bradando sempre — Independência, ou Morte! — »

CLI.

As espadas então todos despiram
 Em tanta patriotica influencia!
 E as scintillantes laminas uniram
 A' Espada do Ypirangal com vehemencia
 O Juramento augusto préferiram
 De morrer pela patria Independencia!
 E bradaram após, n'um grito forte:
 — Viva o Brasil!.. Independência, ou Morte! —

CLII.

Cada um fez prender no esquerdo braço,
 Á pressa feito, mas de forma bella,
 O laço nacional, sagrado laço:
 Era de verde côr a larga ourela,
 A qual fechando circular espaço.
 Nelle encerrava a côr so amarella.
 Ang'lo d'ouro por baixo; e desta sorte
 Nelle se-lia — Independencia, ou Morte! —

CLIII.

Todo Inferno tremou desanimado
Ao ver que um grande Braço soberano
Lhe-transornava o ha tanto concertado,
Entre prescintos, sanguinoso plano!
Gemeu o Despotismo atordoado,
Deste golpe sentiado o immenso damno;
Perderam quasi então toda a energia
Impia Discordia, e turbida Anarchia!

CLIV.

Que enganadas andaes, nações do mundo,
Traçando tão de aktivas vossos fados!
De Deos um olhar abrange o orbe rotundo,
E transtorna esses planos combinados!
Em seu eterno, seu Saber profundo
Estão vossos destinos assentados!
Disponde: que depois, na dura liide,
O Saber do Senhor tudo decide!

CLV.

Em celeste alegria, de enlevado,
Contemplava dest'obra a immensidade,
Do Anjo do Brasil contente ao lado
O Anjo da divina Liberdade!
Em suave prazer, prazer sagrado
Exultava uma, e outra potestadel
Os verdadeiros, divinaes haveres
Geram no coração santos prazeres!

CLVI.

Quantos ao grande Pedro acompanhavam,
 Testemunhas das glórias deste dia,
 Por seu Libertador Pedro saudavam
 Entre os vivas de candida alegria!
 Uns com outros jucundos se-abraçavam,
 Era tudo effusão, tudo harmonia!
 Neste affecto, que a todos abalava,
 Risos e prantos o prazer brotava!

CLVII.

Adejando veloz o Anjo da Fama
 Vae por tudo os seus vôos estendendo!
 Longe a grata noticia já rebrama,
 E vem do Heroe a marcha precedendo!
 Já nova tão feliz a tudo inflamma;
 Vão com ella os prazeres renascendo ;
 Por toda a parte se-ouve em harmonia
 Patrioticos vivas d'alegria!...

CLVIII.

A viagem prosegue afortunada,
 De acabal-a feliz Pedro mui certo.
 A gente que corria sobre a estrada
 Transformava em cidade este deserto;
 Pois vinha de seus lares ansiada
 Para o Libertador saudar de perto!
 E por onde passava, desta sorte,
 Se-ouvia o grito— Independencia, ou Morte! —

CLIX.

Entre glorias alegre caminhava
O immortal do Brasil Heroe primeiro;
Pois saudoso de vel-a demandava
A saudosa cidade do Janeiro!
Quantas duras fadigas encontrava.
Vencia sempre d'animo fagueiro!
Assim pois todo o dia viajára.
Sem que inda um só instante descansára.

CLX.

Vem a noute : tão bella e tão donosa
Jamais trouxe outra noute a Natureza!
Parecia que nunca tão pomposa
Ostentaram os ceos tanta belleza!
As azas doce aragem voluptuosa
Movia com suave subtileza;
As arvores mal seus galhos balouçavam,
E as molles folhas molles oscilavam:

CLXI.

Em um lento balanço feiticeiro
Dormitavam no prado as lindas flores;
E ao toque d'orvalho lisonjeiro
Derramavam no ar gratos odores!
Ao murmúrio do zephyro fagueiro
Ajuntava o regato os seus rumores:
O ar 'stava sereno, e transparente,
O ceo puro, suave, e refulgente.

CLXII.

Mui tarde os viandantes pernoutaram
 Em não idonea, mas feliz pouçada,
 E todos o descanso procuraram
 Nesta do campo placida morada;
 Alli ao grato somno se-entregaram
 Cançados de viagem tão cançada:
 Só Pedro então ficou, só, meditando,
 O descanso do somno não buscando.

CLXIII.

Gozando do favonio a suavidade
 Aquella alma tão cheia de grandeza,
 Contemplava do mundo a immensidade,
 E esta tão risonha Natureza!
 Ante essa milagrosa Magestade,
 Ante essa sem-egual, sabia belleza,
 Sua alma, entre prazeres encantada,
 Estava no Senhor toda enlevada!

CLXIV.

Elle suavemente adormecia,
 Mas no emtanto se-cria despertado !
 Acordado, e dormindo parecia,
 E' de somno, e vigilia um doce estado!
 Sonha acordado, pois dormindo ouvia,
 E dormindo não está, nem acordado!
 Não tem vigilia, e somno delle a posse,
 E' um brando languor, extasis doce!

CLXV.

Em tão feliz lethargo socegado
Deixemos nosso Heroe, ó Genio amigo:
Sim, repouse um momento descansado
De tanto trabalhar em tanto p'riço!
Neste celeste, venturoso estado
Fique sua alma do descanso ao abrigo,
Pois é bem que descance inda um instante
Quem tanto tem lidado, e tão constante!

CLXVI.

Respeitemos o arroubo seu ditoso
Onde elle a tantos gozos vae subido!
Só pois póde gozar Varão famoso
Deste estado feliz, e appetecido!
Descança, illustre Heroe, em tanto gozo,
De tão grandes angustias combatido!
Agora, ó Genio, o-descançar deixemos,
Que nós breve tambem descansaremos!

CANTO DECIMO SEGUNDO

CANTO XII.

ARGUMENTO

Visão de D. Pedro. E' arrebatado aos ares pelo Anjo do Brasil: o Anjo lhe-mostra a superficie do Brasil, e depois alguns corpos celestes. Vão ambos a estancia do Anjo dos Destinos. O Anjo dos Destinos prediz alguns futuros ao Heroe. D. Pedro desperta de seu extasis. Vem o dia. Saudação á primeira aurora, que esclarece a Liberdade do Brasil. Chega D. Pedro ao Rio de Janeiro. O grito de Independencia ou Morte no Theatro. Saudação ao Anjo da Liberdade. Hymno da Independencia. Desesperos dos demonios. O Anjo da Liberdade e o Anjo do Brasil os-aterram, e precipitam no Abysmo. Saudação aos que trabalharam pela Independencia do Brasil, ao Heroe, ao Povo Brasileiro, ao Senhor D. Pedro II, actual Imperador do Brasil, a S. M. a Imperatriz e Princezas. Despedida da Musa. Acção de Graças.

CANTO XII.

I.

ARTO temos, ó Genio, navegado.
Balde, em tanto mar, de um so amparo!
Pávidos hemos sós pois velejado,
Perdidos quasi em pégo tanto avaro!
La bruxolêa o parto cubiçado;
Leva-me ao surgidouro manso, e claro;
Dá-me descanso da fadiga intensa,
Após viagem no trabalho immensa.

II.

Não corro porfiado ao surgidouro
P'ra repousar em leitos preguiçosos,
Para fruir contente, á peso d'ouro,
Blandicias de prazeres deleitosos;
Melhor vale um suado, honroso louro,
Premio de meus trabalhos numerosos;
Mas essa arv're p'ra erguer-se altiva, e forte,
So péga, e cresce sobre o chão da morte!

III.

Mas ah! que feito este improbo trabalho
(Oh! saibam do futuro os Escriptores)
Foi sob um ceo de bronze sem orvalho,
Sobre arneiro sem fructos, e sem flores!
Em novo Sennaar, sem agazalho,
Sem lympha, refrigerio aos meus ardores,
No fundo de um deserto inconvertavel
Meu Estro pereceu desamoravel !

IV.

Nesse ermo eternos fiquem, si é possivel,
O meu nome, e meus feitos ignorados...
Cresça, cegue-se o louro immarcescivel
P'ra os genios pelos ceos favoneados,
Que da do zoilo bocca defectivel
Ficam assim meus feitos libertados!
Ja melhor deu-me Deos: sobrá-me a vida,
Que deixo nos meus filhos transmittida.

V.

Nada sou: nada quero, e nada tenho ;
Não me-punjem remorsos do passado,
Não me-liga ao presente um só empenho,
E nem pelo porvir vivo assustado ;
A pedir-vos, meu Deos, bem pouco venho :
So um resto de vida descãçado,
No campo, onde o prazer sorri jucundo,
Longe os convicios do ignaro mundo.†

VI.

Certo que eu o-tereí, Contrario Fado,
Não nullificarás quanto appetço.
Dormir ha-de o meu corpo socegado
No leito á que, ó Virtude, dás apreço !
Ora não de illusões vivo engolfado,
Pois meus destinos por demais conheço ;
Hci-de um somno dormir d'eterna dura
Sob a campa de humilde sepultura !

VII.

Mas esse somno já sem fim, sem norte
Não será, nem de leve, perturbado,
Que do feroz tyranno ao brado forte
Não se-acorda o cadaver espantado !
Antes, antes teu somno, ó dura Morto,
Antes o leito teu ferreo, e gelado,
Qu'o hospital de Camões tão miseravel !
Ou qu'o carcere de Tasso deploravel !. ..

VIII.

Mas não, Musa do ceo, não desanimes,
Que não serão teus cantos repellidos:
Quando estes feitos não julgarem crimes
Cidadãos ao passado agradecidos,
E forem deste feito heroes sublimes,
No porvir, d'invejosos protegidos;
Serão por Brasileiros illustrados
Meus Hymnos patrioticos cantados !

IX.

Em honra deste seculo milagroso
Saiba a gente porvir que não escrevo;
Comprometter meu estro assás medroso
Em favor do presente não me-atrevo:
Sus, despreze meus cantos orgulhoso,
Vingue-se assim do apreço, que lhe-devò,
Por que é nem-um. Em Deos pois confiado
Para o futuro so canto o passado !

X.

Candido, verdadeiro, franco, e liso,
Entrego hoje os meus cantos ao futuro;
Ah ! mais que o do presente o seu juizo
Imparcial será, será mais puro:
Lá susceptiveis peitos não deviso,
Por isso appello para la seguro.
Em mim d'encomios vãos não ha cubiça,
Eu so quero, ó Porvir, de vós justiça.

XI.

Mas tu, Anjo celeste da Poesia,
Da Gloria doador estripotente,
Dá-me inda o teu favor, dá-me energia,
Para acabar meu canto felizmente !
Quem a tanto sem forças se-atrevia
Vae nos auspicios teus firme de ardente !
Eia, que inda nos-resta um campo largo,
Sigamos nosso Heroe no seu lethargo.

XII.

Neste arroubo feliz viu de repente
Que toda a natureza se-mudava !
Raio d'etherea luz resplandescete
Na amplidão d'universo tremulava !
Cobriu-se o ceo de um brilho resplendente,
Em mar de luz soberba a terra arfava ;
Suprema a etherea plaga esclarecia
Luz tão fulgente, como a luz do dia !

XIII.

Pára sobre elle então no mesmo instante
Uma sombra: elle a-encara: sobranceira
Depara co'uma nuvem, que brilhante,
Sobre elle la dos ceos desce fronteira:
Dos ceos á terra brilha fulgurante
Nos ares a diafana lumieira ;
Refrange a luz a cor verde e amarella
Da nuvem, que a seu lado poisou bella !

XIV.

Regia o vôo á nuvem refulgente
Bello, na candidez, mancebo louro;
Alva a tez. do que a luz mais reluzente,
Olhos da cor dos ceos, cabellos d'ouro !
Tem riso angelical, e a vista urente,
A bocca de rubins era um thesouro !
Azas d'ouro, e esmeraldas longo-estende,
Nivea clamylde ao corpo esvelto prende !

XV.

Em frente a Pedro com divino porte
 Pára altivo, e o-contempla face, a face.

PEDRO.

« Quem es tu? »

O ANJO.

— Sou quem vela sobre

Deste povo feliz, que ora renasce:
 Com elle firme, indesatavel, forte
 O Eterno me-uniu n'um doce enlace ;
 Vélo pois deste Povo sobre o fado,
 E Anjo do Brasil eu sou chamado.

XVI.

— Eia sobe esta nuvem; vem comigo,
 Que esta dita suprema hoje alcançaste ;
 Vem, Heroe, que mostrar-te quero amigo
 Este paiz, que livre proclamaste !
 Nesta nuvem depois irei contigo
 La onde nem scismando penetraste;
 Logar so franco a espiritos divinos,
 O alcáçar d'um anjo, o dos Destinos.—

XVII.

Dice: e Pedro a-grimpou veloz de ardente,
 Em a força celeste se-amparando ;
 A nuvem se-remonta de repente
 Té um ponto, onde após ficou pairando.
 Sobre os olhos de Pedro docemente
 O anjo os brandos dedos perpassando,
 A visão lhe-prolonga, e repentino
 Vê o Heroe, qual si fosse ente divino !

XVIII.

Arfando sobre o solo Brasileiro
Peneirava-se a nuvem pelos ares;
E o Heroe neste arroubo prazenteiro
Simultaneo attendia a mil logares.

ANJO.

— Aqui tens do Brasil o Imperio inteiro!
Seus bosques, serras, prados, rios, mares:
Ahi tens! Contempla agora a immensidade
Desta terra a qual déste a Liberdade!

XIX.

— Ahi tens o Grão-Pará! Quanta riqueza
Esconde em seus desertos numerosos!
Amante dessa gleba a Natureza,
Doou-lhe quantos dons tinha pomposos!
Contempla do Amasonas que grandeza,
Rei de tantos vassallos orgulhosos!
Vê, como audaz dos rios o gigante
O seio rompe ao desmedido Atlante!

XX.

— Ahi tens o Maranhão tambem famoso
Na Historia, e pelos dons d'alma Natura;
Seu solo tão uberrimo, espaçoso
Ostenta de um triangulo a figura:
Esse propicio chão gera abundoso
O quanto a humana industria mais procura;
Olha o ponto, que altivo em seu renome,
Inda de São-Luiz conserva o nome!

XXI.

— Depois a fronte o Piahy levanta,
Terreno creador de tantos gados;
Tambem sobr'o oceano se-adianta,
Onde vae entestar um dos tres lados.
La vê a Hippiapuba, que agiganta
Aos ceos os picos seus de alcantilados !
Que pascigos alegam sua face,
E onde o gado pingue relva pasce !

XXII.

— Vê como aqui o Ceará dilata
Um chão, que em producções tantas varia !
Alli se-gera o alumen, ferro, prata,
Crescem as arvors da tinturaria.
Em seus frondentes bosques se-recata
Alimaria, que tanta alli se-cria.
De Jag'raripe a sarra derivando
Outras muitas, que nomes vão tomando !

XXIII.

— Rio-Grande do norte aqui se-assenta,
Ondeada de montes, e collinas;
Que variegados pass'ros alimenta !
Seu solo esconde que abundosas minas !
A Natureza o cabedal lhe-augmenta,
Pois que a-dotou de próvidas salinas !
D'aqui a serra de Apody a-extrema,
E d'alli a soberba Borborema !

XXIV.

— A Parahyba aqui nestes logares
 E' das chuvas dos céos menos regada;
 Mas apezar das sêccas singulares,
 Pelo seu algodão será cantada !
 Seus vastos areaes, bem que a milhares,
 Não tolhem a cultura bem regrada ;
 Vê que tão altas serras a-rodeam,
 Que as nuvens dividindo aos céos se-alteam !

XXV.

— Eis Pernambuco, o solo memorando !
 Eis onde Camarão, e Henrique Dias
 Tanto nome ganharam pelejando,
 Dos bátavos punindo as correrias !
 D'America a Veneza se-espelhando
 Vê nas ondas, soberba em louçanias !
 Aqui tens, des da sua antiguidade,
 A patria do valor, da Heroicidade !

XXVI.

— Alagoas começa onde esta acaba,
 Que pelo São-Francisco toda ufana
 Ergue a fronte do Atlantico sobr'a ába,
 Onde cultiva a saccarina canna:
 La tens a capital. Olha a Mangueba,
 Que em proficuos plantios la se-explana:
 De Magdalena a villa aqui se-erguera,
 Que entre as chammas dos bátavos ardêra !

XXVII.

— Eis Sergipe qu'a Oéste os campos ara
Contra uma Natureza de tal sorte,
Que lhe-sendo dos céos a chuva rara,
Causa a sêcca aos quadrupedes a morte !
Mas contra Natureza tão avara
Supera o do cultor animo forte,
Que resultado dá pois tão brilhante
De um assiduo trabalho a lei constante !

XXVIII.

— Ahi tens o logar onde (na Bahia)
Curvon-se o íncola á Hostia consagrada;
Vê sua capital com que ufania
Se-ostenta sobre montes sublimada !
Olha o monte Paschoal, que ao longe via
Cabral, primeira terra delle achada
Aqui: o porto, que primeiro entrára !
Onde o da Redempção signal cravara !

XXIX.

— Eis a provincia aqui do Espirito-Santo
Cel'bre, como as que são mais celebradas.
Como são bellas, como valem tanto
As esmeraldas suas tão gabadas !
Suas frondosas matas valem quanto
As das outras provincias mais louvadas.
O rio Esp'rito-Santo nella córre,
Dá-lhe seu nome, e n'oceano morre,

XXX.

— Aqui tens sobre o centro a illustre Minas !
 Vê que povoação, culto, e grandeza !
 Tambem cultiva as plantas saccarinas;
 Sua argila contem quanta riqueza !
 D'ouro, prata, diamantes, pedras finas,
 Argamaçou seu solo a Natureza !
 Irrito, mas sublime, n'outra idade
 Soltou aqui um brado a Liberdade !

XXXI.

— De Goyaz a provincia aqui se-encerra,
 Tão rica de metaes, e de diamantes !
 Inda immune em seu solo immenso erra
 O inc'la desses serros abundantes;
 Pois cobrem inda a face dessa terra
 Os duros acroás, cai pós, chavantes !
 Olha aquelles dous rios se-escoando,
 Que vão após o Tocantins formando.

XXXII.

— Aqui do Mato-Grosso está assentada
 A mais central provincia deste Estado:
 Bem que mais vasta, é menos povoada;
 Seu solo é de riquezas abastado:
 Inda a terra é bem pouco cultivada,
 Com quanto goze um clima abençoado ;
 Pois si amplos rios rasgam-lhe as entranhas,
 Rompem as nuvens asperas montanhas !

XXXIII.

— Vê no extremo do sul, la se-dilata
Montevideo, provincia tão formosa !
Vê, como sobre a foz do immenso Prata
Se-espelha de jucunda, e donairoza ;
Vê como occupa posição tão grata,
Tão idónea ao commercio, e vantajosa ;
Si não vîras correndo em vasto plano,
Créras o Prata um braço do oceano !

XXXIV.

— E' agora a que vês junto d'aquelle
Do Rio-Grande a amena e florescente ;
Bravos, fortes, invictos, vivem nella
Parthas, sem medo da romana gente !
Olha, como em seus campos é tão bella ,
Como tudo pruduz de um modo ingente !
Como os campos opîmos, abastados
Cobrem manadas de prestantes gados !

XXXV.

— A' esta outra provincia aqui se-liga
Muito fertil, porem pouco espaçosa ;
Nella vegeta quanto Europa antiga
Cultiva no seu seio proveitosa ;
Pois que todos os grãos, e o linho abriga
Em seu culto terreno cuidadosa :
Do Atlantico mais que outra esta banhada,
De Santa-Catharina é a chamada.

XXXVI.

— Rica em clima, e terrenos preciosos,
Eis Sao-Paulo, eis a nobre Paulicéa,
Cujos filhos té hoje tão briosos
Teem dado de valor subida idéa !
O sol vertendo raios calorosos
Toca sobr'ella as pontas de Amalthéa;
Esse solo será sempre afamado
Pelos filhos, que tem á Patria dado !

XXXVII.

— Aqui tens a provincia a mais polida;
A mais commercial, mais habitada;
Em fastos e riquezas mais subida,
De grandezas, de pompas mais ornada!
Do Janeiro a cidade esclarecida,
Por tão vasta bahia assoberbada,
A torreada fronte soberana
Nessas aguas com garbo espelha ufana !

XXXVIII.

— Esta, entre glorias, em ligeiros annos
Será objecto d'inclytos louvores ;
Será mãe dos Brasileos Soberanos,
Qual hoje é de Poetas e Oradores !
Um dia apontará nomes ufanos
Na lista de seus Genios sup'riores !
E pelo seu commercio, sempre inteira,
D'America do sul será primeira !

XXXIX.

— Vê que vasta bahia, alegre, e mansa,
A' qual outr' hora appellidaram rio !
Olha a serra dos Orgãos, que se-lança
A's nuvens, como em fero desafio !
Olha alem pelo mar, como se-avança
Do Janeiro não longe o Cabo-Frio;
Primeira terra deste ponto achada,
Que de tanta distancia é avistada.

XL.

— Ahi n'esse logar contempla annosa
Uma pequena, e mui pobre cidade;
Tambem a velha Hollanda cubiçosa
Calcou seu solo com feroz maldade!
Lá tens n'adolescencia melindrosa,
Tendo agora dous lustros só de idade,
Aquelle, que ha-de um dia em brando metro
De egregios louros adornar teu Sceptro!

XLI.

— Agora, pois, que has visto esta espaçosa
Superficie da terra abençoada,
A' ti (terra tão vasta, e tão ditosa)
E aos teus descendentes destinada;
P'ra alem da atmosphera luminosa
Te-levo nesta nuvem sublimada:
Poisemos, pois, desta honra tu és di'no,
Sobre o globo do anjo do Destino—

XLII.

Fallára o anjo amigo desta sorte ;
 Mas apenas tal dice, se-calando,
 N'um arranco veloz, impeto forte
 Foi aos ares a nuvem se-elevando!
 Entre os astros após do sul ao norte
 Do levante ao poente divagando,
 Diversos astros, pelos quaes passava,
 Junto de Pedro o anjo lhe-explicava.

XLIII.

ANJO.

— Vê, rotam, se-trasladam nestes ares
 Globos, que demandando-os mais se-augmentam;
 Quam opácos os-vês nestes logares,
 Que fulgores á terra não apresentam!
 Aqui seres diversos teem seus lares,
 São globos os que estrellas representam,
 Sem luz, nesta amplidão equilibrados,
 Como o globo em que vives, habitados.

XLIV.

— Vê o que deixas ao sinistro lado,
 Opaco, e como os outros tão sombrio:
 E' elle o que por vós sol é chamado;
 Vê, um corpo sem luz, um corpo friol
 Os fogos com que a terra o-vê cercado.
 Que em turbilhões despede, como um rio,
 Procedem da atmospherá luminosa
 De que é foco, e obtem luz radiosa!

XLV.

— Do Eterno a primogenita dile'ta
Luz, no primeiro dia foi creada;
E do universo a cupola completa
Em o segundo dia foi fechada;
Mas inda assim só d'astros se-marcheta
No quarto dia a abobada asulada;
Pois no primeiro dia esta obra sua
Teve luz, mas não teve sol, nem lua!

XLVI.

— Olha esses, que parecem mais reunidos,
Como em comprida legião formados,
La da terra parecem tão unidos,
E vê, como aqui estão tão separados!
Os clarões de seus corpos despedidos
Subindo uns pelos outros augmentados;
Longa mancha tão alva alli derramam,
A' qual a Láctea via os homens chamam.

XLVII.

— Olha aquelles dous globos mais chegados
P'ra o signo, que chamaes de Sagittario;
Aqui estão outros tres mais inclinados
P'ra o signo, que chamaes signo de Aquario:
Os dous por vós na frente collocados
São, e na cauda os tres, de um modo vario,
Do Capricornio; e, si tão perto os-vemos,
E' porque nelle agora discorremos.

XLVIII,

—Este globo para onde nos lançamos,
 Que te-parece mais abrilhantado,
 E' elle o mesmo globo, que buscamos,
 E onde eterno vela o anjo do fado.
 Com permissão divina nelle entramos:
 Por Deos tal privilegio nos-foi dado;
 Este globo é do que esses mais brilhante,
 E, tendo propria luz, brilha incessante.

XLIX.

—Estes globos, que vês tão radiosos,
 E que estão dos mortaes mais apartados,
 São os sublimes lares luminosos
 Dos anjos, que ao universo foram dados:
 Estes luzindo sempre fulgurosos
 Dardejam seus clarões não emprestados;
 Por tão longe da terra aqui se-encobrem,
 Que nem os instrumentos os-descobrem!—

L.

Vagando nestes ares crystallinos
 Ambos foram poisar, por fim, seguros,
 Nesse globo, onde o anjo dos destinos
 Sabe (que Deos lh'-os-dice) alguns futuros.
 Chegados, o celicola os sons divinos,
 Doces verteu assim dos labios puros:

ANJO DOS DESTINOS.

» Vem, Heroe! Salve Deos o virtuoso,
 Que póde nesta Estancia entrar ditoso!

LI.

« Consummou-se o Querer da Divindade,
Que tinha a tua sorte assim marcado;
Pois p'ra Heroé da Brasilea liberdade
Tu foste ha longo tempo destinado!
Sou o Ministro da Eternal Bondade,
Que vós outros chamaes destino, ou fado!
Unge-me Deos com sua Intelligencia,
E não sou mais que sua Providencia!

LII.

« Esta Obra de teu animo sob'rano
Poz-lhe a Gloria o remate: está perfeita!
Nem haverá no mundo esforço humano,
Que a graça anulle, que por Deos foi feita!
Baldo se-agita o despotismo insano
Si premedita, e anhela a-ver desfeita;
Nunca! do Novo-Mundo a gente brava
Jamais arrastrará grilhões d'escrava!

LIII.

« Nem has-de deste feito arrepender-te
Ante hedionda ingratição insana!
Grato em breve este povo ha-de off'recer-te
A Imperial Corôa soberana!
Elle á lista dos reis terá d'erguer-te,
Como a sua nação ergueste ufana!
Em torno a ti a gratidão resoa,
Liberdade dás tu, dá-te elle a C'roa!

LIV.

« Quando o Sol da Balança se-volvendo
Para o Escorpião formar teu Dia;
Verás tão grato povo te-offrecendo
A Coroa da nova Monarchia!
Ao Solio Imperial então te-erguendo,
Não te-esqueças, em tal Soberania,
Que um Pacto entre a nação, e o rei emblema
Da realza o egregio Diadema.

LV.

« Então o anjo da immortal Verdade
Sobre o Janeiro la dos céos baixando,
Nos labios poisará, com magestade,
De Clemente Pereira; e ahi troando
Mostrará com subida gravidade
As causas deste dia memorando:
Causas, que deram nascimento ao facto
De romper o Brasil com Lisia o Pacto.

LVI.

« Em nome pois da gente do Janeiro
Subdito tão fiel, varão tão forte,
Com animo subido, nobre, inteiro
Te-fallará sincero, e desta sorte:
—Como orgão deste povo Brasileiro, *
Neste dia de vívido transporte,
Venho depor aos pés do vosso Throno
Dos sentimentos seus um fido abono!

LVII.

—Depois de vos-saudar neste aureo Dia
Por do Brasil Imperador Primeiro,
O respeitoso Povo, que me-envia,
Jamais adulator, nem lisonjeiro,
Do rompimento seu, com energia
Quer que exponha o motivo verdadeiro,
E os deveres, os quaes, des deste instante,
Devem ligar o Povo e o Imperante.

LVIII.

—Nascem Imperios, crescem, vivem, morrem !
Outr'ora a Historia os-applaudiu de ufanos!
Nascem, de seus direitos se-soccorrem
Imperios sob os sóes americanos !
Foram porções d'Imperios, que hoje correm
A seu fim, que se-ergueram soberanos :
Europa, e Asia, e Africa o-sentiram.
Os-viram pois nascer, morrer os-viram !

LIX.

—Desta inconcussa, e rigida verdade
Mostra a todas as luzes a evidencia,
Que se-elevou por isso n'outra idade
Este Estado de reino á preeminencia;
E que depende d'elle da vontade
Decretar sua inteira Independencia :
Mas será isto do capricho o effeito,
Ou terá p'ra o fazer sacro direito ?

LX.

—Eis pois uma questão mais que importante,
 Que esta declaração, Senhor, offrece.
 O Brasil bem-dicéra neste instante:
 « Sou livre, e desligar-me é meu int'resse »
 E na força firmára-se arrogante
 Esta respoíta, que de ousado dêsse;
 Mas desdenha principios duvidosos,
 Pois lh'-os-sobram sagrados, luminosos !

LXI.

—Volvidos já tres sec'los, e outo annos,
 Em que o Brasil á Portugal servia;
 Inda mais de dous lustros em seus damnos,
 Foi victima do escandalo e aleivosia!
 Da Liberdade o Lab'ro os lusitanos
 Erguem no Douro, e o Tejo o-recebia ;
 E o seu liberal grito altaneiro
 Ribombou pelo solo Brasileiro!

LXII.

—Bem podéra o Brasil de escarmentado
 D'antiga tyrannia, e d'avareza,
 Já então erigido em regio Estado,
 A cadêa romper; mas com nobreza
 Em perfidas promessas confiado,
 De cego se-entregar tem a franqueza
 A Portugal ! Oh ! animo grandioso
 De um verdadeiro irmão tão generoso !

LXIII.

—Fosse por arte, ou fosse lealdade
 Por circumstancias ao depois mudada;
 Pelo Congresso foi com hab'ldade
 A nossa boa fé toda ganhada:
 A palavra justiça, e egualdade
 Era sobre o Brasil sempre empregada:
 E tractar do Brasil nem consentiram
 Em quanto os Deputados seus não viram!

LXIV.

— Um imperio nos peitos Brasileiros
 Deu ás Cortes um tal procedimento.
 Alto fallae; dizei, ó estrangeiros,
 Que ereis connosco em tão feliz momento!
 Ouvistes em transportes prazenteiros
 Chamal-os em um tal contentamento:
 Paes da Patria, da Patria illustres guias,
 Semi-deuses, Heroes de nossos dias!

LXV.

—Dizei que em seus decretos adorámos
 Altos feitos dos ceos só emanados,
 E que com santo ardor lhes-inviámos
 Os nobres, Brasileiros Deputados!
 Dizei a devoção com que jurámos
 As Bases! Como firmes, denodados
 As-defendemos com virtudes tantas,
 Por serem justas, luminosas, santas!

LXVI.

—Porque o Brasil á Portugal ligado
Desfaz o laço, que apertára ha um anno!
Eis: sahiu do caminho começado
O Congresso, e de cego, audaz, insano,
Quiz o Brasil de novo avassallado
Ao vil, colonial, jugo tyranno!
Logo Lisia o-rompeu: contra o ultraje,
Livre acclamando-se, o Brasil reaje!

LXVII.

—Em tudo Portugal sua egualdade,
Reino, o Brasil julgou reconhecesse;
Porque de reino unido a qualidade
Não fez que esse attributo percesse.
Té o Congresso fez, com equidade,
N'uma proclamação sua se-lesse
O principio, que novo ninguem pense:
Que um povo á outro povo não pertence!

LXVIII.

—O quanto se-passára, na memoria,
Nas Americas todas existia:
Graves, sabias lições brotava a Historia!
O Brasil vigoroso inda crescia:
O velho Portugal d'antiga gloria,
Exhausto de seus meios, decahia;
Facil era ao Brasil na mocidade
Suster o velho irmão na velha idade!

LXIX.

— De amor da liberdade assás já dado
Tinha todo o Brasil provas vehementes;
Havia toda a America quebrado
Do dominio europeu ferreas correntes:
Os filhos deste solo denodado
Não são que os Braslieiros mais valentes:
Nem Portugal mais poderosa terra
Que a velha Hespanha, a férvida Inglaterra!

LXX.

— Firme nestes principios, e no estado
Risonho de tão grata florescencia;
Bem podéra o Brasil ter abusado,
Nestes dias da lusa decadencia;
Podéra em seu favor ter invocado
Seus meios, e subir á pre'minencia,
Com juz querendo, neste pacto novo,
A séde do governo entre seu povo.

LXXI.

— Certo porem não quiz mais que a **egualdade**:
Que o novo Pacto social lhe-desse
Um centro de poder, e de unidade,
O qual todo o recurso lhe-off'recesse;
Um Del'gado da régia Magestade,
Uma Cam'ra, que leis justas fizesse,
Poder judiciario independente,
Como o-pede a razão, e o juz consente.

LXXII.

— Mas desgraça! O Brasil viu n'um momento
Baquear o artefacto da esperança!
Falta a tudo o Congresso turbulento,
E para nossa ruina os passos lança!
Contra, calcando o sacro juramento,
A nossa Liberdade se-abalança!
Muda, pois que de erro em erro voa,
Da Monarchia a séde p'ra Lisboa!

LXXIII.

— Viu o Brasil que inflado de cubiça
De um mando, que p'ra si premeditava;
Seus direitos, recursos, e justiça,
Trahçoeiro o Congresso lhe-negava!
De vinte e nove de Setembro a liça
Eis que o decreto abriu, que lhe-mandava
Provisorios governos, e deixada
A' Portugal so era a força armada!

LXXIV.

— Em sustos o Brasil pasmado, e mudo
Viu Portugal em seu livre alvedrio
So concentrando em si tudo, e por-tudo,
Interesses, direitos, poderio!
Viu ao depois com bem manhoso estudo
Rindo de nossas preces, nosso brio,
Chamar ao seio seu, por mais seguro,
A' vós, que do Brasil sois o futuro!

LXXV.

—Surdo a nosso clamor, não justiceiro
Desprezou nossas supplicas cem vezes!
Viu derramar o sangue Brasileiro
Os Regos, os Madeiras, e Avilezes!
Queixamos-nos : em resposta, prazenteiro,
A taes pretorianos portuguezes,
Por seus infandos, sanguinosos meritos
Os-declarou da Patria benemeritos!

LXXVI.

—Tambem o conseguir lhe-foi vedado
Bellicas munições dos estrangeiros ;
Viu, por terdes o titulo accetado,
—Perpetuo Defensor dos Brasileiros.—
Que não fostes, Senhor, tambem poupado,
Pois altivos, de espiritos guerreiros
Contra vós invectivas atroaram,
Até que guerra aberta declararam !

LXXVII.

—Viu... mas basta, Senhor, a paciencia
Findou. As armas!! Temos já soffrido
Assás, Eis proclamada a Independencia !
Todo o Brasil tal grito ha repetido !
Elle defenderá com vehemencia,
N'um grande pensamento sempre unido,
O seu Imperador, de animo forte,
Constituição,— Independencia, ou Morte ! —

LXXVIII.

—Eis, Senhor, o caminho, que ha trilhado
 Este Imperio, na sua Independencia:
 Razoavel, sisudo, acautelado,
 Seus passos modelou pela prudencia:
 Como livre nação, tem invocado
 Direitos de Justiça, e de decencia;
 E seus deveres, com saber profundo,
 Cumpriu comsigo, Portugal, e o mundo.

LXXIX.

—Quanto á si : porque o povo Brasileiro
 Ja declarou unanime a vontade
 De crear um Imperio unico, inteiro,
 Dando a seus Deputados faculdade
 De, n um Pacto assás claro e justiceiro,
 Firmar-lhe as leis, direitos, Liberdade :
 E que nação no mundo ja polido
 Se-tem com mais saber constituido?

LXXX.

—Em quanto á Portugal : si, pelo facto
 De se-regenerar, o pacto antigo
 Rompe um povo por outro, e neste acto
 Parte do povo o-crê máo p'ra comsigo;
 Póde esta parte não querer tal pacto,
 Que crê de seus direitos inimigo:
 Tal razão, tal justiça é pois tão clara,
 Que inda o mesmo Congresso a-proclamara.

LXXXI.

—Em quanto ao mundo inteiro : á magestade
Ja de reino o Brasil fôra subido :
Ha sete annos á esta dignidade
Por um decreto vira-se erijido;
E logo, nessa illustre qualidade
Fôra pelas nações reconhecido:
Negarem-lhe não podem; mas negado,
Deixa o Brasil de ser um livre Estado?

LXXXII.

—Longe em fim de offender a realza
Tem-a o Brasil salvado na Pessoa
De Vossa Magestade, cuja empreza
Ja na tuba da Fama ao mundo atroa !
Sobre a cabeça vossa, com firmeza
Vae pois fazer brilhar a regia C'roa,
Vos-acclamando, nesse throno regio,
Seu Constitucional Monarcha egregio!

LXXXIII.

—Tendes visto, Senhor, com que prudencia;
Com que razão, firmada na equidade,
Fez o Brasil a sua Independencia,
E firma sua nobre Liberdade!
Ouvi, cheio tambem de complacencia,
A sã linguagem da immortal Verdade;
Os deveres ouvi em que consistem,
Que entre Vós e o Brasil d'agora existem:

LXXXIV.

—Quer o Brasil a sua integridade,
 E sua Independencia defendida;
 Quer, subindo de Imperio á dignidade,
 Justa Constituição bem definida;
 Na Familia de Vossa Magestade
 Hereditaria a C'roa quer cinjida,
 E que conserve o titulo (e seus herdeiros)
 «—Perpetuo Defensor dos Brasileiros!—»

LXXXV.

—Quer que organise do governo a fórma
 Uma Constituinte, que pedida
 Foi, e com o qual pedido se-conforma
 Vosso saber; pois fôra concedida;
 E que seguindo do direito a norma,
 Mandastes convocar; e de seguida
 Convem que saiba a regia Magestade
 Qual é do povo a unanime vontade.

LXXXVI.

—Quer (pois taes são seus votos, seus ardores)
 O povo, que hoje ao solio Vos-levanta,
 Que lhe-deem seus fieis legisladores
 Uma Constituição mai justa, e santa;
 Quer nos art'igos seus fidos penhores
 De bens, pessoas; liberdade quanta,
 Sem que a anarchia, ou a licença tema.
 N'orbita gyre da Razão suprema.

LXXXVII.

—Inviolavel Vossa Magestade
Quer; não quer discutidos os seus feitos;
Porem á justa responsab'idade
Da Coroa os ministros quer subjeitos;
A todos, sem notar-lhe a qualidade,
Os empregados liguem taes preceitos;
E que fique o equilibrio sustentado
Entre os poderes tres do novo Estado.

LXXXVIII.

—Quer que o thesouro das Brasileas Graças
Dependa só da Imperial vontade;
Mas não francas demais, não muito escassas,
Honrem Saber, Serviços, Lealdade:
Incólume de medos, de ameaças
Quer tão excelsa a Vossa Magestade;
Que messa em seu poder o mundo inteiro
A grandeza do Imperio Brasileiro.

LXXXIX.

—Que, em fim, mantendo defendacs por tanto
Do Brasileiro Imperio a integridade,
A Independencia, que hoje e seu encanto,
Seus direitos, e sua Liberdade;
Por constitucional systema santo
Governeis com justiça e equidade;
Que deis, jurando, ao Pacto mór valia,
Da vossa c'roação no fausto Dia.

XC.

—Neste solemne, sem-egual momento
 Em reciprocidade a mais perfeita,
 A' Vós pois o Brasil, por juramento,
 Por constitucional Monarcha acceita,
 Aceitando a, dest'arte, em seguimento
 Dos Filhos Vossos successão direita;
 Seguindo a forma, que, melhor cabida,
 Pela Constituição for definida.

XCI.

—Conserve o titulo Vossa Magestade
 « Perpetuo Defensor dos Brasileiros— »
 Que glorioso sempre em toda a idade
 Passará aos augustos seus Herdeiros;
 Que o Brasil jura á Eterna Divindade
 Defender té os transe derradeiros,
 Sempre de animo invicto, audaz, robusto,
 Seu constitucional Monarcha augustó!

XCII.

—Feliz Imperador! Povo ditoso!
 Si Juramentos taes, tão bem cabidos
 Firmes, des deste instante venturoso,
 Nem por momentos forem illudidos,
 Ao mundo que nos-olha curioso,
 Que exemplos damos hoje esclarecidos;
 Nunca em bases de Pactos foram vistos
 Co'a practica principios mais bemquistos!

XCIII.

—Vós em quem o Brasil poz a esperança,
E o mundo inteiro a vista tem pregada,
Segui, Senhor, e sempre, e sem mudança
Da Constituição a eximia estrada:
So caminhando assim com segurança
Tereis esta nação tão dedicada;
So assim do Brasil a clara Historia
Vos-hade consagrar eterna Gloria.

XCIV.

—Um lapso de um governo, ou dito aereo,
Ou theorias um pouco duvidosas
Apartaram de Vós do vasto Imperio
Algumas das provincias temerosas:
Não dubio assoma o novo ministerio,
Voltam todas á Vós não receiosas:
Um dito pouco liberal dest'arte
Faz que fuja de Vós do povo parte.

XCV.

—Mas o decreto vem de tres de Junho
Dissipar a fatal desconfiança;
Põe á Constituição não dubio cunho,
A' tempestade segue-se a bonança:
De sua boa fé em testemunho
Deve-lhe hoje o Brasil a segurança;
Sendo do Vosso Lib'ralismo abono,
Vós lhe deveis a elevação ao throno.

XCVI.

—Santo Liberalismo! amor da gloria,
 Monumentos de solida grandeza,
 Vós, que os genios creaes (para memoria)
 Dos Principes, entre a humana natureza;
 Vós que summo lhes-daes logar na Historia
 Por sãas virtudes, por heroica empreza;
 Que implantaes em seus peitos inda novos
 O germen divinal do amor dos povos;

XCVII.

—Vinde, e a Pedro, com gentil candura,
 Abri o templo da Inmortalidade :
 Mostrae da Liberdade a formosura,
 Mastrae da escravidão a fealdade :
 Em liberal linguagem, nobre, e pura
 Os direitos mostrae da humanidade;
 E os direitos do homem, com franqueza,
 No codigo mostrae da Natureza.

XCVIII.

—As doçuras mostrae com energia,
 Do grato, do feliz Liberalismo ;
 Os horrores mostrae da tyranhia,
 Os horrores mostrae do Despotismo;
 Este mantem de escravos a apathia,
 Aquelle gera d'homens o heroismo;
 Este dá baque aos reis, dá vituperios,
 Aquelle dá Renomes, dá Imperios.

XCIX.

—Rasgae ante elle as nuvens do futuro,
 Onde póde o Brasil mostrar-lhe o Fado
 Livre, rico, polido, e já seguro
 Sobre os demais Imperios collocado;
 No prazer d'abundancia grato, e puro
 Pelas vistas dos Ceos abençoado;
 Ovantes seus pendões, soltos nos ares,
 As ondas assombrando em longes mares!

C.

—Europa a procurar sua amizade,
 E o commercio seu solicitando;
 Nossa grata e feliz posteridade
 O Genio creador abençoando,
 Que assim firmou a patria Liberdade,
 Livre, e dilosa Patria lhe deixando:
 Fazendo que por toda a parte assome
 Desse Genio o Retrato, a Estatua, o Nome.

CI.

—Voae com elle ao templo da Memoria,
 Onde brilha sem noute eterna aurora;
 Augusto templo, que co'Heroes da Historia
 Justos, nobres, sublimes se-decora;
 Ahi mostrar-lhe, erguida á sua gloria
 A solemne Legenda immorredora:
 « Ao Grande, ao Immortal Pedro-Primeiro,
 « Libertador do Imperio Brasileiro! — »

CII.

« Tal te-dirá o sabio magistrado,
 Amigo do Brasil, teu caro amigo;
 Quanto disser por ti seja pesado. . . .
 Si pesado não for, teme o castigo.
 Rei, que não vê no povo um filho amado,
 E' de seu povo pérfido inimigo:
 Pois é de um Rei primeira qualidade
 Castigos, premios dar com egualdade.

CIII.

« Não é por que tambem não seja humano,
 Não é por que poder muito alto encerra,
 Não é por que valente, altivo, ufano,
 Vence, arrasa, aniquilã em dura guerra;
 Que um alto, um poderoso soberano
 E' imagem de Deos lá sobre a terra;
 E' no amor da Razão e da Egualdade,
 Da Justiça, Clemencia, e da Verdade!

CIV.

« Pésa os Imperios Deos de todo o mundo,
 Qual pesou Balthasar, e o seu Imperio;
 A concha dos bons reis lá desce ao fundo,
 Porem sóbe a dos máos ao espaço aerio;
 Os bons do povo teem o amor profundo;
 Os máos do povo teem só vituperio;
 E a sentença, uma vez nos ceos lavrada,
 Nunca mais ante Deos será riscada.

CV.

« Eis pois um novo Imperio inaugurado,
Sob auspicios da santa Liberdade;
Mas em muito será contrariado,
Antes que chegue a summa flicidade,
Nos lances da fortuna exp'imentado,
Quando justo saber lhe-der a idade,
Hade impôr o respeito o mais profundo
A's mais fortes nações de todo o mundo!

CVI.

« Essas, que viste em sonho, alegres cores,
Que te-attraíram, verdes, amarellas,
Serão do Imperio, e seus Imperadores!
São as provincias delle essas donzellas!
Esse Café e Fumo abrindo em flores,
O globo e estrellas suas armas bellas;
E ver-se-ha no Brasil e em mil logares
Auri-verde Pendão brincar nos ares.

CVII.

« Pelos esforços do Immortal Andrada,
Deixando do Brasil o solo immenso,
Verás a lusa gente exasperada,
Que ao Brasil tem mostrado animo infenso;
Verás condigna de um Imperio a Armada,
No exercito brilhando ardor intenso;
E nova face, e prospera, ao vindouro
Hade offrecer o publico Thesouro.

CVIII.

« De Martim virá tal prosperidade,
Ess'alma, que tem tanta magnitude,
Que amando só da Patria a f'licidade,
A' Patria serve, e a ninguem illude.
Olha pois quanto póde a probidade;
Vê que prodigios da immortal Virtude:
Feliz a Patria, que taes filhos conta,
Feliz o Rei, que amigos taes aponta!

CIX.

« Mas esse, que ao Brasil dá tanta gloria
N'outro Renome grande inda enlevado...
Renome, que em dous mundos enche a Historia,
Deixará este solo abençoado!
E n'outro, Heroe de divinal memoria,
Irá morrer dos filhos apartado,
E ficará o herdeiro seu querido
Nas infantis mantilhas envolvido.

CX.

« Mas nos céos do Cruzeiro luminoso
Entornando abundancia e alegria,
Lá se-levanta um astro magestoso,
Cuja luz co'as dos mais astros porfia.
Os raios de seu limbo glorioso
Diffundem Bens, Amor, Sabedoria:
Seus satellites (sua claridade
Bebem) Justiça, Paz, Razão, Verdade!

CXI.

« E' astro tão fulgente, esse Menino
Que por seu Pae no berço foi deixado;
Que lucido, e que prospero destino
Lhe-tem o Céu propicio aparelhado!
Anarchia, esse monstro viperino
Hade por suas mãos ser supplantado;
E novo Hercules, com a maça da Justiça,
A Discórdia esmagar hade e a cubiça!

CXII.

« Então do Interno mar vindo enfunada
Rompendo após de altiva ondas de Atlante,
Frota, la de Parténope afamada,
Conduzirá thesouro o mais prestante;
Prole de reis Thereza, pois, ligada
Será de reis ao Neto em laço amante;
Serão Paes de progenie augusta e bella,
Sobre a qual des de agora o Céu ja vela!

CXIII.

« Então qual deve ser a Liberdade,
Andará sempre com a Razão á frente;
A Sciencia, a Justiça, e a Egualdade
Terão um justo culto, um culto ingente!
Constituida assim tal sociedade,
Verá então a Brasileira gente
Egregios cidadãos erguendo o collo,
E leis divinas adornar seu solo.

CXIV.

« Mas antes destes bens, que a muito montam,
 Não de affrontar o Imperio Brasileiro
 Todos os males, que as nações affrontam,
 Prole atroz do mandão sempre int'resseiro!
 Que de turbidos dias lá despontam,
 N'um futuro de bens, d'honras vasqueiro;
 Pois se-verão, p'ra tão funestos fados,
 A Natureza e os homens combinados!

CXV.

« De monopolio audaz, força terrível
 Hade ao povo afflijir pallida fome;
 De preguiça e deleixo inconcebível
 Funesta peste, de recente nome;
 Flagicio sem-igual, flagicio horrível,
 Que ao povo, com furor mata e consome,
 Hade ao povo opprimir, em sanha dura,
 Nessa idade de males tão escura.

CXVI.

« E os governos, e seus legisladores
 Bem tranquillos, na paz a mais perfeita,
 Deixando progredir nos seus horrores
 Quem dos males do povo se-aproveita;
 E o povo então na messe de amargores,
 Tendo a fome e a miseria por colheita;
 Pois fazem, nessa idade malfadada,
 Tudo só para si, p'ra o povo nada.

CXVII.

« E cahirá o povo em tal molleza,
 Que o ludibrio será do poderio;
 E perderá, cahido em tal baixeza,
 Do coração o ardor, da face o brio.
 Ver-se-hão de a Humanidade e a Natureza
 Emmudecer n'um tempo tão sombrio;
 Pois hade, sem que a lei seja um escudo,
 A geral corrupção carcomer tudo.

CXVIII.

« Esquecidos desta epocha tão clara,
 E deste feito de renome e glorias,
 Ignavos cidadãos, so gente avara,
 De toda a sociedade vis escorias,
 So buscarão servir á Patria cara
 Por honras, e grandezas transitorias,
 Que entre as mãos dessa gente diffamada
 Não hade ver sem rir-se a gente honrada.

CXIX.

« Mas ficarão após tão mal-brilliantes,
 O seu todo valor será tão frio.
 Que os da Virtude corações amantes
 Dirão com ar d'escarneo, ou ar sombrio:
 —Longe, longe de nós... Oh! antes, antes
 Sem nada o peito, sem deslustre o brio,
 Que honras mesquinhas, que, por vis enlaces,
 Poem de pejo e de brio ermas as faces.—

CXX.

« E então do Estado o corpo o mais subido,
 O corpo de seus nobres Eleitores,
 Ver-se-ha de escravo á sorte reduzido,
 So servindo aos governos, seus senhores;
 E pouco após o bando denegrido
 Dos do povo perversos corruptores,
 Tendo por premio ás fraudes, e á intriga
 As honras, com que a Honra se não liga.

CXXI.

Então p'ra descrever tantos horrores,
 De tanta corrupção tão negras scenas,
 Ir arrancar os historiadores
 Hão de ás azas da Morte as negras pennas;
 Mas si o povo a cortar, em suas dores,
 Membros apodrecidos de gangrenas. . .

Que novo Agrippa, nesta acerba prova,
 Hade o povo abrandar com fabula nova?

CXXII.

« Quando a borrasca, em mil furias estranhas ;
 Entre nuvens mortíferas dá rebate,
 Bólsa das fauces matadoras sanhas
 A'rdido Noto em férvido combate ;
 Dardeja o fogo, a morte das entranhas.
 Ares, ceos, terra, e mar sanhudo bate;
 E' assim, que entre furias inauditas,
 Sabe o povo vingar suas desditas.

CXXIII.

« Coberto d'ouro o fofa pedantismo,
Na miseria insultar hade ao Talento;
O illustre, immortal Patriotismo
Será um desprezível documento!..
Oh que de infamias surgirão do abysmo!..
E até calirá no esquecimento,
Esquecimento indigno e detestavel
Este dia supremo e memoravel.

CXXIV.

« Mas quando novo dia celebrado
Ali for com mais alto luzimento,
Hade tombar no pégo do passado,
Onde o-aguarda perpetuo esquecimento;
Mas de Setembro, ó Sete sublimado,
Primeiro do Brasil claro ornamento,
Em quanto houver no mundo um Brasileiro,
Serás o do Brasil Dia primeiro!

CXXV.

« Oh! com que nome a imparcial Historia
Hade classificar tão negra idade,
Não empanando o esplendor á Gloria,
Não eclipsando as luzes á Verdade;
Pois que sendo a mentira meritoria,
Apezar da Razão, da Liberdade,
Como o-fôra n'um tempo tão pretérito,
A infame adulação será um mérito!

CXXVI.

« Eis, ó Monarcha, do futuro o fado,
 Que por Deos ao Brasil 'stá promettido;
 Mas, tal tempo de horror sendo passado,
 A' mil venturas se-verá subido.
 Tu, apenas d'aqui fores levado,
 Terás esta visão toda esquecido;
 Pois a lei da Suprema Magestade
 Quer sempre intacta a humana liberdade. »

CXXVII.

Dice: como o corisco rompe os ares,
 Que é brilhar e ferir um so instante;
 Rápida a nuvem deixa estes logares,
 Qual fende o espaço a chamma fulminante;
 Eil-a em fim dos humanos sobre os lares.
 Ainda magestosa, inda brilhante;
 Nisto o sublime extasis deserta,
 E o Anjo da vida o Heroe desperta.

CXXVIII.

Precursora da Luz aura fagueira
 Levava hymnos d'aurora á Divindade;
 No thaumànteo horizonte lisonjeira
 Alvejava do dia a claridade.
 Salve, Divina Luz, que a vez primeira
 Vens prismar na Brasileira Liberdade!
 Salve, por Deos creada antes de tudo,
 Primogenita sua, eu te-saudo!

CXXIX.

Primeira emanção da Divindade,
Eu te-saudo! Salve tão ditosa!
Graças, amor, prazer da humanidade,
Eu te-saudo! Salve tão formosa;
Vem saudar do Brasil a Liberdade;
Eu te-saudo! Salve tão donosa,
Neste solo já livre, des de agora,
Eu te-saudo, venturosa Aurora!

CXXX.

Raiou em fim o desejado dia;
A' marcha os viandantes se-aprestaram;
Radiantes de candida alegria
A viagem feliz continuaram.
Nada na capital se inda sabia,
Quando Pedro, e os seus alli chegaram:
Entra o Theatro, seu semblante indica
O que seu braço esquerdo assás explica.

CXXXI.

Soû das Musas nos brilhantes lares
O grito heroico:— Independencia ou Morte! —
Tremaram seus soberbos laqueares,
E o pavimento seu da mesma sorte;
Então troaram do Janeiro os ares
Ao som do grito retumbante e forte,
E o nobre grito electrico dest'arte
Correndo, ribombou por toda a parte.

CXXXII.

Qual sóla o terremoto vehemente
Nas entranhas da terra alto mugido;
Que estendendo os horrores de repente
No fim de legoas muitas é sentido;
Assim da Liberdade o grito ingente
Foi por todo o Janeiro então ouvido;
E sob a multidão as ruas tremem,
E as vastas praças de pejudas gemem.

CXXXIII.

Quem podéra pintar tanta alegria,
Tanta ventura, amor, fraternidade
Deste supremo, deste grato dia,
Eterno nos annaes da Liberdade;
Tanta força não tens, santa Poesia,
P'ra esboçar desta scena a magestade,
Ante tão sacrosanto enthusiasmo
Recúa a Musa com respeito, e pasmo!

CXXXIV.

Serena baixa de estellante Polo,
O' Liberdade candida, e superna!
Vem perenne reinar sobre este solo,
Suprema emanação da Mente Eterna.
Aqui entona o soberano collo
No templo da Igualdade doce, e terna,
E onde o culto teu jamais se-muda,
O vate reverente te-sauda.

CXXXV.

Retroavam sublimes pelos ares
 Os vivas ao Heroe, e a Liberdade;
 Fужiram os desgostos, e os pezares
 Da do Janeiro prospera cidade.
 Hymnos de gratidão sobre os altares
 Se-offreciam á Eterna Divindade,
 E o povo neste fogo seu divino
 Cantava assim da Independencia o Hymno.

CXXXVI.

HYMNO DA INDEPENDENCIA.

« Ao patrio grito vinde, ó filhos caros,
 A' gloria, ás armas chama a Liberdade!
 De vós... oh! tremam corações avaros,
 Que impecem feros vossa flicidade;
 Os vossos nomes tornareis preclaros
 Salvando a Patria com heroicidade,
 E a nossa Estrella seja, e o nosso norte,
 D'hoje p'ra sempre — Independencia ou Morte!—

CXXXVII.

Ardei, Mancebos, neste ardor sagrado,
 Erguei-vos, Velhos, porque a Patria chama;
 E seja cada cidadão soldado,
 Onde fulgure de Mavorte a flamma;
 Crescei, Meninos, e com braço armado
 Marchae á Gloria, conquistae a Fama;
 Mostrae ao mundo, com sublime porte,
 Que a Patria é toda — Independencia, ou Morte!—

CXXXVIII.

Ao ver a Patria rôtas as entranhas
 So da vingança quer os juramentos;
 Já não tememos inimigas sanhas,
 De sangue embora vindo a nós sedentos!
 De sobre o cume de eternaes montanhas
 Nos-veem tres sec'los de fataes tormentos;
 Pois testemunhem elles desta sorte
 O Juramento:—Independencia, ou Mortel! —

CXXXIX.

Leva á victoria, Pedro, em taes ardores
 A Brasileira, vigorosa idade;
 Bravas cohortes de teus lidadores
 A' gloria guia, guia á flicidade!
 Debaixo delles so rebentem flores,
 Por elles forte pugne a Liberdade;
 De tua espada o fulminante corte
 Dará á Patria—Independencia, ou Mortel!—

CXL.

Ja brilha o Iris da feliz bonança,
 Morrem abusos, e renasce a gloria;
 A Patria firme, caminhando avança,
 E os louros cega d'immortal victoria.
 Direitos brilham já, fulje a esperanza.
 Um nome eterno nos-offrece a Historia;
 Da Patria brada a sem-egual cohorte,
 Marchando ao campo—Independencia, ou Morte!—

CXLI.

Exulta livre, povo Brasileiro,
 Iniquos ferros sob os pés calquemos;
 Jamais os ferros, e o captiveiro
 D'agora ávante nós supportaremos!
 Filhos escravos... nunca mais... Primeiro
 Livres nós juntos todos morreremos,
 E seja eterno nosso brado forte:
 « A Patria é livre! — Independencia, ou Morte! — »

CXLII.

Raivando em vão furor desesperados
 Os horridos espiritos do Averno
 Nutriam, no Janeiro congregados,
 Tarda esperanza, digna so do Inferno!
 Da Liberdade, e do Brasil armados
 Os Anjos, com poder do Nume Eterno,
 Como Ministros de vingança, e guerra,
 Vingam n'um jacto o ar dos ceos a terra.

CXLIIL.

Minaces, veem no aspeito ambos temiveis,
 Dos ceos os-cercam coruscantes lumes,
 Como o Exterminador Anjo, terriveis
 Igneas brandem espadas de dous gumes!
 Os filhos do Senhor veem pois horriveis
 Nos demonios vingar tantos queixumes,
 Por onde passam o seu fogo estraga,
 Ferem seus olhos, e seu peso esnaga.

CXLIV.

Apenas sobre as frentes lampejaram
 Dos demonios os ferros fulminantes,
 Pelos ares relampagos cruzaram,
 E rolaram trovões alti-troantes!
 Tremeram os Abysmos, se escalaram,
 Rasgando fauces tetricas, hiantes;
 Trépidos os demonios rebramaram,
 E no sou bojo horrisono tombaram.

CXLV.

Formosa, des de então dos ceos descida,
 Sobre o firme terreno da Egualdade
 Por divinal influxo protegida,
 Repousa a Brasileira Liberdade!
 Sê grande, sê feliz, Patria querida,
 E goza em paz tão doce flicidade;
 Descança, que teus filhos sempre bravos
 Nunca mais tornarão a ser escravos.

CXLVI.

Vós, cujas famas são tão bem ganhadas,
 Nobres Varões de glorias mais que humanas;
 Ledos, Baratas, Brancos, e os Andradas,
 Coutinhos, Januários, e Vianas,
 Rochas, Pereiras, glorias celebradas.
 (Com as quaes, ó Brasil, tanto te ufanas)!
 Si, heis feito tanto pela patria gloria,
 Hade a Patria zelar vossa memoria !-

CXLVII.

E tantos outros Brasileiros peitos
Egregios por tamanha heroicidade,
Os quaes, com sobre humanos, nobres feitos,
Serviram tanto á patria Liberdade. ...

Um dia Brasileiros mais perfeitos,
Vingando com a Historia a sã Verdade,
Farão que os Nomes seus, que a sua gloria
Honrem as folhas da Brasileira Historia.

CXLVIII.

Não foi nos camariãs de syrias telas
Dormindo ignavo somno descuidado ;
Nem entre amplexos de rendidas bellas,
Que têm com a gloria o nome abrilhantado
Achilles, Cezar, o heróe de Arbetas,
E o capitão da Corsega afamado ;
Que com a gloria, os que em emprezas se arriscaram
Sobre a terra os seus nomes estrellaram.

CXLIX.

Como esses, que tão claros se fizeram
Por difíceis, emprezas arriscadas ;
Como esses, que tão grandes remetteram
Aos evos as memorias sublimadas ;
Estes, que pela Patria combateram
Com sabias pennas, marciaes espadas ;
Quaes os heroes antigos, e modernos,
Afamados serão, serão eternos.

CL.

O' Tu, subline Heroe, Esp'rito ingente,
 Da santa Liberdade alto ornamento,
 Do céo acolhe o que eriji ardente
 Ao Teu Nome mesquinho monumento.
 No Brasil este esforço Teu vehemente
 Não verás olvidado um só momento ;
 'Teu Nome, a 'Tua Fama, e a Gloria sua
 Durarão quanto dũre esta obra Tua !

CLI.

Vós, ó porção do povo americano,
 Ao qual proteje um grão poder divino,
 Vós podeis ser um povo soberano,
 E de grandes venturas sempre di'no ;
 Em vossas mãos existe o bem, ou damno...
 Que as predicções do Anjo do Destino
 Um povo realisa, e se-faz forte
 Quando a Paz, e a União tem por seu norte.

CLII.

E Tu, Rei da Brasileira Sociedade,
 Faze por Ter um coração tão santo,
 Que ornando com a Virtude a Magestade,
 Te-Torne do Brasil o Amor, o Encanto ;
 Firmando a Brasileira Liberdade,
 Si, deu Teu grande Pae materia a um Canto,
 Possuindo Tu Virtudes mil supremas,
 Darás tambem assumpto a cem Poemas !

CLIII.

Si das Lettras o esteio o mais robusto
 Achar em Ti o sabio, e o erudito ;
 Si quando o pobre Te-fallar sem susto,
 Lhe-Suffocares da miseria o grito;
 Si á bem das Lettras fôres novo Augusto,
 Si delicias da Patria um novo Tito;
 Homem, Serás Modelo á humanidade,
 Rei, a Copia Serás da Divindade !

CLIV.

No gozo de taes Dons do Céu mandados,
 Terás, por estes meritos subidos,
 Por subditos, amigos dedicados,
 Por Throno, corações agradecidos !
 Então do mundo os povos admirados
 Dirão, ante os Teus Dons esclarecidos:
 —Sobre o unico Solio americano,
 Tem a Virtude assento soberano !—

CLV.

E' grande, si despreza a Magestade
 Tôrpes lisonjas de mentida gente,
 E preza da franqueza a lealdade :
 Eis porque Te-ornas de grandeza ingente !
 Pois bem : Faze reinar sempre a Verdade ;
 Eterna maldição sobre quem mente,
 A mentira servil depondo n'ára
 Do venerando altar da Patria cara.

CLVI.

De Teus Dons o Elogio é tão immenso,
A Ti me-elevo, Divinal Thereza,
Que tambem queimar venho ingenuo incenso
A' taes Virtudes, ó Gentil Princeza.
Perdoa... Te-offender nisto nem penso ;
Mas si dons mais me-désse a Natureza,
Aqui versos tão nobres Te-sagrára,
Quaes nunca o mundo ouviu, quaes nem pensára!

CLVII.

E, a Vós, que hoje, n'aurora da existencia,
Filhas de Pedro, Filhas de Thereza,
Flôres, cujo perfume é a innocencia,
Vos-sorrides, ao mundo, e á natureza ;
Dê propicia a Suprema Intelligencia
Tanta virtude, além dessa belleza,
Que na Casa de Alcantara não se-mude
De Paes á Filhos perennal Virtude.

CLVIII.

O' Musa, ou Anjo da mansão ditosa,
Genio, que tão esquivo me-inspiraste,
Que nesta longa rota assás p'rigosa,
Na tormenta difficil me-guiaste ;
Si ha premio nesta lida afadigosa,
O premio é teu, que o canto tu dictaste ;
E, si por elle um louro eu merecesse...
Antes a Patria sobre a fronte o-erguesse.

CLIX.

Musa descida da mansão tão bella,
Enche a Patria dos bens de teus sacrarios,
E cinje em tanta gloria a fronte della
Com louros de teus almos sanctuarios ;
Eu não quero um só louro, uma capella
Em premio de trabalhos litterarios;
Pois quanto me-outhorgou teu fogo ardente.
A' Patria minha consagrei contente.

CLX.

O' Musa, Anjo do céu, divino encanto,
Bem, ou mal, tu encheste o meu desejo,
Inspiraste-me pois da Patria o Canto,
Vôa aos céos, e lá pouosa o teu adejo;
Por gratidão, do vate acolhe o pranto,
Pois nas mãos te-depôr não pôde um be'jo;
Não te-posso dar mais, por mais que faças...
Vae: deixa o canto teu.—Recebe as graças.



NOTA.

* Segundo dice-nos o Exm. Snr. Conselleiro José Clemente Pereira, o Snr. General Abreu e Lima não pôde em parte alguma encontrar o documento, que abaixo transcrevemos, para c-collocar entre as notas da sua Historia do Brasil: esta copia, pois, da falla que ao Snr. D. Pedro I, no dia de sua Acclamação, em nome do povo do Rio de Janeiro, como presidente do Senado da Camara dirijiu o Snr. Clemente Percira, como Juiz de Fora desta cidade, foi d'elle mesmo que obtivemos, e como não vem na Historia do Snr. Abreu e Lima, eis o porque aqui a-transcrevemos tal e qual nos-deram.

COPIA— O Povo da Provincia do Rio de Janeiro legitimamente representado pelo Senado da Camara desta Cidade e pelos Procuradores das Camaras de todas as Villas do seu Districto, que estão presentes, identificado em sentimentos com a vontade universal de todas as Provincias, expressamente declarada, tem decretado em vereação extraordinaria de 10 do corrente sustentar e defender a Independencia do Brasil, que Vossa Magestade Imperial, Confortando-se com a opinião dominante, Declarou : e acclamar neste Fausto Dia a Vossa

Magestade Imperial Imperador Constitucional do Brasil. Orgão fiel das suas vozes, encarregado de apresentar á Vossa Magestade Imperial tão honrosa Mensagem, depois de felicitar a V. M. I. pela Elevação ao Throno, eu devo mostrar-Vos, Senhor, em vivo quadro a justiça que o Brasil tem para Decretar a sua Independencia, e as obrigações reciprocas, que de hoje em diante ficam existindo entre Vós, e Elle.

Todos os Imperios, Senhor, nascem, sobem, descem, e a final expiram . . . nenhum existe hoje dos primeiros, que governaram o Mundo ! Esta Lei de verdade eterna, que o Direito Publico ensina sobre os argumentos irrefragaveis, que lhe fornece a historia, acaba de nos apresentar formidaveis Imperios, recém-nascidos filhos da America, porção preciosa de outr'ora poderosos Reinos do Velho Mundo, que deixam, tocado o soberbo Zenith da sua grandeza, e hoje marcham ao occaso da sua decadencia . . . É pela força irresistivel da mesma Lei eterna que o Brasil subio ao Throno da Magestade em 16 de Dezembro de 1815: e que Elle tem declarado Soberanamente a sua Independencia.

Mas tem o Brasil direito fundado em Justiça para declarar a sua Independencia ? Tal é, Senhor, a importante questão que esta declaração offerece. O Brasil podia resolver-a respondendo: Sou Livre, não sou Patrimonio de Portugal: não quero permanecer por mais tempo unido a elle: é esta a minha vontade Soberana . . . a força do seu poder sustentaria a sua resposta. Mas o Brasil não quer levantar o Edificio da sua Independencia sobre principios duvidosos, e que não estejam revestidos da mais solida razão: na sua conducta tem a prova

da sua moderação, e na conducta de Portugal o argumento da sua justiça.

Trezentos e oito annos existia o Brasil só para Portugal, recebendo escravidão, oppressão e vilipendio em troco de preciosos thesouros, alimentos com que este sustentava a sua liberdade, dourava a sua existencia, e abrilhantava a sua Grandeza . . . e doze hiam decorrendo de roubos, dessolações, e ruinas, males que lhe importou a inundação de 1808, quando o Estandarte da Liberdade levantado sobre o Doiro, e firmado sobre o Tejo repercutio seu écho nos 19 estrellados Céos que enriquecem a Corôa do Soberbo Brasil: e bem que a experiencia de tres seculos o devera prevenir contra aquelle de quem só recebera duros ferros, o Brasil tudo esquece neste momento, acreditando na Liberdade promettida, e entrega-se sem reserva nos braços de seus irmãos de Portugal . . . Tanto pôde a boa fé em corações generosos !

Com arte e manha, ao que parece agora, se não foi sincera cordialidade filha das primeiras circumstancias, que a chegada de Sua Magestade Fidelissima, e a precipitada accendencia do Brasil fizeram variar, soube o Congresso de Lisboa ganhar a confiança cega dos sinceros Brasileiros por meio das expressões de paz, igualdade, e confraternidade, que nos seus Manifestos ostentou, nas suas Proclamações affiançou, e na linguagem liberal dos seus Deputados persuadiu; e mais ainda pela sublime Politica, com que constantemente deixou de admittir a discussão de Moções relativas ao Brasil: e que intempestivamente se apresentavam, pelo justo fundamento de não estarem ainda reunidos todos os seus

Deputados; e sobre tudo finalmente pela declaração solemne que decretou, firmou, e jurou no artigo 21 das Bases, de que os seus Decretos não obrigariam neste Reino, se não depois que nelle fossem recebidos.

Esta conducta das Côrtes de Lisboa por ser franca, justa, e Liberal deo-lhes nada menos que um Imperio absoluto no Coração dos Brasileiros, Em prova desta verdade, tão demonstrativa da candura do Brasil, como affrontativa da perfidia das Côrtes de Lisboa, eu requeiro o vosso testemunho, ó Europeos, que a esse tempo viveis entre nós, e hoje rehabilitaes a vossa terra; . . . e tambem invoco o vosso, ó felizes Estrangeiros, a quem este paiz bemfazejo presta hospedagem segura, e a troco do pequeno cambio de algum suave trabalho vosso re- parte grossas riquezas: sêde sinceros, fallai a linguagem da verdade pura, hide, contaí ás Cortes de Lisboa, e á Europa inteira os vivos transportes dos nossos Corações, de que fosteis testemunhas, quando com lagrimas de doce prazer chamavamos aos seus Deputados Pais da Patria, Heroes inimitaveis, semideoses dos nossos dias. . . e aos seus Decretos obras do Céu mandadas !!! Fazei-lhes saber tambem o exaltado enthusiasmo com que elegemos, e enviámos a ellas os nossos Deputados !!! E pintai-lhes finalmente a coragem com que todo o Brasil jurou, e fez jurar as Baes, que ellas fizeram, o denodo com que as tem sustentado, e a constancia com que ainda hoje as defende, e defenderá por serem santas !

Mas se o Brasil tanto do coração se unio a Portugal em 1821 porque em 1822 se desune deile ? A razão é conhecida: Portugal desviou-se do systema de Libera-

lismo começado; abusou da boa fé do Brasil; e quiz recolonisá-lo! Logo Portugal fez o rompimento, e a reacção do Brasil é um resultado necessario da acção de Portugal.

Esperava o Brasil, e tinha direito a esperar, que Portugal reconhecendo a sua emancipação Política, que lhe dera a Carta de Lei de 16 de Dezembro de 1815, reconhecesse tambem a sua igualdade, Soberania e Independencia: porque a qualidade de Reino Unido em nada lhe diminuiu estes Atributos, por serem inseparaveis da Magestade dos Reinos, e assim o faziam crer os principios solidos com que as Côrtes de Lisboa abriram as suas primeiras sessões, proclamando soberanamente que um Povo não é Patrimonio de outro Povo.

Esperava o Brasil, e não era extranha a sua esperança, que as Côrtes de Lisboa, respeitando a força da Lei Eterna que sobre as ruinas de uns Imperios levanta outros, reconhecesse a urgente necessidade de promover o engrandecimento do Brasil, como unico meio de escorar o velho Edificio de Portugal, que por seu turno está proximo a cahir. E por estes principios era no Brasil, que as mesmas Côrtes, a usarem de uma verdadeira Política, deviam estabelecer a sêde da Monarchia para não perderem este, e salvarem aquelle.

Esperava o Brasil, e devia esperar o sabio imparcial, que as Côrtes de Lisboa, por terem no seu quadro Genios na verdade sublimes, aprenderiam, no exemp'lo das Americas Inglezas e Hespanholas, a maneira de tractar as Portuguezas: e que marchando de analyse em analyse se convencessem que só os vinculos de boa fé, franqueza e liberalismo, e uma perfeita igualdade eram

capazes de atar em laço eterno a união de dous Reinos que a natureza creou para serem Independentes.

Esperava o Brasil que Portugal tivesse conhecido nos ultimos 14 annos que o dominou, a sua robustez, a sua força e a sua inexpugnabilidade. E que attento aos acontecimentos de 1817, e aos symptomas que muito em tempo rebentaram em 1821, reconhecesse que o Brasil amava a sua Independencia, que trabalhava por ella com decidido empenho, e que necessariamente a havia de conseguir; porque nem os Americanos Portuguezes são meos valentes que seus irmãos Ingleses e Hespanhoes, nem Portugal Nação mais poderosa que a Inglaterra, ou a Hespanha. E contando sobre estes principios: como podia o Brasil deixar de esperar que Portugal dêsse por esquecidas as odiosas idéas de uma preeminencia, além de anti-constitucional, chimerica porque a não podia sustentar? Esperava o Brasil, (e nunca expressara estes sentimentos se não fôra provocado) que Portugal vendo o estado da notoria debilidade a que uma serie continuada de males conhecidos tinha levado as suas forças, a sua população devastada, o seu commercio entorpecido, a sua lavoura perdida a sua industria sem acção, os seus cofres sem dinheiro, com um deficit annual insupprivel, e uma divida publica insolavel, apertasse com fraternal sociabilidade a mão de amigo que o Brasil nos transportes da sua boa fé lhe estendeo generoso; por ser ella, e só ella o unico instrumento capaz de lhe curar as suas feridas, de pagar as suas dividas, animar o seu commercio, restabeleer a sua industria, e dar calor á sua lavoura: devendo saber os seus alucinados e irreflectidos Deputados, que se o Brasil não

fazia jogo destes argumentos para com a sua preponderancia pertender vantagens nas estipulações do novo Pacto social, era por louvavel modestia; e porque apesar de se achar melhor em circumstancias, só aspirava a uma igualdade perfeita, persuadido de que Portugal não extendia sobre elle vistas de injusta superioridade.

Esperava o Brasil e por vida minha que assim o aconselhava o boa Politica, que as Côrtes de Lisboa não alterassem as fórmãs dos Governos Provisorios que as Provincias levantaram, não só porque o Decreto de 18 de Abril de 1821 os declarou legitimos, mas tambem para não expôr as mesmas Provincias aos choques, e abalos que estas mudanças costumam produzir; deixando para a Constituição a organização do verdadeiro systema, que conviesse dar-lhes, o qual por todos os titulos devia ser ordenado pelos votos dos Deputados deste Reino.

Esperava o Brasil finalmente, e tinha um justificado direito para esperar, que o novo Pacto social lhe desse um centro de unidade, e de recursos, estabelecendo neste Reino, se não o chefe do Poder Executivo, como aconselhava a melhor Politica, pelo menos uma Delegação competente deste Poder, como era indispensavel; com uma Camara Legislativa, que decretasse as providentes Leis, que devem animar a sua População, e Agricultura, a sua industria, Artes, Navegação, e Commercio; e um Poder Judiciario absolutamente independente de Portugal, como persuadia a razão, e a justiça requeria.

Mas oh! fatal desgraça! Em um só dia vio o Brasil cortadas ao nascer todas as suas verdes esperanças! Vio

trançado o plano da sua ruina, a sua recolonização decretada a sua Liberdade ameaçada, a sua cathegoria em perigo, e a sua Representação insultada! Vio, golpe de errada politica! o Decreto, que assentou a séde da Monarchia em Lisboa. . . Vio que se lhe negou directamente um centro de unidade, actividade, e recursos nos votos que regeitaram a indicação de uma Delegação do Poder Executivo neste Reino pelo falso, machiavellico, e absurdo principio de que o Poder Executivo não pôde ser Delegado!!! que se lhe negou parte do Poder Legislativo, que devia fazer as suas Leis privativas sómente pela sofistica razão de que a Constituição prohibia que houvessem duas Camaras, como se tal Constituição existisse já para o Brasil, ou quando (caso negado) existisse não estivesse ainda em tempo de admitir refórma; e como se duas Camaras Legislativas uma para Portugal, e outra para o Brasil, não fossem na entidade uma só Camara!!! Vio o injusto e sobre todos despotico Decreto, que chamava á Lisboa o conhecimento das causas contenciosas pelo violento Recurso das Revistas concedidas para a Casa da Supplicação daquella Côrte, para que nem ao menos o Poder Judiciario ficasse ao Brasil Independente de Portugal! Vio os triformes Governos Provisorios que o fatal Decreto de 29 de Setembro enviava ás Provincias, deixando na mão de Portugal a disposição da força armada! Monstruoso aborto de errada Politica! Este Decreto foi a primeira e verdadeira origem das queixas do Brasil, o envenenado pomo, que nelle veio semear a discordia, e uma das mais poderosas causas que acceleraram a desunião que o Brasil não queria ainda!

Vio ao mesmo tempo o Brasil, que Portugal intentava fazer reverdecer o imperio do seu senhorio antigo, chamando á Lisboa não só a dependencia dos negocios geraes, como apenas se lhe poderia tolerar, mas até os despachos de todos os Empregados Civis, e Militares, Lucrativos, e Honorificos, que fazem a propriedade daquelles a quem a Lei habilita para os pertender! Vio forjar-se nas Côrtes de Lisboa o iniquo, e illiberal Projecto de restituir á Lisboa a feira exclusiva, verdadeiro Monopollo, do Commercio deste Reino, debaixo dos fascinosos prncípios de uma perfeita reciprocidade, com ruina inevitavel da nossa agricultura, e violenta infracção da propriedade dos nossos Lavradores, que tem direito perfeito a vender os generos da sua colheita a quem lhes offerecer melhor mercado! Vio tambem o Brasil com lagrimas de sangue os Decretos que pertenderam roubar-lhe a posse de Vossa Magestade Imperial, unica garantia, que affiançava a sua unidade, Liberdade, e Segurança!!! Vio não só desprezadas, mas até mandadas castigar as suas supplicas, e justas reclamações pelo pretexto de serem anti-constitucionaes, aulicas, e facciosas... côr que alli se tem dado á declaração expressa da vontade unanime de todo o Brasil, para por este falso fundamento se desattender! Vio, oh scenas de horror! quem o crera se o não vira! Vio o sangue Brasileiro derramado em copiosos rios pelas baionetas dos Avilezes no Rio de Janeiro, dos Regos em Pernambuco, e dos Madeiras na Bahia!!! representou contra estes, e outros insultos daquelles Pretorianos, e será verdade que por deferimento ás justas queixas do Brasil declararam as Côrtes de Lisboa benemeritos da Pátria aquelles verdadeiros inimigos della; pois que a não ser

a sua conducta em tudo impolitica, extranha, provocativa e insultante dos principios Constitucionaes, outro grande motivo da queixa do Brasil, ainda hoje não estaria cortada a união-desejada! Vio mais o Brasil que Portugal prohibio a importação de munições militares e navaes para este Reino, como officialmente intimou o Consul Portuguez em Londres a Mr. Bonnat, Secretario de Seguros daquella Praça! Vio, e quem pôde vêr tantos erros em Politica, tanta iniquidade, e tanto dispotismo sem se lhe gelar o sangue nas veias! Vio, Senhor, a guerra que os inimigos do Brasil declararam á Vossa Magestade Imperial pelo unico crime de aceitar, e desempenhar o Magestoso Titulo de seu Defensor Perpetuo! Vio... mas não mais, Senhor, basta de soffrimento... ás armas!!! Vós declarastes já a Portugal—Independencia ou Morte—O Brasil todo proclama hoje á uma só voz em todos os angulos dos seus cantões aonde tem podido repercutir o écho deste grito da Liberdade—Pedro, Imperador Constitucional, e Independencia ou Morte.

Tal é, Senhor, o caminho por onde o Brasil tem marchado talvez mais rapidamente, do que elle mesmo podia esperar, á sua Independencia... Seus passos reflectidos sempre, e marcados constantemente pela escala gradual da moderação e da Justiça, mostram que elle se tem constituído legitimamente Nação Independente pelos solidos Principios que o Direito Publico Universal reconhece por constitutivos da sociabilidade, e que tem cumprido todos os seus deveres relativamente a si, relativamente á Portugal, e ás mais nações.

Relativamente á si, porque todas as partes que com-

põem a vasta extensão do Povo Brasileiro tem declarado unanimemente a um só tempo que é sua vontade Soberana fazer um Imperio Constitucional, Independente, de que Vossa Magestade Imperial seja o Chefe Constitucional: e para estabelecer as clausulas deste Pacto Social por meio de uma Constituição liberal, Santa e justa, tem nomeado os seus legitimos Representantes. São estes os principios Constitutivos das grandes Sociedades: e que outra Nação no mundo se tem constituido mais solemnemente?

Relativamente á Portugal, por que sendo principio estabelecido no systema convencional, que quando um povo qualquer rompe o seu Pacto social antigo, para celebrar outro sobre novos principios, é livre a uma parte delle separar-se, e não adherir ao novo Pacto, se as condições lhe não agradarem: e sendo este principio tão sublime, e incontestavel que as mesmas Cortes de Lisboa o reconheceram, neste caso está o Brasil com Portugal. Não lhe agradam as condições do novo Pacto social que este á força de armas lhe prescreve, por serem leoninas, contrarias aos seus interesses, degradativas das Excellências de sua Cathegoria, oppressivas da sua liberdade, prejudiciaes ao seu commercio, offensivas da sua propriedade, e a todos os respeitos indignas de serem recebidas por um Povo livre. . . . e por esta causa o Brasil não quer adherir a este Pacto social e se separa.

Sem que Portugal tenha direito a exigir o cumprimento do Juramento Promissorio que o Brasil prestou de abraçar a Constituição tal, qual a fizessem as cortes de Lisboa; por que este juramento, além de nullo por

ser prohibido expressamente por todas as Leis Divinas e humanas, e pelas Patrias, não chegou a erificar-se, por ser condicional; por quanto o Brasil jurou abraçar a Constituição, que fizessem as Cortes de Lisboa na hypothese de que esta seria, como devia, justa, igual e respeitadora dos seus direitos: e como esta hypothese se não chegou a verificar, tambem o juramento do Brasil, que estava dependente da sua existencia, não chegou a existir, nem póde por isso produzir os seus effeitos. . . . Como não seria monstruoso ver o Brasil reduzido ao antigo estado do seu opprobio, escravo, e recolonisado, só porque tendo prestado um juramento inconsidêrado de abraçar a Lei, que lhe desse Portugal, confiado na boa fé, e esperanza de que ella fosse justa, este abusando da sua indiscreta boa fé, lhe decretasse, como decretado tinha, a sua affrontosa recolonisação Politica!

Tem finalmente o Brasil cumprido os deveres relativos ás mais Nações, por que fez a sua associação de conformidade com os principios constitutivos da sociabilidade, que o direito publico universal prescreve: por que subio ao Throno da Magestade do Reino pelo titulo legitimo do Decreto de 16 de Dezembro de 1815, e tendo todas as Nações reconhecido então a sua Cathedoria, não podem com justiça negar-lhe agora a continuação do mesmo reconhecimento: e se lh'o negarem, deixará o Brasil de ser Nação? deixará de prosperar? . . por que fez a sua separação de Portugal no momento, em que lhe era licito fazel-a por estar dissolvido o antigo Pacto social, e não ter ainda firmado o novo Pacto; nem o querer firmar por ser notoriamente offensivo dos

seus direitos; e Portugal tem desprezado altiva e hostilmente as suas justas reclamações, e enviar tropas contra elle para o obrigar a firmar por força um contracto, que para ser valido depende da vontade livre de ambas as partes contractantes; e finalmente por que o Brasil longe de offender a Realeza, antes a salyou na Pessoa Augusta de Vossa Magestade Imperial, a quem por ser o Successor da Corôa do Reino Unido o Brasil todo acclama hoje muito de sua livre vontade sem coacção, nem força de armas, seu Imperador Constitucional.

Tendes visto, Senhor, a justiça e legitimidade, com que o Brasil tem Declarado a sua Independencia: Dignai-vos ouvir agora os direitos e obrigações reciprocas, que ficam existindo entre Vós, e Elle.

Quer o Brasil sustentar a sua Integridade, e Defender a sua Independencia, e antes morrer que perdê-la: e também quer que a sua fórma de Governo seja a de um Imperio Constitucional, Hereditario na Familia Reinante de Vossa Magestade Imperial, Conservando sempre Vossa Magestade Imperial e seus Augustos Successores o Distincto Titulo de Defensor Perpetuo do Brasil. A fórma deste Governo deve ser organisada pela Assembléa Constituinte, que o Brasil requereu, e Vossa Magestade Imperial Mandou Convocar por Decreto de tres de Junho: e é vontade unanime explicitamente manifestada por todo o Brasil, que os Deputados seus Representantes ordenem uma Constituição Santa, justa, e liberal, que afiance ao Povo, a segurança, a inviolabilidade das suas propriedades, e pessoas: que Decrete, e faça effectiva a responsabilidade dos Ministros de Vossa

Magestade Imperial e de todos os Funcionarios Publicos: e que estabeleça um bem regulado equilibrio entre os tres Poderes. . . . E que ao mesmo tempo declare Inviolavel, Sagrada, e fóra de toda a responsabilidade a Pessoa Augusta de Vossa Magestade Imperial: que em nada offenda as Altas Prerogativas devidas ao lugar eminente, que Vossa Magestade Imperial occupa, como Chefe do Imperio Brasilico: que revista a Vossa Magestade Imperial de todos os Poderes correspondentes: que deposite nas Mãos Liberaes de Vossa Magestade Imperial o Thesouro das Graças da Nação, para as distribuir com justiça áquelles, que a merecerem pela Lei: e que finalmente colloque a Vossa Magestade Imperial no Throno do mais brilhante esplendor, da mais elevada grandeza, e do mais formidavel poder, por tal fórma, que faça a inveja de todos os Principes da terra, sem que a nenhum tenha Vossa Magestade Imperial que invejar em Grandeza, Representação, Poder, e Gloria: que pelo Poder de Vossa Magestade Imperial hade medir o Mundo a Grandeza do Poder do Imperio Brasilico.

Manter por tanto, Senhor, e Defender a Integridade Cathogoria, e Independencia do Imperio Brasilico, e Governar os seus Povos pelos Principios do Verdadeiro, Systema Constitucional, e firmar depois estes Deveres Sagrados com o vinculo do juramento no Fausto Dia de Vossa Magestosa Coroação, é tudo quanto o Brasil espera de Vossa Magestade Imperial: e Elle em reciprocidade se obrigará por outro juramento solemne a reconhecer, como de hoje em diante reconhece a Vossa Magestade Imperial por seu legitimo Imperador Cons-

titucional, e Defensor Perpetuo, e a todos os seus Successores na fórma da Successão, que deve ser regulada pela Constituição, Conservando sempre Vossa Magestade Imperial e Todos Elles o Distincto Titulo de Defensor Perpetuo do Brasil: e Jurará tambem Manter e Defender até os ultimos vites aleutos o Governo Constitucional de Vossa Magestade Imperial e obedecer-lhe em tudo.

Oh Ditoso Imperador, e mais venturoso Povo, se estes juramentos se chegam a firmar, e uma severa observancia lhes der duração eterna!!! Portentoso anno de 1822, tu serás sempre o mais remarcavel, dos annaes da historia... que novos principios não ensinás, que lição importante não offereces aos Principes, e aos Povos! que nova ordem de coisas não promettes! Nunca, Senhor, o Systema Convencional dos Povos viu a theoria dos seus principios tão ajustada com a Prática!..

E vós, Senhor, em quem o Brasil tem posto toda a sua esperanza, e o Mundo inteiro tem fitas as mais attentas observações, segui sempre pelo caminho da verdadeira, perfeita e sincera Constitucionalidade, que tanto do Coração Tendes começado a trilhar, se quereis ser venturoso, se quereis ser immortal, se quereis ser grande, a experiencia passada do Vosso Governo faz a prova incontestavel de que só este caminho vos pôde levar ao Templo da verdadeira Gloria!

Os duvidosos principios, que o Ministerio de Vossa Magestade Imperial manifestou de Abril de 1821 a 9 de Janeiro do corrente anno, afugentaram de Vós todas, ou quasi todas as Provincias do Brasil. Mostrou-se o novo

Ministerio verdadeiramente Constitucional, e todas as Provincias principiaram logo a correr em torno do Throno de Vossa Magestade Imperial... empregou este uma simples expressão, verdadeiro lapso de penna, em divergencia do mesmo systema, e foi bastante motivo para desconfianças: acodio em tempo o Aureo Decreto de 3 de Junho, e a sua Constitucionalidade sem equivoco desviou todas as desconfianças; e é ao seu divino Liberalismo que o Brasil deve hoje a sua união; a sua integridade, e a sua Independencia, e Vós, Senhor, a Vossa Elevação ao Throno Imperial.

Santo Liberalismo, e tu doce amor da verdadeira Gloria, e da Solida Grandeza! vós que criaes os genios raros dos grandes Principes, e os guiaes pela estrada immortal da virtude, do heroismo, e do amor dos Povos, vinde, cu vos invoce, e mostrai ao nosso Joven Imperador, em vivas cores, a fealdade da escravidão, e a nobreza da Liberdade... abri-lhe o codigo da Natureza, e dai-lhe a ler os Direitos immutaveis do homem Cidadão, e a rigorosa obrigação que os principes tem de os respeitar... Mostrai-lhe os horrores do Despotismo, e a formosura da Constitucionalidade, que aquelle desentronisa Reis, e esta dá Imperios... Levai-o ao Templo recondito de um porvir brilhante, e correndo o espesso véo, que encobre os seus destinos, permiti-lhe que veja o Brasil collocado acima de todos os Imperios, nadando em rios do precioso nectar da abundancia e da riqueza, da Civilização, e da Philantropia, da Grandeza, e da Gloria... e os seus Pavilhões fluctuando livremente em todos os mares, para elles livres, e a Europa inteira abraçando a sua amizade, e solicitando o seu Commer-

cio... Deixai tambem que veja nossos felizes descendentes abençoando os dias venturosos, que geraram tão bemfazejo genio... Mandai finalmente ao Sacerdote do Grande Templo que lhe franqueie o ingresso até os brilhantes Padrões da Eternidade, e nelles veja a Legenda em Letras de Ouro, que eu lá diviso escripta: —

« Ao Valor de Pedro Defensor Perpetuo, e á sua
« Constitucionalidade, a Independencia, a Liberdade, a
« Grandeza, a Gloria, o Brasil deve. »

Rio de Janeiro, no Fausto dia 12 de Outubro de 1822.

José Clemente Pereira.



EMENDAS

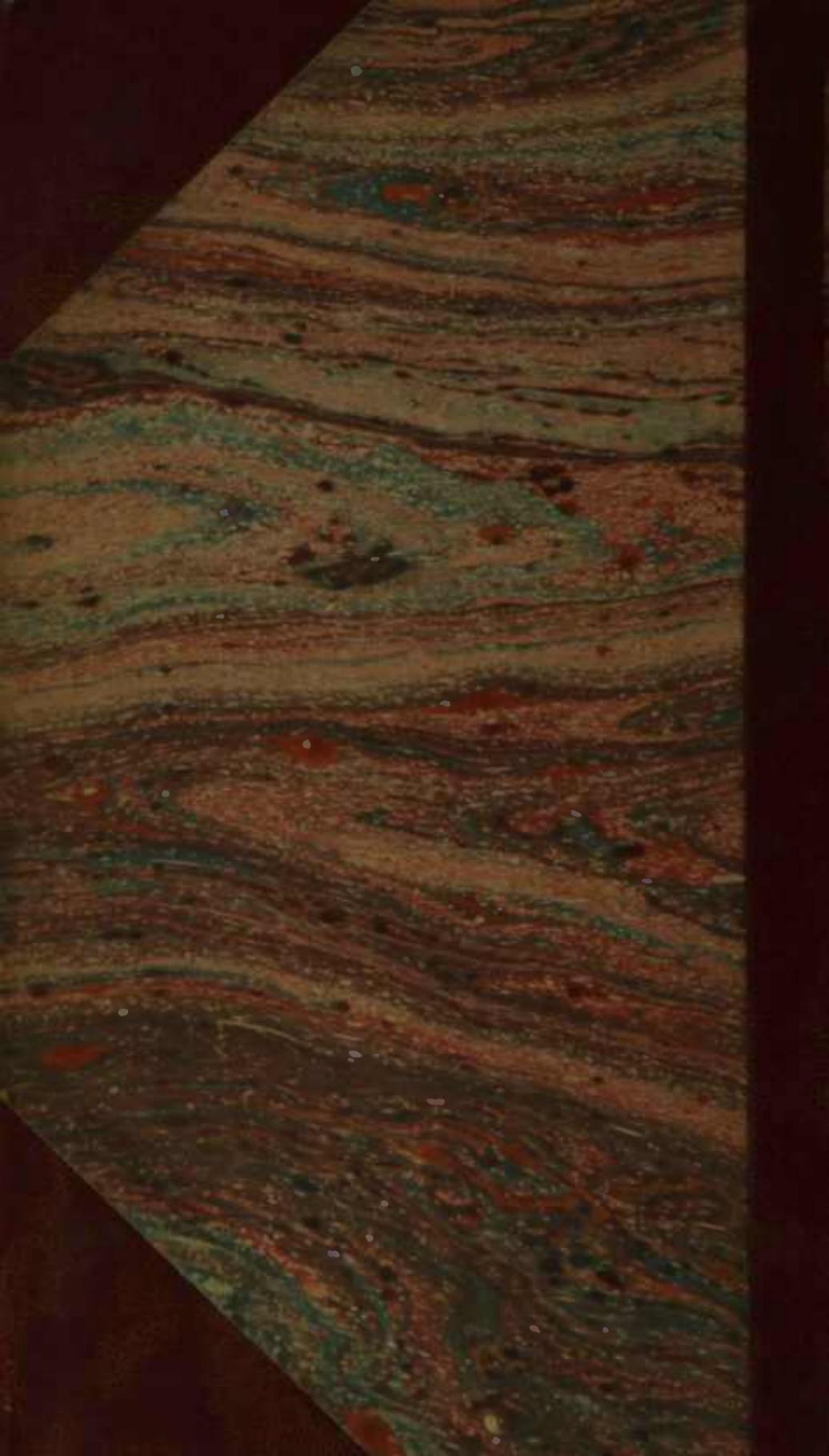
DO AUCTOR Á ALGUNS DESCUIDOS SEUS, E Á ALGUNS ENGANOS DE COPISTAS, E DA TYPOGRAPHIA.

TOMO PRIMEIRO.

PAG.	VERSOS.	ERROS.	EMENDAS.
15	17	Tu, que d'um outro amor puro, e jucundo,	E tu, que d'outro amor puro, e jocundo,
19	7	Até no inferno está sempre em custodia,	No inferno quasi está sempre impedida,
»	8	Tanto la mesmo teme-se a Discórdia!	Pois la mesmo a Discórdia é tão temida!
24	17	O grupo destes	A turma destes
25	12	Dedaléo fora um outro labyrintho!	Dedáleo fora escuro labyrintho!
32	4	Que outro maior do que eu será quem faça	Que outro maior do que eu será que o-faça.
35	5	O Heroe, como pasmo, inda escutava	O Heroe, como em pasmo inda escutava
36	9	Volveu da seva	Volveu da selva
»	22	Ou mesmo sobre a America fallasse.—	Ou inda sobre a America fallasse —
39	15	Do Genovez que fique	Do Genovez pois fique
40	1	Quem sabe si afouto navegante,	Quem sabe si o afouto navegante,
42	7	A quem nem-um em vegetaes egual	A que nem-um em vegetaes eguala
49	8	Mas ilha, ou grupo, e outro grupo a Islandia	Mas ilha, ou turma, e outra turma a Islandia.
51	23	Nomes a quem o tempo se-submette,	Nomes aos quaes o tempo se-submette,
53	19	atterra,	atterra,
»	21	faicho	facho
55	10	Um outro bello Estado americano :	Outro famoso Estado americano:
56	19	Em grupos divididas	Em turmas divididas
57	23	é quem banha,	é que banha,
59	11	o grupo das antilhas,	a turma das antilhas,
65	23	Um bispo, e todo clero em grupo forte	Formando um bispo, e o clero um corpo forte,
80	24	Alli um grupo n'um abysmo expira!	Mas alem outra n'um abysmo espiral
84	3	O faixo da Discórdia a tudo atterra,	O facho da Discórdia a tudo aterra,
85	2	Morreram,	Morrerão,
103	2	que descorre	que discorre
121	11	E nas pôpas os ventos tremulavam	E nas pôppas aos ventos tremulavam
134	15	Para quem era o rei objecto santo,	Para o qual era o rei objecto santo,
»	16	O qual, longe, não via ha tempo tanto!	E que, longe, não via ha tempo tanto!
135	2	a quem deixára,	ao qual deixára,
139	2	hardido,	ardido,
144	13	hispania,	Hispania,
179	20	Manda-me a de São-Paulo hoje a cidade	Manda-me de São-Paulo hoje a cidade.
208	1	Entre os usos	Entre os lusos
214	1	não sentido	não sentindo
228	18	Inimigos de Deos são reputados;	Tão impios, tão soberbos, tão ousados;
239	12	A stirpe que do fundo seu	A stirpe, que do peito seu
253	9	Damasio	Damasco
257	5	Do bellicoso franco	Do bellicoso gallo
280	23	Os que ardentes deixou ares immensos	Nos que ardentes deixou ares immensos
»	24	Tremolam raios de clarões intensos!	Tremulam raios de clarões intensos!
284	22	docura	doçura







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).